

HISTÓRIA DEMOGRÁFICA DE ITAJAÍ
UMA POPULAÇÃO EM TRANSIÇÃO
1866 - 1930

POR

MARIA BERNARDETE RAMOS FLORES;

DISSERTAÇÃO

Submetida a Univerdidade
Federal de Santa Ca-
tarina para ob-
tenção de
grau de

MESTRE EM HISTÓRIA

Florianópolis

UFSC

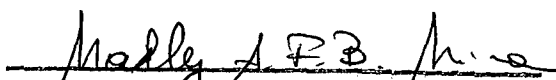
Agosto de 1979.


HISTÓRIA DEMOGRÁFICA DE ITAJAÍ
UMA POPULAÇÃO EM TRANSIÇÃO
1865.- 1930

Dissertação apresentada

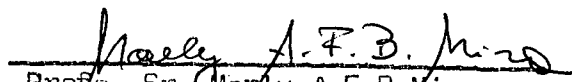
por


MARIA BERNARDETE RAMOS FLORES


Profª. Dra. Marly A.F.B. Mira
ORIENTADORA


Profª. Dra. Marly A. F.B. Mira
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA


Profª. Sr. Marly A.F.B. Mira


Prof. Dr. Lawrence James Nielsen


Prof. Dr. Victor Antonio Peluso Jr.

OFERECIMENTO

Ao Osni, meu marido.

Sem sua ajuda e compreensão, impossível
seria realizar este trabalho.

Aos meus filhos:

Cláudia Regina,
Cláudio Roberto e
Ana Camila

Aos quais, tudo é pouco, pelo muito
que significam.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Walter F. Piazza, Coordenador da Pós-Graduação em História, da UFSC, pelos ensinamentos e incentivos a nos dirigidos.

À Profa. Dra. Marly A. F. B. Mira, orientadora deste trabalho, pelo acompanhamento constante e pela gentileza com que sempre nos recebeu.

Ao Prof. Dr. Lawrence J. Nielsen, co-orientador, por ter acompanhado, de perto, a parte metodológica e de análises, mostrando-se sempre pronto e solícito aos nossos problemas.

Ao Dr. Edson Vilela, Presidente da FEPEVI, pelas palavras de estímulo que nortearam este trabalho.

Ao Dr. Saulo L. Heusi, na pessoa de seu pai, Sr. Arnaldo Heusi, pela gentileza com que colocou o Arquivo do Cartório Civil de Itajaí ao nosso inteiro dispor.

À Maria Verena Heil, funcionária da Casa Paroquial de Itajaí, pela prontidão com que sempre colocou os livros da Paróquia a nossa disposição.

À Eusa Maria Alves Matos, funcionária da Cúria Metropolitana por nos ter tratado e atendido com gentileza, durante toda a fase de pesquisa nos livros eclesiásticos, no Arquivo Metropolitano.

Aos meus pais e irmãos, por me desculparem pela pouca atenção que lhes tenho dispensado nestes últimos tempos.

A todos quanto, de forma direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho fosse realizado.

HISTÓRIA DEMOGRÁFICA DE ITAJAÍ
UMA POPULAÇÃO EM TRANSIÇÃO

1866 - 1930

RESUMO

Itajaí, litoral norte de Santa Catarina, fundado a 31 de março de 1824 e povoado por descendentes de açorianos, vicentistas e outros lusos-portugueses, teve seu crescimento populacional acelerado devido as grandes ondas migratórias da vizinhança, em grande parte, que passou a absorver em decorrência, principalmente, de sua posição geográfica, como porto escoador dos produtos do interior e receptor de produtos importados e até mesmo de imigrantes europeus.

Devido a heterogeneidade de sua população e a sua situação geográfica, a sociedade itajaiense caminha a passos largos na transformação de seus costumes e alcança em tempo hábil, um estágio demográfico próprio das regiões desenvolvidas.

Assim é, que, no intuito de limitar a prole, os casamentos começam a ser retardados. As mulheres, que, em média, casavam aos 19 anos, entre 1876 e 1880, passam a casar-se por volta dos 22 anos, em média, entre 1926 e 1930. E as famílias reduzem o número médio de filhos de 5,52 para 3,75. A natalidade, por sua vez, tem suas taxas diminuídas de 52,7% em 1866 para 30,5% em 1930.

Em termos de saúde, a população também apresenta uma melhora considerável, principalmente quanto às doenças epidêmicas, e a mortalidade baixa de 34,2 óbitos por mil habitantes em 1866, para 11,4 em 1930. Os movimentos sazonais de mortalidade apresentam tendência ao nivelamento das curvas, demonstrando a existência da capacidade humana de controlar a morte nas épocas em que ela se apresenta de forma mais impiedosa.

A Igreja, durante o período analisado, demonstrou certa tolerância quanto aos filhos ilegítimos cujos pais viviam amasiados, batizando-os normalmente, enquanto que os filhos de mães solteiras, cuja paternidade não era reconhecida, levaram sempre a marca de "filhos naturais".

Quanto aos períodos ditos proscritos pela Igreja para casar e conceber, como a quaresma, em março e o advento, em dezembro, não marcaram sensivelmente as curvas de sazonalidade. Dezembro não constituiu, durante todo o período analisado, um mês de baixa nupcialidade, nem tão pouco de concepções. Pelo contrário, foi o terceiro mês mais concorrido para casamentos e o segundo para concepções. Com respeito

ao mês de março, houve uma certa restrição aos casamentos, cujas curvas de sazonalidades apresentaram um maior vazio nos períodos antigos, e uma tendência ao nivelamento, demonstrando afrouxamento da Igreja no sentido de abandonar sua antiga posição quanto ao tempo proibido para casar e conceber. Já, os movimentos sazonais de concepção, traçaram curvas bastante niveladas por todo o período, com uma leve depressão no mês de março, mas que não foi o suficiente para nos indicar a influência da Igreja na vida sexual conjugal.

Por outro lado, embora a grande maioria da população fosse seguidora do catolicismo, a sociedade resistiu à influência da Igreja, com respeito à limitação da natalidade, e obedeceu a fatores de maior força, modernizando-se ao ponto em que mais de 50% das famílias baixaram o número médio de filhos para quatro ou menos.

A B S T R A C T

Itajai, Santa Catarina, was founded officially on 31 March 1824. The founding population was descendent of the Azorian immigrants who came to Santa Catarina in the latter half of the eighteenth century. Given the economic importance of this community as an intermediate port in the "country", trade of the region, the area's population growth accelerated with the influx of immigrants from other regions of Santa Catarina and Brazil.

The heterogeneity of the population of Itajai created an ambient in which customs were rapidly transformed, and demographically speaking, the community became one of the more modern in Southern Brazil. To limit children, couples married later. Women between 1876 and 1880 married around their nineteenth birthday. Between 1926 and 1930, the average age at marriage for women was 22 years. In the same periods, the average number of children per family dropped from 5.52 to 3.75.

In terms of health, the population saw its situation improve. The ravages of epidemic illnesses were reduced, and mortality per thousand inhabitants dropped from 34.2 in 1866 to 11.4 in 1930. The seasonal cycles of mortality tended to level out, indicating that the populace had better control over the agents of death that wrought a premature harvest in earlier populations.

The modifications that occurred in the demographic comportment of the populace of Itajai was also reflected in religious affairs. The Church showed a degree of tolerance toward couples who generated families outside the bonds of religiously sanctioned marriages. Children of doubtful paternity, however, still carried the stigma of illegitimacy.

The periods traditionally proscribed in terms of conception and marriage by the Church were less and less respected by the people. Advent (December), was ignored during the entire period studied, and in spite of ecclesiastical sanctions, was the third highest month in terms of nuptiality. And, December ranked second in the order of importance for conceptions. March, which would normally reflect the

effects of the Quaresma, ceased to show a significant drop in terms of marriages. The Church was losing its influence upon the demographic comportment of the people.

In summary, for the period 1866 and 1930, a transformation in the collective demographic behavior of the populace of Itajai was detected. During this transformation, the people became more modern and more urban in their comportment.

S U M Á R I O

XI
Pág.

INTRODUÇÃO		18
CAPÍTULO I - METODOLOGIA E FONTES		21
1.1. Problemática.		22
1.2. Hipótese geral.		24
1.3. Metodologia adotada		26
1.3.1. Os registros e seus documentos		27
1.3.2. Indexação dos registros eclesias- ticos.		28
1.3.3. A ficha de reconstituição fami- liar		29
1.3.4. Tratamento estatísticos dos even- tos vitais		30
1.3.5. Os coeficientes de crescimento populacional		32
1.3.6. Teoria do universo de 1.200 eventos.		34
1.3.7. Teoria e prática agregativa da Escola de Cambridge.		34
1.4. Fontes.		35
1.4.1. Registros paroquiais		35
1.4.2. Registros civis.		41
1.4.3. Total de registros indexados		46
1.4.4. Dificuldades		46
CAPÍTULO II - POPULAÇÃO ITAJAIENSE		47
2.1. Origens: povoamento e fundação.		48
2.2. População e crescimento		33
CAPÍTULO III - MIGRAÇÃO: PROCEDÊNCIA E EVOLUÇÃO		65
3.1. Introdução.		66
3.2. Migração dentro do raio de 50 km.		69
3.3. Migrantes de outros municípios catari- nenses.		72
3.4. Migrantes de outros Estados brasileiros		74
3.5. Migrantes de outros países.		76
CAPÍTULO IV - NUPIALIDADE		82
4.1. Introdução.		83

	4.2. Origens dos noivos e cruzamentos étnicos.	85
	4.3. Frequência de casamentos	89
	4.4. A idade dos noivos	90
CAPÍTULO	V. - NATALIDADE E FERTILIDADE.	102
	5.1. Introdução	103
	5.2. Natalidade em Itajai	104
	5.3. A fertilidade da mulher itajaiense	110
	5.4. Intervalos médios entre os nascimentos	118
CAPÍTULO	VI - MORTALIDADE	124
	6.1. Introdução	123
	6.2. As taxas de mortalidade.	126
	6.3. Principais causas mortis	134
CAPÍTULO	VII - SAZONALIDADE.	140
	7.1. Introdução	141
	7.2. Movimento sazonal de casamentos.	141
	7.3. Movimento sazonal de concepções.	147
	7.4. Movimento sazonal de óbitos.	154
CAPÍTULO	VIII - TAMANHO DA FAMÍLIA.	168
	8.1. Introdução	169
	8.2. Tamanho da família itajaiense.	170
	CONCLUSÃO	175
	ANEXOS.	179
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	185

T A B E L A S.

	XIII
	Pág.
I.1. Coeficientes de Crescimento Populacional	32
I.2. Livros Paroquiais no Arquivo Arquidiocesano em Flo- rianópolis	38
I.3. Livros Paroquiais na Casa Paroquial de Itajaí.	40
I.4. Livros de Óbitos no Registro Civil de Itajaí	42
I.5. Total de Registros Indexados	45
II.1. População Geral.	60
III.1. Procedência dos Noivos	67
III.2. Procedência das Noivas	68
IV.1. Origens dos Noivos e Noivas e Cruzamentos Étnicos.	84
IV.2. Taxas de Casamentos por mil Habitantes	87
IV.3. Casais que possuíam Filhos antes do Casamento.	88
IV.4. Idade das Noivas	93
IV.5. Idade Média no Casamento	97
IV.6. Idade dos Noivos	100
IV.7. Diferença Entre as Idades dos Noivos	101
IV.8. Noivas mais Idosas que os Noivos	101
IV.9. Concepções Pré-Nupciais.	102
V.1. Taxas Brutas de Natalidade Anuais.	106
V.2. Taxas Brutas de Natalidade Quinquenais	109
V.3. Coeficiente de Fertilidade-Idade Específica.	111
V.4. Coeficiente de Fertilidade entre 20 e 29 Anos.	115
V.5. Número Médio de Filhos por Faixa Etária.	117
V.6. Intervalo entre os Nascimento	119
V.7. Intervalo Médio entre os Nascimento	121
VI.1. Taxas Brutas de Mortalidade Anuais	127
VI.2. Taxas Brutas de Mortalidade Quinquenais.	131
VII.1. Eventos Vitais de Casamentos	142
VII.2. Médias Mensais de Casamentos	146
VII.3. Eventos Vitais de Concepções	148
VII.4. Médias Mensais de Concepções	152
VII.5. Eventos Vitais de Óbitos - Até 11 Meses de Idade	155
VII.6. Eventos Vitais de Óbitos - Entre 1 e 15 anos de Idade.	156

VII.7. Eventos Vitais de Óbitos - Entre 16 e 30 anos de Idade.	157
VII.8. Eventos Vitais de Óbitos - Entre 31 e 50 anos de idade	158
VII.9. Eventos Vitais de Óbitos - Maiores de 50 anos.	159
VIII.1. Famílias com um ou mais Filhos	172
VIII.2. Famílias com quatro Filhos ou menos.	173
VIII.3. Idade das Mulheres ao dar à Luz seu Último Filho	173
VIII.4. Anos de Casamento quando o Último Filho Nasceu	173
VIII.5. Número Médio de Filhos por Família	173

1 - Transição Demográfica-Diagrama Teórico	25
2 - Noivos Procedentes de Paróquias Vizinhas num Raio de 50 km.	71
3 - Noivos Procedentes de Outros Municípios Catarinenses além do Raio de 50 km.	73
4 - Noivos Procedentes de outros Estados Brasileiros.	75
5 - Noivos Procedentes de outros Países.	77
6 - Taxas de Casamentos por mil Habitantes.	87
7 - Taxas Brutas de Natalidade Anuais.	105
8 - Taxas Brutas de Natalidade Quinquenais.	107
9 - Taxas de Fecundidade.	112
10 - Coeficiente de Fertilidade.	116
11 - Intervalo Médio entre os Nascimentos.	112
12 - Taxas Brutas de Mortalidade Anuais.	130
13 - Taxas Brutas de Mortalidade Quinquenais.	131
14 - Movimento Mensal de Óbitos-Propor. p/1.200.	133
15 - Movimento Sazonal de Casamentos.	144
16 - Movimento Sazonal de Casamentos-Períodos de 20 Anos.	145
17 - Movimentos Sazonais-Concepções e Casamentos.	150
18 - Movimentos Sazonais-Concepções e Óbitos.	160
19 - Movimento Sazonal de Concepções-Períodos de 20 Anos.	153
20 - Movimento Sazonal de Óbitos-Até 11 meses de Idade.	160
21 - Movimento Sazonal de Óbitos-Entre 1 e 15 anos de Idade.	161
22 - Movimento Sazonal de Óbitos-Entre 16 e 30 Anos de Idade.	162
23 - Movimento Sazonal de Óbitos-Entre 31 e 50 Anos de Idade.	163
24 - Movimento Sazonal de Óbitos-Maiores de 50 Anos.	164
25 - Evolução Secular da Natalidade e da Mortalidade.	178

FIGURAS

XVI

	Pág.
1 - Santa Catarina - Divisão Administrativa - 1872	35
2 - Santa Catarina - Divisão Administrativa - 1954	58
3 - Santa Catarina - Divisão Administrativa - 1958	62
4 - Colonização Alemã	72
5 - Colonização Italiana	80

ANEXOS:

XVII

Pág.

I - Fichas Para Indexação de Batizados	180
II - Fichas Para Indexação de Casamentos	181
III - Fichas para Indexação de Óbitos	182
IV - Ficha Para Reconstituição Familiar	183
V - Ficha Para Agregação Anônima	184
VI- Fertilidade por Faixa de Idade - Numeros Reais	185

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui dissertação de Pós-Graduação em História, a nível de Mestrado, versando sobre estudos históricos demográficos da população da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, entre 1866 e 1930, tendo como objetivo constatar mudanças comportamentais na sociedade que demarquem a evolução na transição de uma demografia tradicional-agrícola para uma demografia moderna, industrial ou malthusiana.

A escolha recaiu sobre a Paróquia do Santíssimo Sacramento, por dois motivos: primeiro, por se tratar da localidade de residência do mestrando; segundo, por ter a Paróquia estendido-se a uma região relativamente ampla, atendendo a um bom número de fregueses, cujo levantamento de seus eventos vitais viria a constituir um apreciável volume de material próprio para uma análise de transição demográfica, permitindo, em pouco mais de meio século, captar o comportamento da sociedade, o que em outras paróquias de dimensões menores, seria necessário um período de, pelo menos, dois ou três séculos.

Escolheu-se História Demográfica por várias razões. Nas palavras de Pierre Chaunu:

Toda ciência humana, sem uma possante base demográfica, não passa de um frágil castelo de cartas; toda História que não recorra à Demografia, priva-se do melhor instrumento de análise.¹

O homem é o mais fundamental elemento de qualquer comunidade humana. Ele é, por si só, o agente da História. Por isto deve ser conhecido, não só nas suas cifras globais, mas na sua estrutura demográfica: a redução e o adiamento da nupcialidade, o controle da natalidade, a melhoria de saúde, o alargamento da expectativa de vida, são atitudes que não são tomadas por acaso.

À História Demográfica, interessa estudar, não só as causas que concorrem para impulsionar estas transformações, mas também o seu mecanismo, reconstituindo o quadro do comportamento das populações do passado, possibilitando, a partir daí, a compreensão de outros aspectos de suas histórias.

No mundo pleno dos computadores, das estatísticas, das previsões, a História Demográfica vem ganhando campo, no afa dos estu-

diosos de compreenderem e explicarem as disparidades entre os diversos padrões de comportamento das sociedades, que às vezes, são consideradas entraves ao progresso almejado por todos.

O estudo foi feito com base nos eventos vitais de casamentos, batizados e óbitos que encontram-se registrados com dados seguros a partir de 1866. O período anterior, entre a fundação da Paróquia (1824) e 1866, fugiu ao alcance da pesquisa por apresentar deficiências nas suas fontes históricas. Os registros paroquiais contém uma série de falhas impedindo a sua análise.

Deixou-se de estudar a situação do escravo itajaiense e outros aspectos da sociedade, por falta de tempo e espaço.

No entanto, procurou-se explorar fatores, tais como: a tendência secular da natalidade e da mortalidade, a atitude da sociedade diante das implicações religiosas, o cuidado com os problemas de saúde demonstrando posição racional diante da morte e a receptividade aos elementos migrantes. Estes fatores foram vistos como indicadores de evolução e permitiram situar a população itajaiense na transição demográfica.

RODAPÉ

1 - CHAUNU, Pierre. História: Uma Ciência Social. p.375

C A P Í T U L O I

M E T O D O L O G I A E F O N T E S .

1.1. - PROBLEMÁTICA

"A passagem para uma demografia malthusiana é uma transformação que toda sociedade encontra, cedo ou tarde, no caminho da industrialização".¹

Partindo-se desta afirmação, o presente trabalho tem como objetivo constatar, entre 1866 e 1930, o momento em que a população da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, litoral Norte de Santa Catarina, mostra sinais de transição demográfica. Estes sinais são visíveis, quando a população: 1) começa a casar mais tarde - os casamentos retardados são práticas malthusianas evidentes; 2) reduz o número de filhos por família - com a modernização, o número de filhos baixa, em média, a quatro ou menos; 3) transgride as normas morais da Igreja, deixando de observar os períodos proibidos para casar e conceber e, principalmente, introduzindo na sociedade as práticas contraceptivas tão relegadas pelo cristianismo que considera as relações conjugais com finalidades procriadoras. Este comportamento é assumido pelas populações em decorrência da baixa na mortalidade com o avanço dos recursos que alargam a expectativa da vida.

Não fora mera coincidência, o surgimento da História Demográfica no momento pós-segunda guerra, num momento em que ficou nítida a distância que separa os povos do mundo desenvolvido daqueles que habitam o chamado Terceiro Mundo. Os países do Terceiro Mundo demonstraram um acelerado ritmo de crescimento demográfico devido, essencialmente, à queda acentuada da mortalidade. Estes países lutavam, desesperadamente, para saírem da situação asfixiante de nações agrícolas e encontrarem, pela industrialização, o caminho de sua emancipação econômica. Por outro lado, os países desenvolvidos da Europa e da América do Norte haviam alcançado um equilíbrio no crescimento demográfico.

Comparando-se os dois quadros, chegou-se a formulação da "teoria de transição demográfica", a qual estabeleceu que as populações humanas, inicialmente, apresentavam "taxas agrícolas" de crescimento demográfico, caracterizado por altas taxas de mortalidade e de natalidade, o que possibilitava um crescimento demográfico médio e até a baixos níveis. Com a evolução e a diminuição da mortalidade, houve uma explosão demográfica, porque as taxas de natalidade não baixaram no mesmo instante e nem na mesma intensidade. Este período temporário,

entre a queda da mortalidade e a queda da natalidade constitui um período denominado de "transição demográfica, pois o equilíbrio demográfico é restabelecido com as "taxas industriais", onde a mortalidade e a fertilidade equiparam-se, desta vez, ambas em baixos níveis.²

Foi na Europa noroestina que se foi buscar o modelo para determinar as fases da teoria da transição demográfica. Lá, constatou-se que, enquanto antes de 1750, mortalidade e natalidade se equilibravam, ambas em alto nível (30-35 por mil e 35-40 por mil respectivamente), a partir de 1750, esse equilíbrio é abalado pela baixa secular da mortalidade que diminui de 50% num século (1750-1850). Há, então, um desequilíbrio e o excedente demográfico é grande. A tendência a atingir um novo equilíbrio, faz-se sentir, quando, a partir de 1850-75, começa a baixa secular da própria natalidade num ritmo mais rápido, o que faz com que o novo equilíbrio seja alcançado em 1930; desta vez porém, mortalidade e natalidade em níveis baixos. (10-15 e 15-20% respectivamente).

Nesta dinâmica demográfica da Europa noroestina, distingue-se quatro fases:

1 - Pré-hiato demográfico (até 1750-75)

Quando há equilíbrio natural da natalidade e da mortalidade em altos níveis e um ritmo moderado de crescimento demográfico.

2 - Abertura do Hiato Demográfico (1750-75 até 1850-75)

Quando o ritmo de crescimento se acelera, com a baixa secular das taxas de mortalidade enquanto que as taxas de natalidade permanecem altas. Esta é a fase da explosão demográfica.

3 - Fechamento do hiato demográfico (de 1850-75 a 1925-50)

É o momento da mudança de valores sociais referentes à fecundidade humana. É o início da baixa secular da natalidade junto com o contínuo decréscimo da mortalidade e, em consequência, a desaceleração da expansão demográfica.

4 - Pós-hiato demográfico (depois de 1925-50)

Quando um novo equilíbrio racional da natalidade e mortalidade é estabelecido, ambos em baixos níveis (15-20 e 10-15% respectivamente) e, por conseguinte, estabilização do ritmo de crescimento (0,5-1,0)³ (gráfico 1).

Este modelo é válido para outras partes do mundo, o Terceiro Mundo, por exemplo, e entre ele a América Latina, só que a transição dá-se num ritmo mais acelerado, devido à importação de recursos para diminuir a mortalidade e de técnicas para limitar a natalidade.

Mas, não raras vezes, países do Terceiro Mundo, esforçam-se para introduzir na sociedade as práticas malthusianas, artificialmente, para apressar o desenvolvimento e deparam-se com resistências que demonstram que o fenômeno ultrapassa a técnica demográfica, colocando em causa toda a armação cultural. A difusão dos métodos contraceptivos correspondem a uma atitude frente à vida.

Mudança afetiva que conduz a querer garantir o futuro dos filhos, pela educação, a elevação do nível de vida e não apenas fazê-lo nascer que conduz igualmente a atribuir valor ao casal e a civilizar as relações conjugais. É também uma transformação ética, que conduz a dissociar, no casamento, o prazer, da geração, quando a doutrina da Igreja justificava o primeiro pelo segundo.⁴

Dar ao Brasil, numa escala de valores, o lugar que ele ocupa na transição demográfica, rumo ao ponto máximo, às taxas de crescimento industrial, tão almejada pelos países não desenvolvidos ou em via de desenvolvimento, torna-se difícil: devido a grande disparidade que existe entre suas regiões. Existe um Brasil rico, industrializado, o Sudeste, e um Brasil pobre, o Nordeste, o Norte o Centro Oeste.

Generalizando, o Brasil é um dos países que mais cresce demograficamente (2,8% ao ano). Enquanto que a Argentina cresce 1,5%, Chile 1,8%. Os Estados Unidos crescem 0,8% e União Soviética 0,9%. Entre os países mais populosos, o Brasil ocupa o 1º lugar na América Latina e o 8º, no mundo.

Em Itajaí, é possível, que a transformação verificada, num tempo ainda remoto, tenha sido provocada pela influência dos imigrantes que contribuíram, desde cedo, para a formação do povo Itajaense, embora fosse a maioria seguidora do catolicismo.

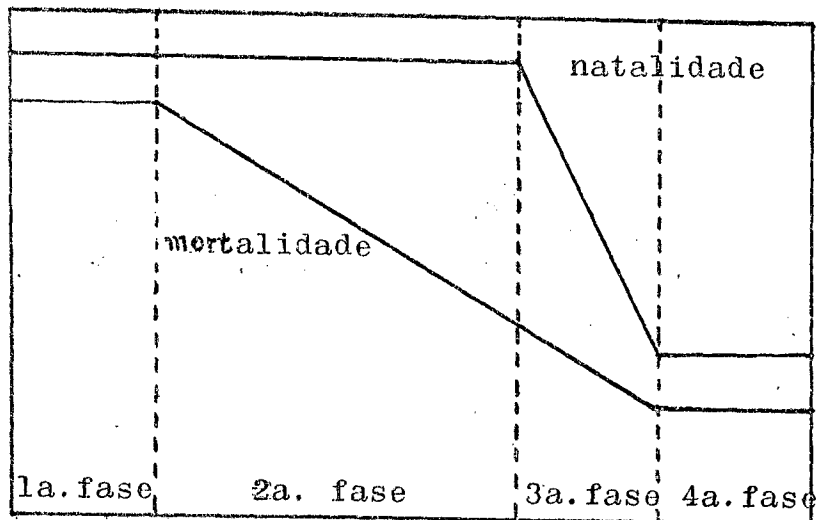
Além disso, tem-se, ainda, a considerar a sua posição geográfica. Situada no litoral Norte de Santa Catarina, a população de Itajaí, em decorrência de sua atividade portuária, esteve sempre exposta ao contágio das transformações ocorridas na Europa, no mundo desenvolvido. As populações encravadas em regiões litorâneas, envolvidas com o

comércio exterior, estão, pode-se dizer, diante dos reflexos do mundo moderno, e são atingidas, antes de qualquer outra região, pelas mudanças coletivas da sociedade.

Por outro lado, a diminuição da mortalidade provocada pelo zelo das autoridades diante das doenças epidêmicas (o último grande surto de varíola, em Santa Catarina, deu-se em 1872) deve ter forçado as famílias a reduzirem sua prole.

GRÁFICO 1

TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA (DIAGRAMA TEÓRICO)



Fonte: BELTRÃO, Pedro Calderan: Demografia Ciência da População Análise e Teoria, p.170

1.2. HIPÓTESE GERAL

De 1860 a 1930, a população de Itajaí passou por uma transição demográfica, quando deixou de ser uma população tradicional-agrícola e evoluiu para uma população urbana, moderna-malthusiana.

Nesta transição, a população:

- 1 - começou a casar mais tarde;
- 2 - reduziu o número médio de filhos por família de seis até quatro;
- 3 - deixou de observar os períodos tradicionais para casar e conceber filhos;
- 4 - sofreu um melhoramento em termos de mortalidade.

Esta transição foi, em parte, influenciada pelos imigrantes que vieram com os seus diversos costumes. Devido a origem católica dos povos, em vez de limitar o tamanho da família por meio do aborto ou infanticídio, fez através do tardio casamento, já presente em leis portuguesas desde o século dezesseis e pela abstenção do ato sexual.

Com a queda da influência da Igreja, que acompanha a evolução da população, passaram a limitar o número de filhos por outros meios e casar em períodos outrora proscritos.

1.3. - METODOLOGIA ADOTADA

Foi na França, na década de 1950, que se começou a pesquisar os arquivos paroquiais e L. HENRY utilizou-os, criando o método de reconstituição de famílias e outras técnicas de análise estatística, dando à demografia histórica uma base científica sólida. Logo depois, historiadores ingleses, como PETER LASLETT, E.A. WRIGLEY, T.H. HOLLINGSWORTH e outros, adotaram e modificaram o sistema dos franceses, acrescentando à demografia histórica a estrutura social. Nas palavras de E.A. WRIGLEY:⁶

La demografia histórica se ocupa de todos los hombres y mujeres y no solamente de aquellos que fueron poderosos, de buena familia, ricos e cultos. Analizando los registros parroquiales, los censos de habitantes, los informes redactados para las autoridades encargadas del censo y otros documentos similares, podemos penetrar en las vidas de la gente del pasado, comparando al campesino con el gentilhomme, al minero con el obrero textil, al hombre del campo con el habitante de la ciudad, etc...

A propósito dos registros eclesiásticos, explorados pelos franceses e ingleses, são poucos os profissionais historiadores que não reconhecem a sua utilidade para analisar os procedimentos demográficos de populações do passado. Porém, existe pouca coisa escrita em português sobre esta metodologia de pesquisa e análise. Por outro lado, os modelos europeus, nem sempre adaptam-se, em tudo, aos trabalhos brasileiros que, neste sentido, ganham campo, constantemente, nos últimos tempos.

Com o propósito de preencher esta lacuna, Lawrence James NIELSEN⁶, elaborou um trabalho formulando uma metodologia e fichas que podem ser utilizadas para pesquisar os registros eclesiásticos brasileiros. Embora, afirme que:

Para maior informação sobre teoria e metodologia de análise de história demográfica, o leitor é convidado a procurar a literatura em francês, inglês, e a pouca que existe em português sobre o assunto. Também este trabalho não pretende substituir os trabalhos de Louis Henry e seus colegas, nem de E. A. Wrigley, T. H. Hollingsworth e seus seguidores. As publicações destes devem fazer parte da coleção de livros de todas as bibliotecas universitárias do Brasil.

Com base, principalmente, na metodologia indicada por Lawrence J. NIELSEN, é que se procurou elaborar a história demográfica da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

1.3.1. Os Registros e Seus Documentos

São três os registros eclesiásticos de acontecimentos vitais: de batizados, de casamentos e de óbitos.

- a) Registros de Batizados: É o documento eclesiástico que corresponde ao registro civil de nascimento, únicas fontes de informações que permitem o estudo do nascimento e assuntos aliados até o aparecimento do registro civil. No entanto, os registros de batizados, são até época bem recente, mais completos que os registros civis, porque toda a população era católica e havia menor possibilidade de alguém morrer antes de ser batizado do que antes de ser registrado no cartório civil.
- c) Registros de casamentos: dos três tipos de documentos vitais, os registros de casamentos geralmente são mais compridos e mais compli-

cados. Além da data, lugar do casamento e preâmbulo, estes documentos dão os nomes dos contraentes, os dois pares de pais, e das testemunhas. Ainda indicam a procedência dos contraentes e, muitas vezes, a idade dos noivos. Depois do texto e a assinatura do celebrante, acha-se a assinatura, marco ou arrogo das testemunhas.

c) Registros de Óbitos: Estes são muitas vezes, bastante incompletos. Alguns padres registraram um mínimo de informações sobre o defunto. Os melhores registros para fins demográficos, indicam o nome do defunto, quando foi e do que morreu, os nomes de parentes, e no caso de escravos, os nomes dos donos e onde foi sepultado.

Todas estas três classes de documentos são indispensáveis para qualquer pesquisa de história demográfica que tem como seu objeto, "algo mais do que uma experiência de ficção matemática ou jogos teóricos para justificar as conclusões tiradas de um censo".

Como se pode notar, todos os documentos contém as mesmas informações, pelo menos as principais. Todos começam com a data e o lugar onde foi solenizado o ato. Depois vem o nome do batizando, do falecido ou dos contraentes. Em seguida os nomes dos parentes. Este facto facilita a pesquisa sistemática destes registros, pois permite ao pesquisador usar fichas uniformes que podem ser preparadas em grande quantidade e com antecedência.

1.3.2. Indexação dos Registros Eclesiásticos

As fichas para indexar os registros eclesiásticos são cinco: duas para batizados, uma para casamentos e duas para óbitos. As duas para batismo e as para óbitos são destinadas a segregar os livros dos escravos.

As fichas mostradas nos anexos I, II e III foram adaptadas aos respectivos documentos vitais das paróquias brasileiras, mais ricos em informações do que aquelas, por exemplo, da Inglaterra. Por isso, diferem bastante da forma utilizada pelos europeus.

Estas fichas têm espaço para todos os dados que, comumente, encontram-se nos registros paroquiais. Outros dados importantes, como por exemplo, entre os batizados, a procedência dos avós, ou que o batismo foi em casa e o batizando em perigo de vida, são anotados no comentário.

1.3.3. A Ficha de Reconstituição Familiar (FRF)

A ficha de reconstituição familiar (anexo IV), é uma modificação feita por Lawrence James NIELSEN da ficha utilizada por E. A. Wrigley para recompor as famílias do passado. A ficha tem quatro partes que correspondem aos passos de pesquisa e interpretação. A primeira parte corresponde aos dados tirados dos registros de casamentos e incluem os seguintes itens: nomes dos contraentes, nomes dos pais, número do registro de casamento, data e lugar do casamento. A segunda parte é feita para organizar os dados dos eventos vitais do casal. Incluem dados tirados das fichas batismais, de óbitos e de casamentos que se referem a cada um dos contraentes; data e lugar do batismo, data e lugar de sepultamento, anos de casamento no dia da morte, causa da morte e outros casamentos. Os dados que se referem à mãe são os mais importantes, porque, sem eles, é impossível fazer-se os cálculos da quarta parte que deixam as FRF completas. A terceira parte é composta dos dados sobre os filhos. Para cada filho do casal, anota-se as informações tiradas das fichas de indexação de batismo, óbitos e casamentos que se referem a este filho. A quarta parte trata da análise do intervalo entre cada batismo ou nascimento, a idade da mãe ao nascer cada um de seus filhos, a análise do número de nascimento e o número de anos casados para cada faixa de idade da mãe em que ela ficou exposta ao risco da natalidade.

Deve-se tirar o máximo proveito das FRF, pois é a partir da reconstituição destas, que os eventos vitais assumem importância histórica e demográfica. A razão de estudar a família, nas palavras de E. A. WRIGLEY, citadas por Lawrence James NIELSEN, é:

A unidade básica de procedimento demográfico é a família, instituição mais universal de todas. As medidas usadas por demógrafos são construídas dos eventos que ocorrem no ambiente familiar. Quando se todos os nascimentos modificam famílias existentes. No caso de casamentos, não somente são duas famílias modificadas, mas uma nova é formulada. Demografia mede o ritmo e número destes eventos familiares e a estrutura da população em que estes acontecem.

No presente trabalho, depois de se concluir a indexação dos casamentos, batizados e óbitos, reconstituiu-se 9.993 famílias, sen-

do que 4.143 eram fichas de famílias cujos pais haviam casado na Paróquia e 5.850 eram de migrantes que entraram na região, já casados.

As 4.143 fichas das famílias cujos pais haviam casado na paróquia ficaram, praticamente completas, com exceção da parte dos óbitos. A quarta parte da ficha, a que mais interessa à análise de transição demográfica, por dar indicações sobre a natalidade e a fecundidade, embora a mortalidade não seja menos importante, foi completada satisfatoriamente, pois encontrou-se bom número de dados sobre as mães. Desta série de ficha, separou-se para efeito de análise, tais como: idade dos noivos, idade da mãe e anos de casamento no nascimento de cada um de seus filhos, número de filhos por família e intervalo entre os nascimentos, sete Coortes que nos forneceram um índice de 1.421 famílias.

Para se constituir as Coortes, usou-se o seguinte critério:

- a) os noivos casaram-se na paróquia;
- b) batizaram, pelo menos, um filho na paróquia.

As Coortes ficaram assim constituídas:

- Coorte A (1866-1870) com 104 famílias;
- Coorte B (1876-1880) com 90 famílias;
- Coorte C (1886-1890) com 162 famílias;
- Coorte D (1896-1900) com 248 famílias;
- Coorte E (1906-1910) com 236 famílias;
- Coorte F (1916-1920) com 261 famílias;
- Coorte G (1926-1930) com 320 famílias.

1.3.4. Tratamento Estatístico dos Eventos Vitais

Os números reais de casamentos, batizados e óbitos foram tratados e relacionados com a respectiva população, transformando-se em taxas para que pudessem ser comparados no tempo e no espaço. Esta relação, entre a frequência de eventos em determinado ano, e a respectiva população geral, é chamada de taxa bruta. Daí, tem-se:

- a) Taxas brutas de nupcialidade - A taxa bruta de nupcialidade é calculada através da seguinte fórmula:

$$n = \frac{m}{p} (1.000)$$

onde, n significa nupcialidade,

m significa matrimônio,

P significa população.

Em Itajaí, por exemplo, no ano de 1900, registraram-se 54 casamentos e contava-se uma população de 9.745 habitantes. Daí, a taxa bruta de nupcialidade em Itajaí em 1900 ser de:

$$\frac{54}{9.745} = 0,00554, \text{ ou seja } 5,54\%, \text{ isto é, } 5,54$$

matrimônios por mil habitantes.

b) Taxas brutas de natalidade - A taxa bruta de natalidade resulta da relação entre o número total de nascidos vivos dentro de um ano e o volume da população respectiva, segundo a fórmula:

$$N = \frac{nv}{P} (1.000)$$

onde n = natalidade

nv = nascidos vivos no respectivo ano

P = população geral no respectivo ano

Os números reais de nascimentos, em Itajaí, no decorrer do período analisado, foram extraídos dos registros de batizados, sendo que os mesmos continham a data de nascimento do batizando.

Em Itajaí, em 1900, houve 397 nascimentos para uma população de 9.745 habitantes; logo, a taxa de natalidade é:

$$\frac{397}{9.745} = 0,04073, \text{ ou seja, } 40,73\%, \text{ isto é,}$$

40,73 nascimentos por mil habitantes.

c) Taxas brutas de mortalidade - Mortalidade de uma população é a frequência dos óbitos ocorridos nessa população em determinado ano. Na mortalidade geral contam-se somente as mortes ocorridas após o nascimento, com exclusão, portanto, dos óbitos fetais e dos nascidos mortos.

A taxa bruta de mortalidade resulta da relação:

$$m = \frac{d}{P} (1.000)$$

onde, m = taxa bruta de mortalidade

d = número total de óbitos num ano

P = População geral no respectivo ano.

Em Itajaí, por exemplo, no ano de 1889, registraram-se 160 mortes para uma população de 6.497 habitantes. Logo, a taxa bruta de mortalidade, em Itajaí, é:

$\frac{160}{6.497} = 0,02462$, ou seja, 24,62 por mil, isto é, 24,62 óbitos por mil habitantes.

Embora não constituã a melhor medida que se possa ter da mortalidade, porquanto não leva em consideração as diferenças na composição etária, a taxa bruta de mortalidade foi a medida mais segura no estudo da mortalidade em Itajaí, devido à deficiência dos obituários.

1.3.5. Os Coeficientes de Crescimento Populacional

Para calcular-se a população geral da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, partiu-se de dois dados encontrados nos Relatórios e Felas dos Presidentes de Províncias: o da população da freguesia em 1840, que era de 1.404 habitantes, e de 1866, que era de 2.866. (tabela I.1.).

Calculou-se, para este período, o coeficiente de crescimento populacional através da seguinte fórmula:

$$W = \frac{\left(\frac{P_2 - P_1}{T_2 - T_1} \right) 100}{\sqrt{P_2 P_1}}$$

Com os dados referidos acima, o coeficiente de crescimento populacional, em Itajaí, entre 1840 e 1866, é:

$$\frac{\left(\frac{2.866 - 1.404}{1.866 - 1840} \right) 100}{\sqrt{2.866 \times 1.404}} = 2,8032, \text{ ou seja } 2,8\% \text{ ao ano}$$

Partindo-se da população de 1.404 habitantes, em 1840, calculou-se para cada ano, até 1866, a população geral, utilizando-se o coeficiente de crescimento populacional encontrado acima, 2,8%, através dos seguintes passos

a) Cálculo do crescimento populacional, em um ano

$$\frac{P \times W}{100}, \text{ ou seja, } \frac{1.404 \times 2,8}{100} = 39$$

b) Cálculo da população do ano seguinte:

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

COEFICIENTE DE CRESCIMENTO POPULACIONAL
1840-1940

ANO	POP.	COEFICIENTE DE CRESCIMENTO
1840	1.404 ⁽¹⁾	,
1866	2.866 ⁽²⁾	2,8
1872	5.772 ⁽³⁾	3,2
1900	15.814 ⁽⁴⁾	3,8
1920	21.888 ⁽⁵⁾	3,3
1940	46.204 ⁽⁶⁾	3,8

Fontes

- 1 - FERREIRA DE BRITO, Antônio José. Fala, que o Presidente da Província de Santa Catarina, o Brigadeiro Antônio José Ferreira de Brito, dirigiu à Assembléia Legislativa da mesma província na abertura de sua sessão em 1º de março de 1841. Desterro: Typ. Provincial, 1841.
- 2 - ALBUQUERQUE LACERDA, Adolfo de Barros Cavalcanti de. Relatório apresentado à Assembléia Provincial de Santa Catarina na sua sessão ordinária, pelo Presidente Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, no ano de 1867. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1867.
- 3 - Recenseamento Geral do Brasil de 1872.
- 4 - Sinopse do Resenceamento - 31 de dezembro de 1900, Rio de Janeiro, Tip. da Estatística, 1905.
- 5 - Recenseamento do Brasil. Realizado em 1º de setembro de 1920. Vol. IV - 1a. parte
- 6 - Censo Demográfico. 1º de setembro de 1940. Série Regional. Parte XIX, Santa Catarina.

ANO	POP.
1840	1.404
1841	1.404 + 39 = 1.443

Procedeu-se sucessivamente de ano para ano, até 1866.

A partir de 1866, calculou-se a população geral, utilizando-se os coeficientes de crescimento, conforme o que está indicado na tabela I.1.

1.3.6. Teoria do Universo de 1.200 Eventos

A teoria do universo de 1.200 eventos é que, numa população estável, sem influência do ambiente físico, econômico ou social (cultural), haveria o mesmo número de nascimento, óbitos e casamento por mês, se o número de eventos for suficientemente grande.

Suponha-se que haja um universo, em que haja 100 eventos vitais de cada tipo por mês. Isto daria 1.200 eventos por ano. Igualmente, pode-se escolher um período de vários anos, se a população fosse pequena, e, vamos dizer que em vinte anos, o total de eventos fosse 1.200. Então, em cada mês, teria um número igual de eventos.

Quando uma força ou influência externa (econômica, religiosa, etc) interfere neste movimento sazonal, então, há flutuações na média por mês.

Para se determinar a diferença entre a esperada situação sazonal e a real, utiliza-se o universo de 1.200, levando-se a população real e seus eventos ao nível que teria se tivesse 1.200 eventos, através do seguinte cálculo:

$$\frac{\text{número de eventos do mês}}{\text{total de eventos do período}} \times \text{mil e duzentos}$$

1.3.7. Teoria e Prática Agregativa da Escola de Cambridge

Em anexo^V encontra-se uma ficha cujo modelo destinou-se à agregação anônima de registros da procedência dos noivos. As filas horizontais representam as variações na origem dos noivos. As colunas verticais representam as possibilidades de origem das noivas. No quadro formado pelo cruzamento da fila de origem do noivo com a coluna de origem da noiva, faz-se um sinal para cada casamento com aquela combinação de origem. Assim, descobriu-se quantos casamentos houve

entre pessoas da mesma origem, vamos dizer, entre pessoas que nasceram em Itajaí ou, entre as que vieram de Camboriú ou de Brusque ou, ainda, se houve entrosamento entre as diversas origens, como, pessoas nascidas em Itajaí casando-se com pessoas que vieram de Brusque ou de Nova-Trento, etc.

4. FONTES.

O presente trabalho foi elaborado com base nos Arquivos Eclesiásticos que conservam em boas condições de pesquisa; os registros de batizados, casamentos e óbitos. A Igreja cuidou dos óbitos até 1890. A partir daí, recorreu-se aos arquivos do Registro Civil.

1.4.1. Registros Paroquiais

Pretendia-se arrolar todos os dados desde 1828, quando a paróquia conservou o seu primeiro livro de registro. Porém, constatou-se que, até 1866, existem várias falhas, ou, porque livros foram perdidos, ou talvez a paróquia tenha ficado sem vigário por determinado tempo.

Dados seguros e completos foram encontrados a partir de 1866 e a partir daí, estendeu-se a pesquisa até 1930. Este período, que parece relativamente curto (54¹ anos) para a constatação de uma mudança demográfica, nos forneceu um volume tão elevado de material e tão rico em informações, que possibilitou um fichário quase inteiramente completo, porque a população era composta, na sua grande maioria, por católicos e tudo indica que não houve nenhum descuido, nem da parte do pároco, nem tão pouco dos paroquianos em registrar seus eventos vitais, com exceção dos óbitos que, infelizmente, não mereceram a mesma atenção que os batizados e os casamentos.

Até 1895, a Igreja registrava a celebração de seus sacramentos em um único livro que, depois de preenchido, era enviado à Cúria Metropolitana, em Florianópolis, onde conservam-se guardados até hoje. A partir de 1896, os registros foram feitos em livros duplicados, sendo que um seguia para a Cúria e o outro permanecia na paróquia, costume que perdura até os dias atuais.

. . . Na Cúria Metropolitana, indexou-se os documentos dos livros indicados na Tabela I.2.. Encontram-se corroídos pelo tempo, mas com

Algun esforço, é possível extrair-se os dados com precisão.

Os registros de batizados, além de trazerem os nomes dos pais do batizando, contém ainda os nomes dos avós. O exemplo abaixo é o modelo seguido em todos os livros quanto aos dados. A variação que pode ocorrer refere-se apenas à introdução.

Aos vinte e cinco dias de Maio de mil oitocentos e sessenta e sete nesta matriz do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição da Villa de Itajahy, batisei e pus os Santos Óleos á Geremias, que nasceu aos cinco dias do mes de dezembro de mil oitocentos sessenta e seis, filho legítimo de Manoel da Silva Pinto e sua mulher Angélica Rosa de Jesus; avós paterno Antonio da Silva Pinto e Clemencia Rosa de Jesus; avós maternos Antonio Manoel de Souza e Genoveva Rosa Nascimento. Forão Padrinhos Geremias da Silva Mafra e sua mulher Francisca Rosa de Jesus. O referido é verdade que assim afirmo e assigno.

(Assinatura de) O Vig. Antonio Francisco Nóbrega.⁹

Os registros de casamento são bem mais extensos e bastante complicados, mas completos nas suas informações. Note-se o modelo abaixo.

No dia vinte e cinco do mes de Junho do anno de mil oitocentos e oitenta e um, na matriz da cidade de Itajahy, província de Santa Catarina Bispa do do Rio de Janeiro, ás cinco horas da tarde em minha presença e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas compareceram os nubentes meus parochianos Armindo Lopes de Mello e Felisbina Werner, feitas previamente as tres denunciações cannonicas e de estylo e o mais que determina o S. Con. Trident. Const. Synod e Lei Civil a respeito, não havendo impedimento de espécie alguma que me consta, sendo elle de idade de 26 annos, solteiro, filho legítimo de Paulo Lopes de Mello e sua mulher Constancia Salventina de Lopes, ambos fallecidos, nascido e batizado na Parochia de Nossa Senhora dos Prazeres da cidade de Lages desta Província e ella de 20 annos, viúva de Marcius Maschaut e filha legítima de Manoel Pedro Werner e sua mulher Helena Palm Werner ambos fallecidos e natural e residente nesta Paróquia, se celebraram em Santo Matimônio por marido e mulher em face da Igreja com palavras de presente mútuo consentimento sem embargo de alguém: de tudo foram testemunhas presentes Pedro Lopes de Mello e Luiz Durieus que

que commigo assignão este termo depois de lhes ser lido e o achar em conforme.

(Assinaturas) Luiz Durieus
Pedro Lopes de Mello
O Vig. João Rodrigues Almeida ¹⁰

Já, os óbitos são registrados da forma mais simples possível. Trazem, quando muito, os dados essenciais do defunto. O exemplo abaixo é um dos mais completos e, no entanto, ainda lhes falta a causa da morte.

Aos vinte e cinco dias do mes de Março de mil oitocentos e setenta e sete foi sepultado no cemitério desta freguesia depois de por mim encomendado o cadaver de Cedino de idade de dois annos filho de Luiz da Luz de Mello e de Infância Maria de Mello, natural desta freguesia que falleceu hoje. E para constar fiz este assento que assigno.

(Assinatura de) O Parocho Manoel Marques Filgueiras ¹¹

Na casa Peroquial da Matriz do Santíssimo Sacramento, de Itajaí, usou-se para pesquisa os livros indicados na Tabela I.3., todos apresentando conteúdo satisfatório, quanto à legibilidade e a forma dos registros que ofereceram um bom número de informações. Quanto aos registros de batizados, nesta série, deixaram de conter os nomes dos avós do batizando. Um modelo típico de registro de batizado, é o que segue:

No dia vinte e oito do mes de Outubro do anno de mil oitocentos e noventa e cinco, na Matriz de Itajahy, Estado de Santa Catarina, baptizei e pus os Santos Óleos ao innocente Leopoldo, Nascido no dia nove do mes de março, filho legítimo de José Candido do Couto e de sua mulher Bernardina Deolina da Incarnação: foram padrinhos Manoel Constante Mafra e sua mulher Maria Santa da Incarnação. E para constar mandei fazer o presente termo.

(Assinatura de) O Vig. Pe. Antonio Eising ¹²

Às vezes, o vigário resumia mais o termo sem, no entanto, deixar de registrar os dados principais. Um exemplo, é o que segue abaixo:

Aos vinte e oito de Junho de mil oitocentos e noventa e seis, na Matriz de Itajahy, batizei solenemente

TABELA I.2.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
LIVROS PAROQUIAIS NO ARQUIVO ARQUI-DIOCESANO EM FLORIANÓPOLIS
1864-1896

LIVROS DE BATIZADOS	LIVROS DE CASAMENTOS	LIVROS DE ÓBITOS
Nº 5 de 13.02.1864 a 02.03.1869	Nº 3 de 20.03.1865 a 05.06.1876	1a de 16.04.1857 a 08.04.1868
Nº 6 de 02.03.1869 a 03.11.1874	Nº 4 de 01.07.1876 a 09.07.1887	1d de 07.08.1868 a 15.11.1880
Nº 7 de 05.11.1874 a 17.02.1878	Nº 5 de 16.07.1887 a 20.12.1896	2d de 16.11.1880 a 06.10.1891
Nº 8 de 25.07.1878 a 24.09.1882		
Nº 9 de 30.12.1882 a 08.08.1887		
Nº 10 de 08.08.1887 a 16.07.1892		
Nº 11 de 16.07.1892 a 23.10.1895		

Fontes: Livros de Registros Paroquiais - Arcebispo de Florianópolis

é "Gomercindo", nascido no dia quinze de Janeiro do corrente anno, filho legítimo de José Felício Bittencourt e Maria Francisca Machado; foram padrinhos Romão Intiã Machado e Anna Maria da Veiga. Para constar fiz este assento que assigno.

(Assinatura de) O Vig. João Baptista Peters¹³

Quanto aos filhos naturais, o registro contém apenas o nome da mãe. Um exemplo:

Aos sete de outubro de mil nove centos e cinco na Matriz de Itajahy baptizei a Theresa, nascida aos trinta e um de Novembro de mil nove centos e quatro, filha natural de Ana Rosa de Jesus. Foram padrinhos João Rosa e Francisca de Souza. Para constar fiz este assento que assigno.

(assinatura de) O Vig. Pe. José Foxius¹⁴

A partir do Livro 11 (1909), os livros passaram a trazer formulários impressos para serem preenchidos com os dados do batizando. Estes formulários, além de tornarem os registros bem mais claros, facilitando o trabalho do pesquisador, não deixaram de apresentar as mesmas informações dadas até então. Apresentam, ainda, uma coluna reservada a anotação futura do casamento. A partir do Livro 19 (1927) acrescentou-se-lhes mais uma coluna destinada a anotar futuramente a data da Primeira Comunhão.

Quanto aos registros de casamentos dois exemplos citados abaixo, são as formas típicas encontradas nos referidos livros.

Aos vinte e quatro de abril de 1897, na Matriz de Itajahy, depois de feitas três proclamações de estylo e não apparecendo nenhum impedimento canônico, em minha presença e nas das testemunhas Seraphim Silvério de Andrade e Alexandre Silvério de Andrade, receberam em matrimônio José Francisco Flores e Júlia Maria Caietana; elle filho legítimo de Francisco Leite e Florinda Rosa de Jesus; ella filha legítima de Silvério Antônio de Andrade e Maria Caietana de Jesus, sendo ambos naturais, baptizados e fregueses de Itajahy. Para constar fiz este assento que assigno.

(assinatura de) O Vig. João Baptista Peters¹⁵

Aos quinze de junho de mil novecentos e quatorze, na Matriz de Itajahy, dispensados dos pregoes por estarem juntos a 10 anos, depois de justificações do estado livre e desimpedido, na

TABELA I.3.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAJÁ
LIVROS PAROQUIAIS NA CASA PAROQUIAL DE ITAJAJÁ
1895-1935

LIVROS DE BATIZADOS		LIVROS DE CASAMENTOS	
Nº 8	de 21.10.1895 a 10.01.1903	Nº IV	de 09.01.1897 a 01.02.1908
Nº 9	de 10.01.1903 a 19.03.1906	Nº 5	de 08.02.1808 a 18.06.1914
Nº 10	de 19.03.1906 a 19.06.1909	Nº 6	de 21.06.1914 a 05.01.1920
Nº 11	de 14.06.1909 a 24.12.1910	Nº 7	de 15.01.1920 a 20.12.1924
Nº 12	de 24.12.1910 a 07.05.1912	Nº 8	de 27.12.1924 a 28.06.1930
Nº 13	de 11.05.1912 a 08.01.1915	Nº 9	de 25.06.1930 a 27.03.1935
Nº 14	de 09.01.1915 a 10.03.1918		
Nº 15	de 10.03.1818 a 31.08.1919		
Nº 16	de 01.09.1919 a 25.07.1922		
Nº 17	de 28.07.1922 a 13.06.1924		
Nº 18	de 25.06.1924 a 14.08.1927		
Nº 19	de 06.08.1927 a 18.05.1929		
Nº 20	de 18.05.1929 a 30.04.1930		

Fonte: Livros de Registro Paroquiais - Casa Paroquial de Itajajá

NOTA: Estes livros foram feitos em duas vias, sendo que uma encontra-se na Casa Paroquial da Matriz de Itajajá e outra na Cúria Metropolitana de Florianópolis

presença do R. Pe. Chratovam Fischer e na das
testemunhas Pedro Paulo Laus e Calisto Pedrini re
ceberam-se em matrimônio Amaro Zacharias da Costa
e Cypriana Maria da Conceição, elle com 44 anos
de idade, filho legítimo de Antônio Pereira da
Costa e Anna Izabel de Jesus, ella com 43 anos de
idade, filha legítima de Ignácio José da Cunha e
Maria José da Cunha, ambos nascidos e baptizados
em Porto Bello e residentes nesta Parochia e para
constar fiz este assento que assigno.

(Assinatura de) O Vig.Int.Pe.Guilherme Thoneick¹⁶

A partir do Livro 8 (1924), os livros passaram a conter for
mulários impressos para serem preenchidos com os dados constantes dos
registros de casamentos.

1.4.2. Registros Civis

Os registros civis arrolados no presente trabalho, foram os
de óbitos, a partir de 1891, colhidos no Cartório de Registro Civil
de propriedade do Dr. Saulo Liberato Heusi, à rua Olympio Miranda Jr.,
nº 122, em Itajaí. Os livros usados estão indicados na Tabela I.4..
Estes livros encontram-se muito bem conservados, pois pertencem a um
cartório que passa de pai para filho há três gerações.

Em 1915, Edmundo Heusi foi nomeado titular oficial do car-
tório civil e, em 1926, seu filho Arnaldo, com apenas 18 anos, fora
emancipado e nomeado ajudante juramentado, função que corresponde a
atual escrevente, não mais separando-se do cartório, pois succedeu seu
pai e continua, ainda hoje, trabalhando, apesar de aposentado, ajudan-
do seu filho que é o proprietário. Este homem, Arnaldo Heusi, tem um
carinho todo especial pelos seus arquivos que, de tempos em tempos,
sofrem reparos, para que se conservem sempre novos e lustrosos. No
entanto, é desprendido ao fornecer ao pesquisador o valioso material
que aí conserva.

Os documentos civis são bem mais complicados que os ecle-
siásticos. Trazem todo um preâmbulo especial e todos os dados refe-
rentes ao declarante do óbito. Por conseguinte, contêm grande avalan-
che de informações que podem ser exploradas e aproveitadas pelo pes-
quisador. O exemplo citado abaixo, mostra os termos usados num regis-
tro civil de óbito.

TABELA I.4.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
LIVROS DE ÓBITOS - REGISTRO CIVIL
1889-1891

Nº	2	de	03.01.1889	a	05.01.1891
Nº	3	de	07.01.1891	a	27.08.1892
Nº	4	de	29.08.1892	a	27.05.1895
Nº	5	de	27.05.1895	a	24.05.1896
Nº	6	de	29.05.1896	a	29.04.1897
Nº	7	de	06.05.1897	a	27.05.1893
Nº	8	de	28.05.1898	a	28.05.1900
Nº	9	de	08.07.1900	a	13.07.1903
Nº	10	de	14.07.1903	a	19.11.1905
nº	11	de	23.11.1905	a	03.08.1906
Nº	12	de	05.08.1906	a	28.05.1907
Nº	13	de	29.05.1907	a	01.02.1908
Nº	14	de	03.02.1908	a	27.07.1908
Nº	15	de	28.07.1908	a	07.04.1909
Nº	16	de	07.04.1909	a	01.02.1910
Nº	17	de	06.02.1910	a	02.08.1910
Nº	18	de	04.07.1910	a	13.05.1911
Nº	19	de	14.05.1911	a	04.04.1912
Nº	20	de	05.04.1912	a	18.01.1914
Nº	21	de	25.01.1914	a	30.08.1914
Nº	22	de	03.09.1914	a	31.03.1916
Nº	23	de	01.04.1916	a	08.12.1919
Nº	24	de	09.12.1919	a	03.04.1923
Nº	25	de	03.04.1923	a	25.07.1925
Nº	26	de	26.08.1925	a	11.12.1927
Nº	27	de	11.12.1927	a	15.10.1929
nº	28	de	18.10.1929	a	10.07.1932

Fonte: Registro Civil de Itajaí

Aos cinco dias do mez de Novembro de mil oito Centos e noventa e um, nesta cidade de Itajahy, Único Districto de Paz da Paróchia do S. S. Sacramento de Itajahy, no município do mesmo nome, Estado Catarinense, em meu Cartório compareceu Ernesto Augusto de Bustamante, casado, emprego público, natural de Maranhão e residente n'esta cidade e para elle foi declarado perante duas testemunhas abaixo mencionadas e assignadas que hontem pelas dez horas da noite falleceu José Maria Chacón, casado com Anna da Silva Chacon, com 70 anos de idade, natural da Hespanha, Guarda da Mesa de Rendas Geres d'esta cidade, filho legítimo de Thomaz Maria Chacon e de Theodora Rosa Chacon, deixando por seu fallecimento oito filhos cujos nomes e idades o declarante ignora, sendo o dito cadáver victimado de febre pulmonar e vai ser sepultado no cemitério público d'esta cidade. De como assim o disse foram taes testemunhas Sérgio Leopoldino de Miranda e Alfredo Francisco de Bittencourt ambos residentes nesta cidade as quaes atestão a identidade do cadáver tendo o declarante assistido e as testemunhas mencionadas verificado o óbito. Para constar lavrei este termo. Eu José Policiano de Miranda escrivão de Paz e assim o escrevi assigno.

(Assinatura) José Policiano de Miranda. 1)

(assinaturas) Ernesto Augusto de Bustamante
Alfredo Francisco Bittencourt
Sérgio Leopoldino de Miranda

Nem todos os registros foram tão completos. O nome no cônjuge por exemplo, dado importante para a reconstituição das famílias, deixou de aparecer em 40% do total de óbitos de pessoas casadas ou viúvas. Principalmente viúvas. Outro dado omitido, muitas vezes, é a causa da morte. Não por esquecimento do escrevente, mas porque a morte deu-se sem assistência médica e o declarante desconhecia a causa do falecimento. Note-se o exemplo citado abaixo.

Aos vinte e três dias do mes de agosto de mil novecentos e vinte, nesta cidade de Itajahy, em meu cartório compareceu Domingos da Costa, casado, jornalista, residente nesta cidade. Apresentou-me um atestado do Dr. Bohomoletz, a qual atesta que o senhor Francisco Costa, brasileiro, com oitenta anos de idade, residente nesta cidade, viúvo, falleceu hoje, as cinco horas, sem assistência médica. Vai ser sepultado no cemitério público desta cidade. Para constar fiz este termo. Pelo declarante não saber escrever, assigna a

TABELA L.5.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ:
TOTAL DE REGISTROS INDEXADOS
1866-1930

EVENTOS	TOTAL
Batizados	24.182
Óbitos	8.029
Casamentos	4.143
Total Geral	36.354

Fontes: Registros eclesiásticos e civis

seu rogo Frederico Kleis. Eu Edmundo Heusi, Oficial do Registro Civil, o escrevi.

(Assinaturas) Edmundo Heusi 18
Frederico Kleis

Quanto às crianças ou adultos solteiros, muitas vezes foi omitido o nome da mãe.

Dados que nunca deixaram de constar foram: a idade do falecido, o estado civil dos adultos e o status (filho natural ou legítimo) das crianças.

1.4.3. Total de Registros Indexados

O total dos registros indexados estão indicados na Tabela I.5. e referem-se aos eventos da população livre.

1.4.4. Dificuldades

Fora o grande volume de registros que, para sua indexação, gastou-se um ano e meio de trabalho intensivo, sobrando pouco tempo para a redação da tese, a grande dificuldade encontrada foi na reconstituição das famílias, para a qual gastou-se seis meses, igualmente de trabalho intensivo, devido a irregularidade dos nomes. Por exemplo: Pedro José da Silva, num registro de batizado de seu filho, poderia aparecer em um outro como Pedro José Silva, ou Pedro Silva, e ainda, às vezes, o "José" era trocado por "Manoel". Sabia-se que se tratava do mesmo "Pedro" pelo nome da mulher. Ou então, Higinio, poderia aparecer, ora com "H", ora com "I", ou Filomeno, com "F" ou com "Ph" e outros mais. Os nomes das mulheres eram muito mais irregulares.

Esta deficiência dos registros, dificultou sobremaneira a ordenação das fichas onomasticamente, para que os dados fossem transferidos para as fichas de reconstituição familiar.

RODAPÉ

- 1 - BURGUIÉRE, André. "Demografia", in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, História: Novas Abordagens, p. 70
- 2 - MARCÍLIO, M. L. Demografia Histórica, pp 1 - 2
- 3 - BELTRÃO, Pedro Calderan. Demografia - Ciência da População - Análise e Teoria, pp 168-169
- 4 - BURGUIÉRE, André, op cit. pp. 71-72
- 5 - WRIGLEY, E. A. História y Población, p. 2
- 6 - NIELSEN, Lawrence James. Uma Metodologia de Pesquisa Para a História Demográfica. p. 2

- 7 - Ibid. p. 7
- 8 - Ibid. p. 1
- 9 - Arquivo do Registro Paroquial de Batizados, livro 5, f.76
- 10 - Arquivo do Registro Paroquial de Casamentos, livro 4, f.74
- 11 - Arquivo do Registro Paroquial de Óbitos, livro 1d, f.108
- 12 - Arquivo do Registro Paroquial de Batizados, livro 8, f. lv.
- 13 - Arquivo do Registro Paroquial de Batizados, livro 10 f. 30
- 14 - Arquivo do Registro Paroquial de Batizados, livro 9, f. 83
- 15 - Arquivo do Registro Paroquial de Casamentos, livro IV, f.3
- 16 - Arquivo do Registro Paroquial de Casamentos, livro 5, f.100 v.
- 17 - Arquivo do Registro Civil de Óbitos, livro 2, f. 65
- 18 - Arquivo do Registro Civil de Óbitos, livro 24, f. 106

C A P Í T U L O I I

A P O P U L A Ç Ã O I T A J A I E N S E

2.1. Origens: Povoamento e Fundação

Os primeiros povoamentos no litoral catarinense, deram-se em consequência da dispersão dos paulistas e vicentistas pela costa sul, à caça aos índios para vendê-los como escravos nos mercados de São Vicente, Bahia e à procura de minas de ouro e prata.

Assim é que, "em 1658, provavelmente, Manoel Lourenço de Andrade, transferiu-se com sua parentela, escravos e agregados para o Rio São Francisco"¹, onde já havia a capela de Nossa Senhora das Graças. "Supõe-se que, em 1660, tivesse a povoação sido elevada a categoria de vila e, em 1665, elevada a paróquia"². Manoel Lourenço de Andrade era português e "homem proeminente" de São Paulo.³

O Segundo ponto a contar com uma fundação estável foi a ilha de Santa Catarina, tarefa que coube a Francisco Dias Velho, paulista, de ilustre prosápia, que, na sua mocidade, acompanhara o pai em incursões feitas ao gentio dos Patos"⁴.

Data de 1678, o requerimento que o paulista fez ao governador da capitania, de duas léguas em quadro na ilha de Santa Catarina, onde já havia a Igreja de Nossa Senhora do Desterro e, é possível, que Dias Velho já tivesse fixado morada no local, em 1675, para a qual se transferira com a família, agregados e escravos.⁵

Em 1676, foi a vez de Laguna, quando o vicentista Domingos de Brito Peixoto, armou uma bandeira destinada a descobrir terras no Sul que não fossem habitadas. Depois de 4 meses de viagem, "deitou, então, Domingos de Brito Peixoto, os fundamentos de uma povoação sob a invocação de Santo Antônio dos Anjos"⁶.

As povoações de São Francisco, da ilha de Santa Catarina e de Laguna garantiram a posse efetiva do Sul do Brasil aos portugueses.

Mas o interesse português ia além desta Capitania. Portugal ambicionava estender seus domínios, de forma que lhes garantisse acesso até o rio da Prata. Para isso o povoamento do litoral catarinense foi intensificado, para servir de base às atividades militares empreendidas no sentido de realizar os planos da Coroa por-

tuguesa, quanto aos seus interesses na área do Prata.

E, os açoiranos chegam a Santa Catarina.

Por decisão do Conselho Ultramarino, Portugal, em 1746 resolveu promover a imigração de açoiranos para a ilha de Santa Catarina, litoral fronteiro e Rio Grande.

No ano de 1748, chegou à ilha de Santa Catarina, a primeira leva de povoadores e, até 1756, somava 5.000 o número de pessoas que foram trasladadas do arquipélago dos Açores para Santa Catarina.⁷

Localizaram-se na Ilha de Santa Catarina e no continente fronteiro, da altura de São Miguel até as vizinhanças de Laguna.

As terras da bacia do Itajaí, na parte litorânea, até então permaneciam habitadas somente por silvícolas, embora se tenha notícia de concessão de terras na bacia do Itajaí, a João Dias de Arsão, por volta de 1658,⁸ ao Norte do rio.

A sua considerável distância dos dois pontos mais populosos, Desterro e São Francisco, onde encontravam-se as autoridades e os meios de proteção, desestimulava o interesse dos povoadores. O preenchimento do vazio entre estes pontos de povoamento, ainda teve que esperar que a população catarinense crescesse e se expandisse.

Foi nas décadas iniciais do século XIX, que o povoamento se foi intensificando, principalmente pelos colonos que vinham de outras partes da Capitania, descendentes dos açorianos, de vicentistas e outros lusos-brasileiros. Vieram também elementos alienígenas, fundadores da Colônia São Pedro de Alcântara.⁹ Esta colônia foi estabelecida em 1823, a 5 léguas de São José, à margem esquerda do Rio Maroim, por 166 famílias alemãs, oriundas de Bremem, num total de 525 pessoas. Este foi o primeiro grupo de colonos não portugueses que se dirigiu à Santa Catarina.¹⁰ Os que não ficaram em São Pedro de Alcântara, espalharam-se para outras regiões, principalmente para a região do Itajaí.

Datam do final do século XVIII e início do século XIX, as concessões de sesmarias à margem direita do Rio Itajaí. Infelizmente, até o momento, é escassa a documentação encontrada sobre os primeiros moradores de Itajaí. Alguns registros de concessões de sesmarias

à margem Sul de Itajaí estão guardados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e encontram-se fotocopiados no Arquivo Histórico Municipal de Joinville. São as concessões de sesmarias a Francisco José Ferreira da Rocha Gil, em 1792; a Antônio Teixeira de Souza, em 1792 e a Manoel Fernandes Lessa, em 1794, sendo que, nos referidos documentos não consta a situação exata de cada uma delas. Francisco José Ferreira da Rocha Gil requeria "duas léguas de terra em quadro por sesmaria, fazendo frente na margem do Sul do Rio Itajahy, extremado pela parte do leste com terras, que pede o Pe. Antônio Teixeira de Souza, pelo Oeste com terras devolutas e pelos fundos a rumo do Sul com o Sertão também devolutas..."¹¹ Antônio Teixeira de Souza, requeria "duas léguas de terra em quadro, fazendo frente na margem do Sul do Rio de Itajahy, extremado pela parte do Leste com terras que pede o Ten. Estácio Borges Bitencourt do Couto, pela do Oeste com terras devolutas, e pelos fundos a rumo do Sul com o Sertão..."¹² Manoel Fernando Lessa requeria por sesmaria "uma porção de duas léguas em quadra, ao Sul do Rio Itajahy, extremado com o datado Rdo. Pe. Francisco José da Rocha Gil, fazendo frente ao mesmo Rio e fundos com o Sertão e pelo lado do Norte com o Rdo. e pelo Oeste com terras devolutas..."¹³

Outros registros de concessões de sesmarias encontram-se fotocopiados no referido arquivo, como: a Manoel Joseph Diniz, em 1799; a Manoel Antônio Tavares, em 1799; a Joaquim Francisco de Sales e Mello, em 1799; a Antônia Bernardina da Costa,¹⁴ em 1802; a Domingos Luiz do Livramento¹⁵, em 1800 e a Antônio Miranda¹⁶, em 1824, todas situadas às margens do Rio Itajaí Mirim. E, ainda, outras, como as de Joaquim José Pereira, em 1803; Pe. Domingos Francisco de Souza¹⁷, em 1792; Domingos Francisco de Souza Coutinho, em 1811; Manoel Joaquim de Souza Medeiros¹⁸, em 1823; Alexandre José de Azevedo Leão Coutinho, em 1792; Manoel Francisco da Costa, em 1792 e de Joaquim Manoel da Costa Lobo¹⁹, em 1793, todas ao Norte do rio Itajaí, no atual município de Navegantes.

Todavia, não resta dúvida, de que as terras da bacia do Itajaí despertaram a atenção dos povoadores, no final do século XVIII

e tudo indica que no começo do século XIX, as terras do atual município de Itajaí, no seu perímetro urbano, já eram efetivamente ocupadas por particulares, tendo nelas moradas e plantações. Alguns dedicaram-se ao comércio de madeiras serradas, que eram exportadas pelo pequeno porto que Paulo José Miguel de BRITO, em sua Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina, dizia ser "pouco frequentado, por não haver ali povoação".²⁰ BRITO deveria estar se referindo a uma povoação mais abundante, pois AIRES Casal, na Corografia Brasileira, editada pela Imprensa Régia, em 1817, escreve em nota 26, à página 188 com referência ao rio Itajaí: "nas suas adjacências há muitas serrarias."²¹ E, ainda, no Pacote 6 de Documentação de Sesmarias de Santa Catarina, no Arquivo Histórico Municipal de Joinville, há um documento redigido pelos moradores de Itajaí, em 1794, onde se lê:

Dizem os moradores do Riyo de Tajaity da comarca da Ilha de Santa Catarina, Matias Dias de Arzão, Sylvestre Nunes, José Correya e outros casados com famílias e escravaturas que todos fazem o número de quarenta e tantos moradores que estavam situados nas margens do referido Riyo com suas casas cirtios e lavouras de mandioca e outras, criação de aves e animais e outras benfeitorias e de tudo pagão Dízimos ao Real Patrimônio...²²

Requeriam a posse efetiva das terras que ocupavam, o que vem confirmar que Itajaí era habitado no final do século XVIII e suas terras, propriedades de particulares. Este fato elimina a hipótese levantada por Marcos KONDER em A Pequena Pátria, da fundação de Itajaí por Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond.

As terras que Drummond recebeu como sesmaria, para empreender um estabelecimento colonial, não eram as da foz do Itajaí-Açu, mas ficavam às margens do seu afluente, o Itajaí-Mirim, cerca de 18 km acima da barra deste.

Errônea interpretação das afirmativas de Drummond, nas anotações à sua biografia, editadas no Vol. XIII do Anais da Biblioteca Nacional, deu origem a essa versão. Drummond não faz distinção, sempre que se refere a sua estada em Santa Catarina, entre os dois rios. Fala simplesmente em rio Itajaí, sem acrescentar-lhes os de-

terminativos, "Açu ou Mirim"²² Ainda que fosse à margem do Itajaí-Açu, Drummond não levaria o nome de fundador, pois que nada fez de estável ou duradouro.

Estas dúvidas foram esclarecidas, quando Oswaldo R. CABRAL, entre a documentação que arrecadou para escrever a História da Colônia Brusque, em 1958, encontrou o mapa da medição militar onde está traçado o local das sesmarias de Drummond. Uma à margem esquerda do Itajaí-Mirim, em território atual de Brusque, é outra à margem direita do mesmo rio, na atual Itaipava, território de Itajaí.

Deve-se ao saudoso jornalista e professor José Ferreira da Silva, estudioso da história catarinense, ex-diretor da Biblioteca Fritz Muller de Blumenau, o louvor da decifração deste enigma, que a muito tempo vinha tentando descobrir a verdadeira história da fundação de Itajaí e ao ver o "mapa militar" em mãos de Oswaldo R. CABRAL, acabara de encontrar a chave que lhes faltava para sanar todas as dúvidas. Não fora Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond, o fundador de Itajaí.

Esta glória cabe, merecidamente, a outro nome: Agostinho Alves Ramos. Não que ele tenha sido o primeiro a morar em Itajaí. O fundador, nem sempre é o pioneiro. Não foi Dias Velho, em Desterro, nem Manoel Lourenço de Andrade, em São Francisco, nem Hermann Blumenau, em Blumenau. Fundador é aquele que toma a si o encargo de liderar na nova povoação que vai surgindo, que a organiza e a faz prosperar em decorrência de uma centralização de interesses, convergindo todos para um único ponto, em torno do chefe - o fundador, que passa a ser o administrador. Foi o que aconteceu a Agostinho Alves Ramos, em fins de 1823, quando chegou a Itajaí.

Agostinho Alves Ramos nasceu no Rio de Janeiro e era guarda-livro. Antes de vir para Itajaí, morava em Desterro e era sócio do comerciante Anacleto José Ferreira, que mantinha largo comércio, não só na Ilha, mas também com as povoações que se espraiavam pelo litoral desde São Francisco até Laguna. Seus barcos percorriam o litoral, periodicamente, levando gêneros de primeira necessidade, comestíveis, fazendas, adornos aos trabalhadores da armação. Em tro

ca, comprava produtos de lavoura, óleo, barbatanas e outros produtos dos cetáceos.²⁴

Provavelmente, Agostinho Alves Ramos tomou parte em mais de uma dessas viagens, nos barcos da firma, e considerou as possibilidades que as margens do Itajaí lhe podiam oferecer.

De José Coelho Rocha, que possuía terrenos, ao que tudo indica, confrontavam-se a Oeste com os de Azeredo Leão Coutinho, ao Sul, com os de Corrêa Negreiros, e a Oeste com o Mirim, com frente para o Itajaí-Açu, e aí morava com sua família, adquiriu terreno, onde deu início à construção da sua casa que ao mesmo tempo serviria para seu comércio, localizada, onde é, hoje a esquina da Rua Hercílio Luz com a Lauro Muller.

Aí instalou-se, em fins de 1823, com sua mulher, a portuguesa Dona Ana, alguns escravos e o Franciscano espanhol Pedro Antônio Agote.²⁵

A partir daí, o povoado começou a tomar corpo.

A 31 de março de 1824, foi assinada a provisão eclesiástica que autorizou a construção de uma capela-curada que se estenderia a todos os moradores entre o rio Gravatá, ao Norte, e o rio Camboriú ao Sul, constituindo, atualmente, os municípios de Itajaí e de Navegantes.

Estava assim fundado Itajaí por uma população luso-brasileira, descendentes de açorianos, de vicentistas e outros, não se podendo afirmar, neste trabalho, qual o grupo que tenha dominado na área. Nos referidos documentos de concessões de sesmarias consta que os requerentes moravam em Desterro. Sendo que Desterro recebeu afluxo de toda sorte de gente, dos mais variados pontos do Brasil, torna-se difícil saber-se qual o grupo que estava deslocando-se para Itajaí.

Por outro lado, desde os primórdios de seu povoamento, Itajaí passou a receber grande número de imigrantes de outras partes da província e também de outras regiões brasileiras e até uns poucos estrangeiros. Esta imigração cresce e Itajaí passa a constituir uma mescla de etnias.

2.2. População e Crescimento

A partir de 1824, data da instalação do curato de Itajaí, marco assinalante de sua fundação, até a data de elevação à freguesia em

1833, tendo como limites, ao Norte, o Rio Gravatá e ao Sul, o rio Camboriú,²⁶ o povoado do Santíssimo Sacramento não era mais do que uma dezena de habitações de taipa, cobertas de palha, distribuídas pela beira do rio, desde a foz, no oceano, até a barra do Itajaí-Mirim, com alguns abrigos para canoas, em vários pontos da praia. O sobrado de Alves Ramos, onde este tinha a sua loja de secos e molhados, e que então, se tornara o ponto de convergência dos moradores adjacentes, nas suas folgas ou em busca de recursos para as suas necessidades, dominava todo esse pobre conjunto como a única construção digna desse nome.²⁷

Provavelmente, a elevação de Itajaí à categoria de freguesia deve-se muito mais aos esforços e ao prestígio de Agostinho Alves Ramos, do que propriamente ao significado do povoado pela sua população e riqueza.

Em 1832, havia Itajaí desligado-se do Município de São Francisco e integrando-se ao recém criado Município de Porto Belo.²⁸

A partir de então, a população se intensifica, em virtude, principalmente, da colonização dos terrenos do Itajaí-Mirim e Belchior; pela vinda de colonos descontentes de São Pedro de Alcântara que foram encaminhados para Gaspar; pelo comércio regional madeireiro empreendido com a capital e outros centros populosos da província, tendo Itajaí, o papel de intercâmbio, como ponto estratégico pela sua situação geográfica. E, 1840, contava a Freguesia do Santíssimo Sacramento com 1404 habitantes. (tabela I.1.) E, o encremento populacional, não mais parou.

Em 1859, a 15 de junho, instalava-se o município de Itajaí, conforme Resolução de 4 de abril de 1859, constituído pela Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, pela de Camboriú e pela freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapacoroy, com limites, ao Norte, o rio do Itapocu, e ao Sul, as vertentes do Morro do Boy.²⁹ (fig. 1)

Esta resolução foi tomada, naturalmente, mais pela significância da região do Itajaí (da colônia Belga, de Blumenau, de Belchior e até mesmo das margens do Benedito e outros afluentes do grande rio) do que propriamente pelo progresso, em si, da Freguesia do Santíssimo Sacramento. Porto Belo estava muito distante, para que os colonos cumprissem suas obrigações cívicas e seus deveres fiscais.

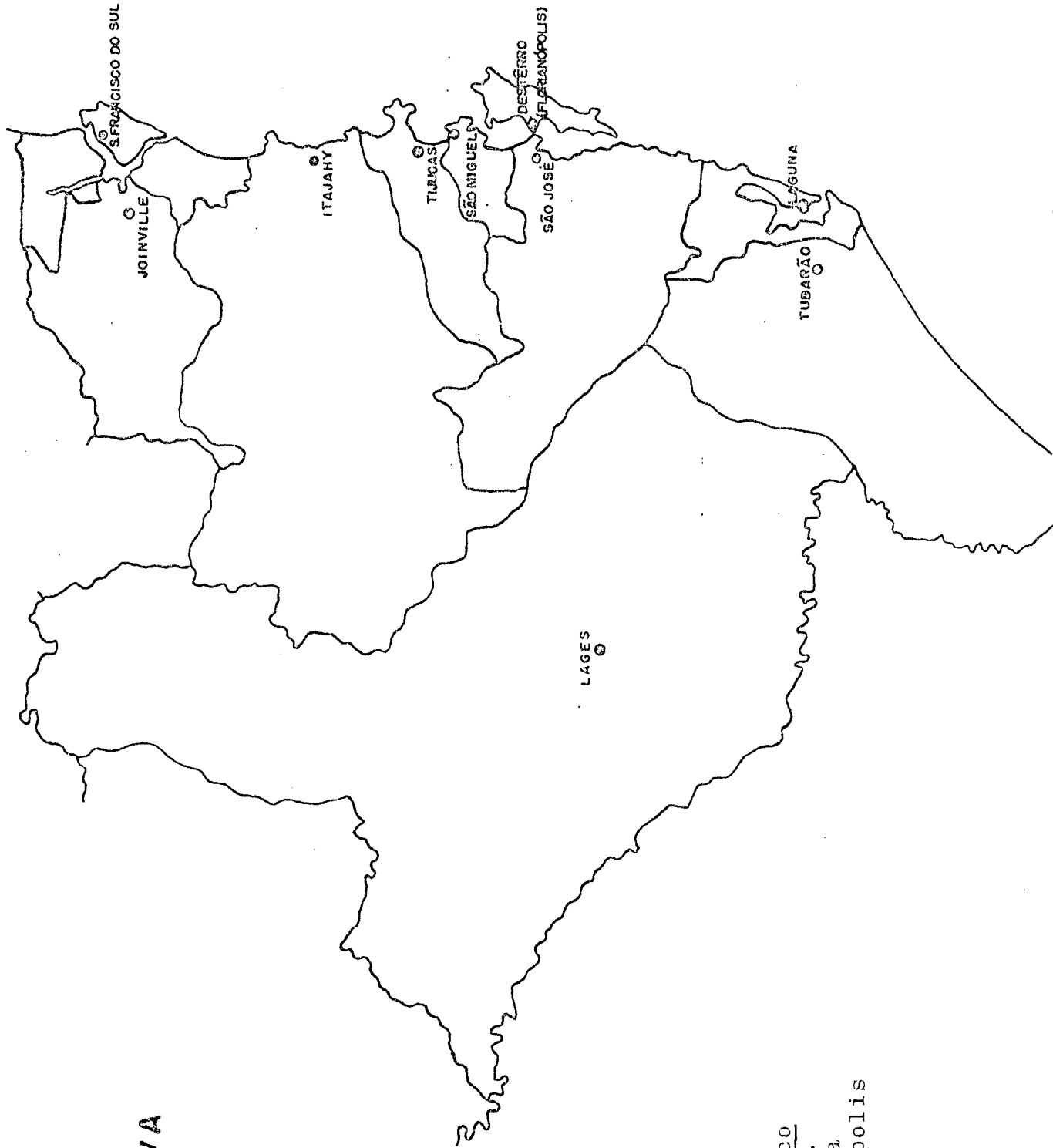
Tudo indica que a sede da freguesia permanecia bastante pobre, sem quase nenhuma importância urbana.

FIG. I

SANTA CATARINA

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

1872



FOTOCOPIA AUTORIZADA POR
PIAZZA, Walter F. Atlas Histórico
do Estado de Santa Catarina, ed.
do Dep. de Cultura da Secretaria
de Educação e Cultura, Florianópolis
1970

Protestavam os portobelenses contra a autonomia de Itajaí, alegando que:

...o Distrito, a fim de satisfazer a vida do Município, carece de homens habilitados para desempenhar os cargos públicos tendentes à categoria da dita Freguesia, porquanto os raros que se acham em circunstância, ainda não chegam para preencherem os cargos públicos, que a Lei exige. Que a Freguesia de que se trata, ainda não tem pronta a Matriz e nem nenhum outro edifício público, para n'ele se celebrarem os atos públicos.

Parece que os desgostos de Porto Belo, os que temiam a perda da rica região do Itajaí, falavam a pura verdade. O ARGOS, em 1860 escrevia a respeito da passagem do Presidente da Província, Dr. Francisco Araújo Brusque, pelo recém instalado Município de Itajaí:

...chegou na nova villa de Itajay, sede do município também criado de novo; e não houve uma d'essa personagens da villa que ocupão os primeiros cargos, como sejam: presidente municipal, delegado da policia, juiz de paz, colletor de rendas, que tivesse a delicadeza de ir ao encontro de S. Exa. com primental-o e oferecer-lhe hospedagem!...

E o PROGRESSISTA publicava a descrição da viagem da qual extraiu-se este trecho:

...Ei-nos em frente a pequena villa de Itajay, que fica por de trás da longa ponta de areia que termina na barra. Demoramo-nos algum tempo, e o Sr. major Alvim foi a terra dar providência, afim de que se preparasse o mister para hospedagem de S. Exa., entretanto seguiu a "Belmonte" com S. Exa. para a barra do Itajay-Mirim...

Alexandre Rodrigues da SILVA, em 1865, sobre a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajahy, dizia:

O único altar que há na Matriz é insuficiente para exposição do Santíssimo Sacramento, por que não oferece localidade para se poder construir um nicho. As imagens da Padroeira, do Senhor Bom Jesus e de Santa Catharina, únicas existentes, estão colocadas no último degrão deste altar, servindo-lhes de nicho uma abertura que há na parede sugeita ao pó. A sacristia é pequena, e acha-se atravancada(...) Não existe púlpito, propriamente dito, confessionário, calderinha para agoa benta, nem custódia...

E, ainda, na Ata da Instalação do Município de Itajaí, consta que a mesma deu-se "na sala da casa de propriedade de João Chinaid que servirá para se celebrar as sessões públicas."³⁴

Mas, embora pobre, a Freguesia crescia em população, oriunda de outras partes da Província que, por certo, eram ainda mais pobres, como ver-se-á adiante.

E, pelo menos, desde a emancipação até 1880, Itajaí deve ter experimentado um período de crescimento econômico. O NOVIDADES, em 12 de novembro de 1905, fazendo um retrospecto das origens do progresso de Itajaí, escrevia:

Sabe-se que, não durante pequeno período da colonização de Brusque e Blumenau e até certo tempo, Itajahy foi um dos pontos do Estado em que mais dinheiro havia em giro. As comissões colonizadoras e os imigrantes aqui realizavam não pequenas despesas. Os negociantes de Itajahy faziam a importação do que essas colônias precisavam e a exportação do que elas produziam, e com isso muito lucravam. A madeira, que era abundante e estava perto, entretinha muitíssimo vantajoso comércio...³⁵

O Correspondente de Itajaí, para O CONCILIADOR, a 14 de julho de 1873, fazia o seguinte comentário sobre o progresso do comércio:

O nosso comércio caminha na escala, como se verá no rendimento da meza de rendas do mez de junho, que nunca apresentou essa cifra. Já não é só a exportação sempre crescente que assignala o grande futuro deste município, vem sua irmã - a importação - associar-se a ella, para de mãos dadas mostrarem a importância deste torrão.³⁶

Mas veio a época dos desmembramentos. Blumenau em 1880, Brusque em 1861 e Camboriú em 1884.³⁷ (fig. 2)

Ainda, o ano de 1860 é assinalado por uma enchente de proporções catastrófica, registrada em relatório do Presidente da Província, conforme o seguinte trecho.

Em frente a cidade de Itajahy o embate das ondas durante o temporal rompeo, e fez desaparecer um pontal de areia, que alongando-se para o Sul, defendia a cidade da invasão do mar, ao mesmo tempo, que um rio, que lhe corre pró-

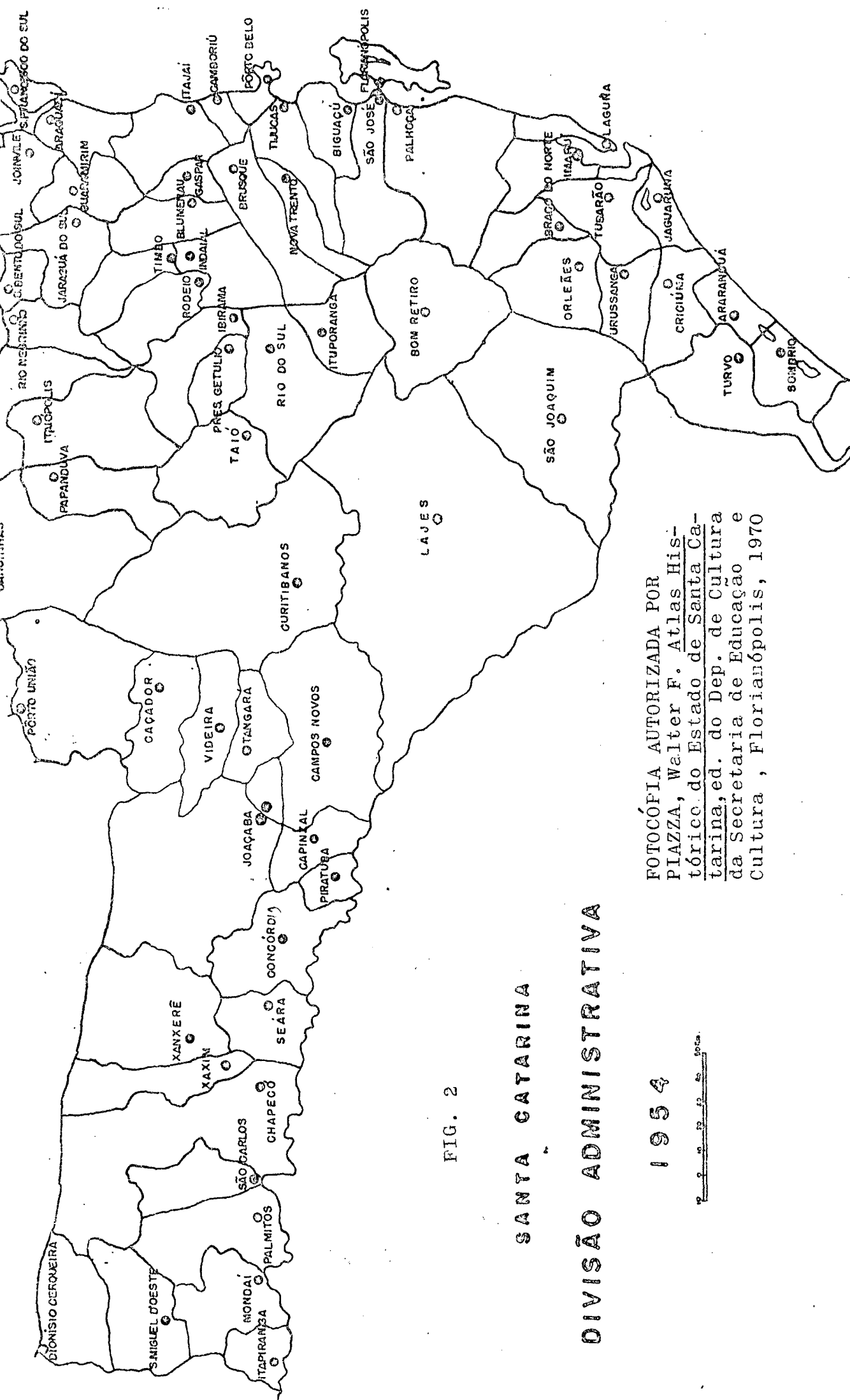


FIG. 2

SANTA CATARINA
 DIVISÃO ADMINISTRATIVA

FOTOCÓPIA AUTORIZADA POR
 PIAZZA, Walter F. Atlas His-
 tórico do Estado de Santa Ca-
 tarina, ed. do Dep. de Cultura
 da Secretaria de Educação e
 Cultura, Florianópolis, 1970

1954



ximo, sahindo de seu leito, despejava suas agoas sobre a cidade, cavando em muitas das suas ruas, grandes vallas, pelãs quaes se lançava ao mar, ficando destruídas cerca de 50 casas, e muitas famílias sem abrigo(...) e os prejuízos calculados em 105:910\$000...³⁸

E, como não poderia deixar de ser, vieram as consequências econômicas. O NOVIDADE, em 1905, fazendo um comentário sobre a enchente de 1880, dizia:

...aquella assustadora enchente não só roubou algumas vidas, deixando na miséria grande número de famílias, como paralizou por longos anos o progresso que aqui se evidenciava com as mais sedutoras promessas.

A população mais ativa d'aquí e que dispunha portanto de elementos capazes de impulsionar o comércio e as indústrias, tendo recursos para habitar outros lugares, onde sua segurança estivesse mais garantida não vacillou, collocando-se em condições menos arriscadas.³⁹

E, os anos arrastaram-se obscuros, até a instalação da República, quando a cidade abatida recebe um novo impulso econômico. Este período de crise, antecedido por epidemias que se desenvolveram na região, se fez sentir nas curvas de nupcialidade e de natalidade, que sofreram baixas consideráveis, como se verá nos próximos capítulos.

O crescimento ressurge com a Proclamação da República. Os jornais da época noticiavam constantemente, nas suas principais colunas, as obras de melhoramento do porto, a construção do mercado público, a construção da estrada para Camboriú. O PHAROL, em 1907, reclamava ao Superintendente Municipal:

...Em toda esta faina de melhoramentos, temese visto crescer a população da cidade, por isso lembramos ao Illustre e activo Sr. Superintendente Municipal, o emplacamento das ruas e numeração das casas...⁴⁰

O NOVIDADES, em 1905 fazia um comentário, reconhecendo que:

È de justiça assignalar que, desde então (Proclamação da República), o procedimento das nossas municipalidades constitui uma das princi

pais...causas do adiantamento da nossa cidade...

A produção e a riqueza do interior do município, tem augmentado consideravelmente, depois da Proclamação da República e muito tem contribuido para acentuar o adiantamento de Itajahy...⁴¹

Este crescimento perdurou até o momento em que os reflexos da Primeira Guerra Mundial atingiram todo o mundo, inclusive Itajaí, e se fez notar, neste trabalho, através da baixa nupcialidade, no declínio da imigração e consequentemente na baixa do coeficiente de crescimento populacional, de 3,8 em 1900 para 3,3 em 1920.

No final do período analisado, em 1930, a tendência era a volta ao crescimento.

Estas flutuações econômicas, que no momento foram constatadas através de crônicas, relatos e noticiários, feitos por observadores da época, no futuro poderão ser melhores definidas e traçadas em curvas, quando os arquivos da prefeitura, que no momento encontram-se empacotados, forem devidamente catalogados e colocados ao uso dos pesquisadores.

A população da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí (fig. 93) objeto deste trabalho, no entanto, cresceu, assustadoramente, (tabela I.1. e II. 1.) alheia às dificuldades e às crises econômicas em decorrência, principalmente, das ondas migratórias, vindas dos arredores, que, provavelmente, enfrentavam crises em proporções bem maiores e permaneciam na pobreza e inanição, incapazes de superarem seus problemas. Em parte, devido aos excedentes demográficos, decorrentes da queda acentuada na mortalidade, enquanto que a natalidade caiu num ritmo mais lento.

A população cresce a índices próprios das explosões demográficas. (tabela I.1.) Entre 1840 e 1866 o coeficiente de crescimento, era de 2,8 por cento ao ano; entre 1866 e 1872, 3,2%; entre 1872 e 1900, 3,8% entre 1900 e 1920, 3,3% e entre 1920 e 1940, 3,8%. Houve uma leve ressecação, apenas, no período em que sofreu as implicações da Primeira Guerra Mundial. A população tímida de 1840, com 1.404 almas, duplicava-se a cada vinte anos e em 1940 contava com 46.204 habitantes. Em um século cresceu 33 vezes. Se continuasse a crescer no mesmo ritmo, alcançaria em 1970, a casa dos 108.560 habitantes.

No entanto, a população de Itajaí, em 1970, era de 63.206 habitantes e de Navegantes, 10.053.

TABELA II.1.
PAROQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
POPULAÇÃO GERAL
1840 - 1930

ANO	FOP.	ANO	FOP.	ANO	POP.	ANO	POP.	ANO	POP.	ANO	POP.
1840	- 1.404	1855	- 2.120	1870	- 3.258	1885	- 5.607	1900	- 9.745	1915	- 15.857
1841	- 1.443	1856	- 2.179	1871	- 3.364	1886	- 5.817	1901	- 10.066	1916	- 16.380
1842	- 1.483	1857	- 2.240	1872	- 3.473	1887	- 6.035	1902	- 10.398	1917	- 16.920
1843	- 1.524	1858	- 2.302	1873	- 3.603	1889	- 6.262	1903	- 10.741	1918	- 17.478
1844	- 1.566	1859	- 2.366	1874	- 3.738	1889	- 6.497	1904	- 11.096	1919	- 18.055
1845	- 1.610	1860	- 2.431	1875	- 3.878	1890	- 6.741	1905	- 11.462	1920	- 18.651
1846	- 1.655	1861	- 2.500	1876	- 4.024	1891	- 6.994	1906	- 11.840	1921	- 19.364
1847	- 1.701	1862	- 2.570	1877	- 4.175	1892	- 7.257	1907	- 12.231	1922	- 20.104
1848	- 1.749	1863	- 2.641	1878	- 4.332	1893	- 7.529	1908	- 12.635	1923	- 20.873
1849	- 1.798	1864	- 2.715	1879	- 4.495	1894	- 7.812	1909	- 13.052	1924	- 21.670
1850	- 1.848	1865	- 2.791	1880	- 4.664	1895	- 8.105	1910	- 13.483	1925	- 22.498
1851	- 1.900	1866	- 2.866	1881	- 4.839	1896	- 8.409	1911	- 13.927	1926	- 23.358
1852	- 1.953	1867	- 2.959	1882	- 5.020	1897	- 8.725	1912	- 14.386	1927	- 34.251
1853	- 2.007	1868	- 3.055	1883	- 5.209	1898	- 9.052	1913	- 14.861	1928	- 25.178
1854	- 2.063	1869	- 3.155	1884	- 5.404	1899	- 9.393	1914	- 15.351	1929	- 26.141
										1930	- 27.140

NOTA: A população geral da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, entre 1840 e 1930, é referente aos atuais municípios de Itajaí e Navegantes. A Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí correspondia ao território da Freguesia, situada entre o rio Gravata, ao Norte, e o rio Camboriú, ao Sul.

As estimativas anuais foram calculadas com base nas indicações da tabela A.I.1

Fonte: Tabela I.1.

RODAPÉ

- 1 - SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina, 2a. Ed. p.44
- 2 - CABRAL, Oswaldo R.. História de Santa Catarina, 2a. ed.p.39
- 3 - Ibid. p.39
- 4.- Ibid. p.41
- 5 - Ibid. p.41
- 6 - Ibid. p.43
- 7 - SANTOS, Silvio Coelho dos. Op. cit. p.39
- 8 - BOITEX, Lucas A.. Os Primeiros Povoadores de Itajaí, Blumenau em Cadernos, tomo I, p.47
- 9 - Ibid. p.156
- 10 - CABRAL, Oswaldo R.. Op. cit. p.207
- 11,- Pacote 4 de Documentação de Sesmaria de Santa Catarina, Arquivo Histórico Municipal de Joinville
- 12 - Ibid. Pacote 5
- 13 - Ibid. Pacote 6
- 14 - Ibid. Pacote 6
- 15 - Ibid. Pacote 4
- 16 - Ibid. Pacote 5
- 17 - Ibid. Pacote 4
- 18 - Ibid. Pacote 5
- 19 - Ibid. Pacote 6
- 20 - BRITO, Paulo José Miguel de. Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina, pp. 34 e 35
- 21 - CASAL, Aires de. Corografia Brasílica, p. 188
- 22 - Pacote 6 de Documentação de Sesmaria de Santa Catarina, Arquivo Histórico Municipal de Joinville
- 23 - Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Anotações de Drummand à sua Biografia. Vol. XIII, 3a. parte, p.10
- 24 - SILVA, José Ferreira da. Itajaí - A Fundação e o Fundador Blumenau em Cadernos, tomo VIII, p.159
- 25 - Ibid. p.160
- 26 - Encicoplédia dos Municípios, Vol. 32, p.171
- 27 - SILVA, J. Ferreira da. Itajaí, Cem Anos de Município, tomo III, p.103
- 28 - Ibid. p.104
- 29 - SILVEIRA JÚNIOR. Itajaí, p.31
- 30 - SILVA, J. Ferreira da. Op. cit. p.106
- 31 - O ARGOS. Da Província de Santa Catarina. Desterro, 4 de agosto de 1860, nº 606, p.1
- 32 - O PROGRESSISTA. Jomal Político, Literário e Noticioso, Desterro, 2 de agosto, nº 23, p.1
- 33 - CHAVES, Alexandre Rodrigues da Silva. Relatório do Presidente da Província, o Doutor Al. Rodrigues da Silva Chaves, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2a. sessão da 12a. Legislatura em o 1º de março, typ. Catharinen^{se} de Ávila e Rodrigues, p.39
- 34 - SILVEIRA JÚNIOR, Itajaí, p.31
- 35 - O NOVIDADES, Organ Noticioso, Itajahy, 12 de novembro de 1905, nº 76, p.1

- 36 - O CONCILIADOR, Organ do Partido Conservador, da Província de Santa Catarina, 7 de agosto de 1873, nº 75, p.2
- 37 - Enciclopédia do Município, Vol. 31.171
- 38 - CHAVES, Alexandre Rodrigues da Silva. Falla com que o exm. Snr. Doutor Rodrigues Chaves abre a Segunda Sessão da vigésima Legislatura da Assembléia Provincial, em 2 de fevereiro de 1881, cidade do Desterro, Typ. e Lith. de Alex Margarida, p.6
- 39 - O NOVIDADE, Op. cit. 30 de julho de 1905, nº 61, p.1
- 40 - O PHAROL, Organ Commercial, Noticioso e Humorístico, Itajahy 1º de março de 1907, nº 137, p.1
- 41 - O NOVIDADE, Op. cit. 12 de novembro de 1905, nº 76, p.1

CAPÍTULO III

MIGRAÇÃO: PROCEDÊNCIA E EVOLUÇÃO

3.1. Introdução

Num trabalho de demografia, onde é analisado, sobretudo, o crescimento demográfico, é imprescindível o capítulo que trata da imigração, pois esta vem sempre influir na estrutura interna da população. No caso de Itajaí, em especial, o assunto assume vital importância, dado o mosaico étnico no qual se constata. Naturalmente a situação geográfica, como ponto estratégico, tendo à frente o Oceano Atlântico, porta aberta ao mundo, e às costas, o Itajaí-Açú, caudaloso e navegável, via de comunicação com o interior, serviu de atração a constantes ondas migratórias.

O presente capítulo tem como objetivo, através do levantamento das origens dos noivos, pelo sistema de agregação anônima da Escola de Cambridge, conhecer, pelo menos aproximadamente, o volume da migração itajaiense e a procedência destes, com base nas Tabelas III.1. e III.2.

O sistema de agregação anônima apresenta-nos suas limitações, por exemplo; não elimina os casos de viúvos que se casaram mais de uma vez; não determina o número de pessoas que vieram só para se casar, os marítimos talvez, o que é pouco provável que tenha ocorrido muitas vezes, pois o pároco sempre teve o cuidado de registrar o lugar de origem e o lugar de residência dos noivos; também não demonstra se o casal permaneceu na comunidade apenas algum tempo.

Dentro deste trabalho, não são inumerados os migrantes seguidores do protestantismo por registrarem seus eventos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, instalada em 1870. No entanto, seu número não foi muito grande, a ponto de modificar significativamente as conclusões.

Contudo os resultados obtidos nas Tabelas III. 1. e III. 2., nos dão clara idéia da presença contínua de migrantes a se estabelecerem nas terras que, tão bem, Marcos Konder descreveu, como se pode observar pelo seguinte trecho:

A cidade de Itajaí produz em todos, mesmo em quem não a observa com os olhos do bairrismo, uma impressão agradável e simpática. Situada numa planície extensa, cujos limites os morros da Cruz, da Fazenda e das Cabeçadas circunscrevem, pelos

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

PROCEDÊNCIA DOS NOIVOS
1866 - 1930

ANO	TOTAL	De Itajaí	%	Da vizinhança, num raio de 50km	%	de Outros Municípios	%	De outros Estados	%	de Outros Países	%
1866	21	8	38,0	5	24,0	6	28,5	-	-	2	9,5
1867	38	22	37,9	5	15,8	7	18,4	1	2,6	2	5,3
1868	35	24	68,6	4	11,4	2	5,7	1	2,9	4	11,4
1869	29	18	62,1	9	31,0	-	-	-	-	2	6,9
1870	33	16	48,5	4	12,1	4	12,1	1	3,0	8	24,3
1871	23	12	52,2	2	8,7	9	39,10	-	-	-	-
1872	22	7	31,8	6	27,3	3	13,6	-	-	6	27,3
1873	29	19	65,5	6	20,7	1	3,4	1	3,4	2	6,9
1874	68	43	63,2	12	17,6	7	10,3	3	4,4	3	4,4
1875	19	11	57,9	2	10,5	-	-	3	15,8	3	15,8
1876	20	17	85,0	1	5,0	-	-	1	5,0	1	5,0
1877	22	17	77,3	4	18,2	1	4,5	-	-	-	-
1878	41	33	80,5	5	12,2	2	4,9	-	-	1	2,4
1879	33	23	69,7	5	15,1	-	-	2	6,1	3	9,1
1880	33	24	72,7	2	6,1	-	-	2	6,1	5	15,1
1881	40	23	57,5	5	12,5	3	7,5	3	7,5	6	15,5
1882	28	21	75,0	4	14,3	1	3,6	2	7,1	-	-
1883	44	26	59,1	9	20,5	2	4,5	1	2,3	6	13,6
1884	42	30	71,4	8	19,1	-	-	1	2,4	3	7,1
1885	41	28	68,3	9	22,0	2	4,9	-	-	2	4,8
1886	43	24	55,8	10	23,3	2	4,7	2	4,7	5	11,6
1887	38	27	71,6	3	7,9	5	13,2	1	2,6	2	5,2
1888	53	46	86,8	3	5,6	3	5,6	-	-	1	1,0
1889	46	29	63,0	13	28,3	2	4,3	-	-	2	4,3
1890	62	37	59,7	16	25,8	4	6,5	2	3,2	3	4,8
1891	56	39	69,6	11	19,6	3	5,4	1	1,8	2	3,6
1892	71	37	52,1	17	23,9	3	4,2	5	7,0	9	12,7
1893	66	30	45,5	16	24,2	6	9,1	7	10,6	7	10,6
1894	39	24	61,5	7	17,9	3	7,7	4	10,3	1	2,6
1895	85	64	75,3	7	8,2	4	4,7	7	8,2	3	3,5
1896	95	59	62,1	21	22,1	4	4,2	1	1,1	10	10,5
1897	64	42	65,6	10	15,6	2	3,1	2	3,1	8	12,5
1898	62	52	83,9	1	1,6	2	3,2	-	-	7	11,3
1899	67	64	95,5	2	3,0	-	-	1	1,5	-	-
1900	54	42	77,8	5	9,2	-	-	1	1,8	6	11,1
1901	51	48	94,1	3	5,9	-	-	-	-	-	-
1902	63	48	76,2	9	14,3	-	-	3	4,7	3	4,7
1903	69	53	76,8	15	21,7	-	-	-	-	1	1,5
1904	54	46	85,2	2	3,7	3	5,5	1	1,8	2	3,7
1905	67	43	64,2	12	17,9	6	8,9	3	4,5	3	4,5
1906	53	32	60,4	14	26,4	4	7,5	1	1,9	2	3,8
1907	72	55	76,4	6	8,3	3	4,2	8	11,1	-	-
1908	53	30	56,6	15	28,3	2	3,8	1	1,9	5	9,4
1909	85	41	48,2	29	34,1	8	9,4	3	3,5	4	4,7
1910	43	24	55,8	10	23,3	1	2,3	2	4,6	6	14,0
1911	80	49	61,2	15	18,7	4	5,0	7	8,7	5	6,2
1912	50	25	50,0	17	34,0	4	8,0	2	4,0	2	4,0
1913	72	44	61,1	21	29,2	5	6,9	-	-	2	2,8
1914	84	56	66,7	20	23,8	5	5,9	2	2,4	1	1,2
1915	64	43	67,2	11	17,2	4	6,2	3	4,7	3	4,7
1916	53	35	66,0	12	22,6	2	3,8	1	1,9	3	5,7
1917	58	33	56,9	18	31,0	4	6,9	-	-	3	5,2
1918	89	49	55,1	24	27,0	6	6,7	8	8,9	2	2,2
1919	84	48	57,1	31	36,9	1	1,2	2	2,4	2	2,4
1920	116	62	53,4	36	31,0	10	8,6	6	5,2	2	1,7
1921	90	57	63,3	24	26,7	3	3,3	4	4,4	2	2,2
1922	89	53	59,6	21	23,6	6	6,7	7	7,9	2	2,2
1923	94	44	47,0	37	39,3	7	7,4	4	4,2	2	2,1
1924	205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1925	125	60	48,0	51	40,8	6	4,8	6	4,8	2	1,6
1926	118	64	54,2	42	35,6	2	1,7	8	6,8	2	1,7
1927	123	56	45,5	47	38,2	6	4,9	5	4,1	9	7,3
1928	106	43	40,5	45	42,5	11	10,4	3	2,8	4	3,8
1929	157	77	49,0	57	36,3	9	5,7	9	5,7	5	3,2
1930	112	59	52,7	40	35,7	3	2,7	8	7,1	2	1,8
TOTAL	3935	2272	57,7	967	24,6	223	5,7	268	6,8	205	5,2

Pontes: Registros Paroquiais de Casamentos

NOTA: Os registros de casamentos de 1924 estão incompletos, por isso o resultado total de noivos está diminuído de 205 unidades

PARÓQUILA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

PROCEDÊNCIA DAS NOIVAS
1866 - 1930

ANO	TOTAL	De Itajaí	%	Da vizinhança num raio de 50km	%	De outros Municípios	%	De outros Estados	%	De outros Países	%
1866	21	15	71,4	4	19,0	2	9,5	-	-	-	-
1867	38	21	55,3	11	28,9	5	13,2	-	-	1	2,6
1868	35	28	80,0	6	17,1	-	-	-	-	1	2,9
1869	29	21	72,4	3	10,3	3	10,3	-	-	2	6,9
1870	33	22	66,7	6	18,2	2	6,0	-	-	2	9,1
1871	23	17	73,9	3	13,0	3	13,0	-	-	-	-
1872	22	12	54,5	6	27,3	3	13,6	-	-	1	4,5
1873	29	20	69,0	6	20,7	2	6,9	1	3,4	-	-
1874	68	48	70,6	13	19,1	4	5,9	1	1,5	2	2,9
1875	19	12	63,1	4	21,0	2	10,5	-	-	1	5,3
1876	20	18	90,0	2	10,00	-	-	-	-	-	-
1877	22	17	77,3	4	18,2	1	4,5	-	-	-	-
1878	41	37	90,2	3	7,3	1	2,4	-	-	-	-
1879	33	29	87,9	3	9,1	1	3,0	-	-	-	-
1880	33	27	81,8	5	15,2	-	-	1	3,0	-	-
1881	40	33	82,5	3	7,5	3	7,5	1	2,5	-	-
1882	28	24	85,7	2	7,1	2	7,1	-	-	-	-
1883	44	31	70,5	13	29,5	-	-	-	-	-	-
1884	42	33	78,5	7	16,7	1	2,4	1	2,4	-	-
1885	41	29	70,7	11	26,8	1	2,4	-	-	-	-
1886	43	28	65,1	12	28,0	-	-	-	-	3	3,7
1887	38	31	81,6	5	13,2	1	2,6	-	-	1	2,6
1888	53	50	94,3	3	5,7	-	-	-	-	-	-
1889	46	34	73,9	10	21,7	2	4,3	-	-	-	-
1890	62	45	72,6	16	25,8	1	1,6	-	-	-	-
1891	56	42	75,0	13	23,2	1	1,8	-	-	-	-
1892	71	50	70,4	15	21,1	4	5,6	1	1,4	1	1,4
1893	66	43	65,2	18	27,3	1	1,5	1	1,5	3	4,5
1894	39	32	82,1	5	12,8	2	5,1	-	-	-	-
1895	85	79	92,9	4	4,7	-	-	1	1,2	1	1,2
1896	95	67	70,5	17	17,9	2	2,1	-	-	9	9,5
1897	64	58	90,6	6	9,4	-	-	-	-	-	-
1898	62	61	98,4	-	-	-	-	-	-	1	1,6
1899	67	65	97,0	2	3,0	-	-	-	-	-	-
1900	54	47	78,0	7	13,0	-	-	-	-	-	-
1901	51	47	92,1	2	3,9	1	2,0	1	2,0	-	-
1902	63	52	82,5	8	12,9	-	-	1	1,5	2	3,1
1903	69	54	78,3	12	17,4	-	-	-	-	3	4,3
1904	54	50	92,6	4	7,4	-	-	-	-	-	-
1905	67	54	80,6	10	14,9	3	4,5	-	-	-	-
1906	53	42	79,2	9	17,0	1	1,9	1	1,9	-	-
1907	72	60	83,3	10	13,9	2	2,8	-	-	-	-
1908	53	35	66,0	12	22,6	2	3,8	2	3,8	2	3,8
1909	85	52	61,1	30	35,3	2	2,4	1	1,2	-	-
1910	43	29	67,5	13	30,2	-	-	-	-	1	2,3
1911	80	44	55,0	33	41,3	2	2,5	-	-	1	1,2
1912	50	32	64,0	15	30,0	3	6,0	-	-	-	-
1913	72	44	61,1	24	33,3	2	2,8	2	2,8	-	-
1914	84	54	64,3	24	28,3	6	7,1	-	-	-	-
1915	64	39	60,9	17	26,5	5	7,8	1	1,5	2	3,1
1916	53	33	62,2	19	35,9	-	-	1	1,9	-	-
1917	58	43	74,1	11	19,0	4	6,9	-	-	-	-
1918	89	76	85,4	10	11,2	2	2,3	1	1,1	-	-
1919	84	60	71,4	22	26,2	-	-	1	1,2	1	1,2
1920	116	81	69,9	30	25,8	4	3,4	1	0,9	-	-
1921	90	57	63,3	29	32,2	4	4,5	-	-	-	-
1922	89	59	66,3	27	30,3	3	3,4	-	-	-	-
1923	94	51	54,3	35	37,2	4	4,3	2	2,1	2	2,1
1924	205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1925	125	83	66,4	35	28,0	6	4,8	-	-	1	0,8
1926	118	63	53,4	48	40,7	6	5,1	1	0,8	-	-
1927	123	86	69,9	31	25,2	5	4,1	1	0,8	-	-
1928	106	75	70,8	22	20,8	7	6,6	1	0,9	1	0,9
1929	157	94	59,9	53	33,8	9	5,7	1	0,6	-	-
1930	112	66	58,9	39	34,8	6	5,4	1	0,9	-	-
TOTALS	3935	2808	71,4	913	23,2	143	3,6	20	0,7	45	1,1

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos.

Nota: Os registros de casamentos de 1924 estão incompletos, por isso o resultado total de noivas está diminuído de 205 unidades

lados do Sul e do Oeste, ela se debruça à beira do Itajaí-Açu numa atitude de sultana formosa, coroada pelo diadema esmeraldino dos morros e reverendo-se no espelho das águas glaucas do rio seu eterno companheiro e amigo. As ruas alinhadas, retas e longas, dão-lhes o aspecto de uma urbs moderna, traçada para conter uma população enorme. De fato a varzea, em que ela se assenta, vai pelo vale do Itajaí-Mirim acima numa extensão de quase 12 km e oferece espaço para algumas centenas de milhares de almas.

Comercialmente é o entreposto e escoadouro das importantes e futuras regiões do Estado - o vale do Itajaí.¹

Realmente¹ muita gente veio morar em Itajaí, oriundas dos mais variados pontos.

Nas referidas tabelas, os migrantes estão classificados em quatro classe de origem: a) os que vêm de paróquias vizinhas num raio de 50 km; b) os que vêm de outros municípios catarinenses, além do raio de 50 km; c) os que vêm de outros Estados brasileiros; d) os estrangeiros.

3.2. Migração Dentro do Raio de 50 km

A maior incidência dos migrantes que entraram em Itajaí, é dos que vieram da vizinhança (70% do total dos noivos migrantes). Eram procedentes dos seguintes locais: Penha, Piçarras, Barra Velha, Ilhota, Luíz Alves, Gaspar, São João Batista, Camboriú e Brusque.

Itajaí foi uma espécie de núcleo que absorveu grande parte da população da redondeza. E tanto o fôlego, que muitas daquelas localidades vizinhas estagnaram-se e quase pereceram, embora, atualmente assistimos ao retorno do desenvolvimento. Por exemplo, Marcos Konder assinalava em 1927:

Luíz Alves, embora mais próspero e adiantado, - comparando-o com Penha - ressentia-se ainda da falta de certos elementos, capazes de lhe assegurar um progredir mais rápido e estável(...) Em parte deve-se isto à inferioridade das terras acidentadas de certas linhas coloniais, mas o principal impecilho deve-se encontrar, em nossa humilde opinião, na ausência de elementos intelectuais² para servirem de guias e orientadores dos colonos.

Quanto a Penha, Marcos Konder se referia, dizendo:

O grande mal das populações praieiras, já o

observou alguém, na vizinhança do mar abundante de pescado. Onde a vida do mar é tão fácil e compensadora, o habitante das marinhas prefere dedicar-se à pesca, a trabalhar o solo(...) Mas a pesca rudimentar e primitiva, como é praticada em todo o litoral catarinense, mal serve para prover a subsistência das populações marinhas.³

A 14 de janeiro de 1917, o jornal O NOVIDADES, publicava um documento dirigido ao Governo do Estado, redigido pelos representantes mais respeitados do município de Camboriú, nestes termos:

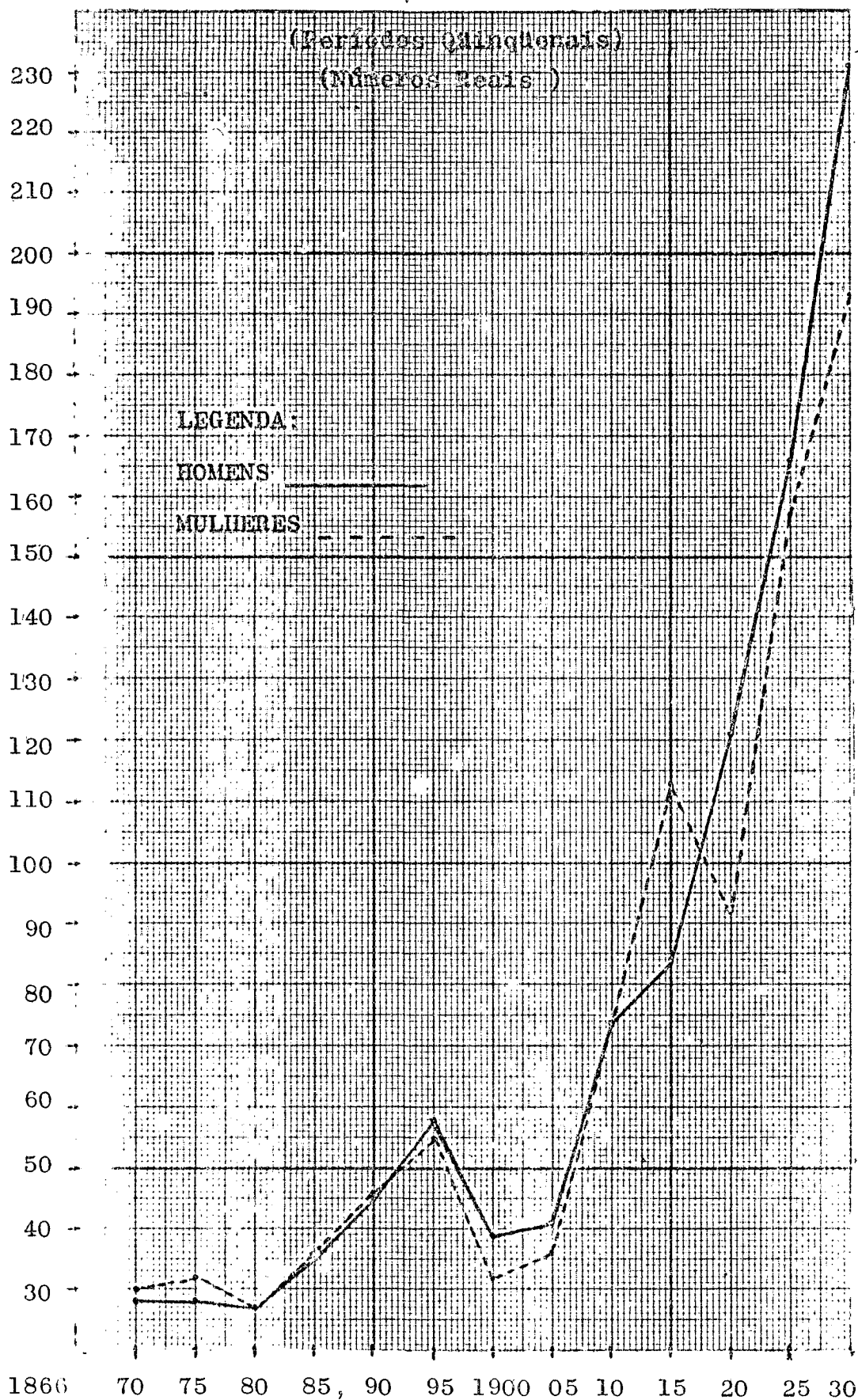
... o município de Camboriú, ou por falta de recursos próprios ou porque estes não tenham sido até agora devidamente aproveitados, não progride, antes constitui embaraço sério ao desenvolvimento privado, a ação municipal, insuficiente para prover as exigências locais(...) quando V. Exa. houver por bem convocar a conferência dos superintendentes e Presidentes dos Conselhos Municipais, (...) tomando em consideração esta representação, incorporar o município de Camboriú ao de Itajaí cuja administração honesta e criteriosa, melhor satisfará aos interesses dos actuaes municípios de Camboriú (...) sem uma receita mínima de 10 contos de reis não deveria existir um município.⁴

Não é de se estranhar, portanto, o número avançado de pessoas que vinham para Itajaí, naturalmente à procura de uma região que lhes oferecesse melhores condições de vida. E Itajaí lhes prometia esta oportunidade, já que o porto absorvia grande quantidade de mão de obra.

Nas tabelas III.1. e III.2. , onde é analisada a procedência dos noivos no período entre 1866 e 1930, percebe-se a chegada sistemática e metódica dos migrantes da redondeza, representando um número bastante elevado, com tendência fortemente acentuada ao crescimento. (gráfico 2) Observando-se este gráfico, percebe-se que o número das mulheres que migraram não é muito inferior ao dos homens. No total, os homens superaram as mulheres, apenas em 54 casos (967 noivos e 913 noivas). No entanto houve períodos em que a curva da evolução migratória das mulheres ultrapassam a dos homens: 1866-1880. , 1881-1890, 1911-1920. Isto significa que as mulheres acompanharam os homens na busca de uma vida melhor e mais fácil ou que famílias inteiras migraram trazendo seus filhos menores que, mais tarde engros-

GRÁFICO 2

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 NOIVOS PROCEDENTES DE PARÓQUIAS VIZINHAS NUM RAI0 DE 50KM
 1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

saram o número de noivos e noivas que tinham suas origens naqueles ditos lugares.

No decorrer do período, observa-se pelo gráfico 2, que a linha da evolução do fluxo migratório das paróquias vizinhas, apresenta altos e baixos. No início do período, entre 1866 e 1875, manteve-se alta com uma média de 11,8 noivos ao ano, entre noivos e noivas, ou seja, 18,6% do total de casamentos. Nos próximos dez anos, 1876-1885, sofre uma leve depressão - a média é de 10,5 ao ano, 15,3% do total. Em 1886, o fluxo retoma a subida até 1895. Neste período, em média ao ano, 20 noivos eram migrantes da redondeza, perfazendo 18,2% do total. Em seguida, o fluxo sofre uma baixa. Entre 1896 e 1905, a média, ao ano, é de 14,8 noivos - 11,5% do total. Conclui-se que entre 1866 e 1905, num período de 40 anos, os ciclos da evolução migratória, tiveram duração de 10 anos.

Já, a partir de 1906, o fluxo migratório toma um rumo que cresce assustadoramente, para não mais cair, pelo menos até 1930, final do período analisado. Para o decênio 1906-1915, em média, 17,8 noivos eram migrantes da vizinhança, entre noivos e noivas, correspondendo a 27% do total dos noivos e no decênio seguinte, 1916-1925, 26,2 - 33% do total.

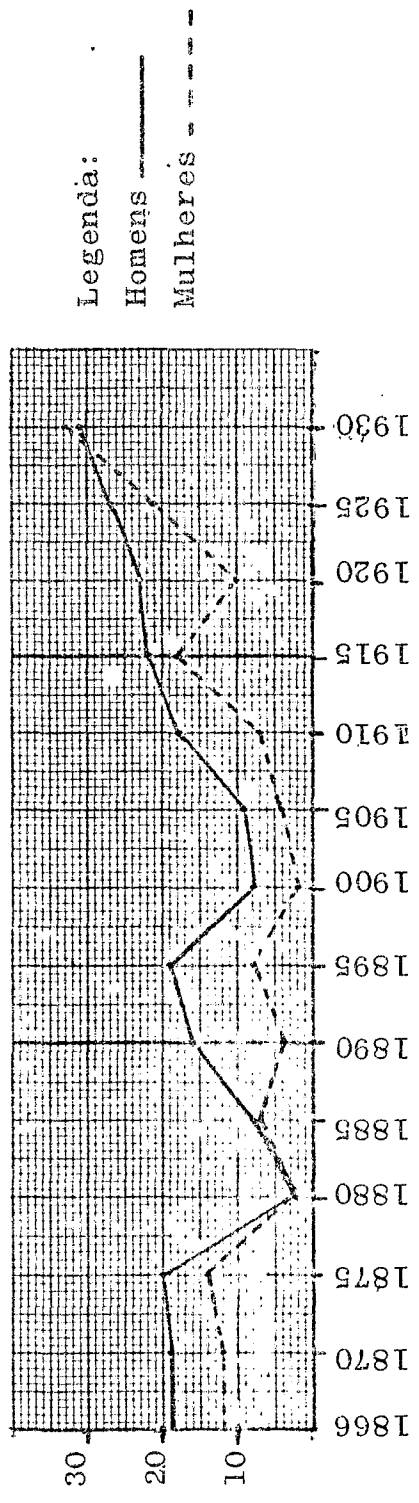
Provavelmente, as oscilações do século passado são explicáveis, pelo fato de que as deturpações econômicas na região eram vacilantes, porém, a partir do início deste século, o desenvolvimento de Itajaí se define em detrimento das demais localidades vizinhas.

3.3. Migrantes de Outros Municípios Catarinenses

Quanto aos migrantes vindos de outros municípios catarinenses, além do raio de 50 km, o número é bem mais modesto, porém bastante significativo.

Totalizando este grupo, temos 223 noivos e 143 noivas, representando 13,6% do total de noivos migrantes e 4,4% do total dos noivos. Neste caso, o número de mulheres em relação aos homens é menor, no entanto o fluxo migratório, embora com menor intensidade, obedeceu a mesma duração dos ciclos da classe de migrantes, analisados anteriormente. (gráfico 3) Para o período 1866-1875 houve, em média, ao ano 6,5 noivos oriundos de outros municípios, entre noivos e

GRÁFICO 3
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 NOIVOS PROCEDENTES DE OUTROS MUNICÍPIOS CATARINENSES
 ALEM DO RAI0 DE 50KM
 1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos.

noivas, correspondendo a 10,3% do total de casamentos, no decênio seguinte, 1876-85, a média caiu para 2,2 ao ano - 3% do total; entre 1886 e 1896, o número elevou-se para 4,7 noivos, em média ao ano ou seja, 4,2% do total; a média volta a cair no período seguinte, entre 1896 e 1905 para 2,3 - 1,7%. A partir de 1906, permanece alta até o final do período, sendo que, entre 1906 e 1915, a média foi de 7,2 noivos ao ano, perfazendo 5,0% do total de casamentos e entre 1916 e 1925, 7,2 e 4,8%, respectivamente.

Como o porto de Itajaí é o escoadouro do Vale do Itajaí-Açu poder-se-ia pensar que muitos dos donos das mercadorias para ali se dirigissem e se estabelecessem para se dedicarem à atividade de intercâmbio, talvez. Mas, ao contrário, são bastante raros os casos destes migrantes. Isto é bastante justificável, pois é sabido que as colônias ao se estabelecerem no Vale, "logo prosperaram devido, não só ao aumento da produção agrícola, como também à capacidade dos habitantes em intensificar a produção extrativa e criar novas fontes de renda."⁵ O êxodo rural é mais recente e deu-se em direção ao planalto, ao Oeste catarinense e, de um modo mais assustador, ao Norte do Paraná.

Constata-se que nesta classe de migrantes, composta de pessoas de Santa Catarina, de municípios além do raio de 50 km, salientam-se aqueles de tradição marítima (de Florianópolis, São Francisco, São José e de Laguna), com uma única exceção, os de Nova Trânto que a partir do início deste século, passaram a figurar com frequência entre os noivos que vieram de fora (29% do total entre noivos e noivas, desta classe de migrantes entre 1900 e 1930).

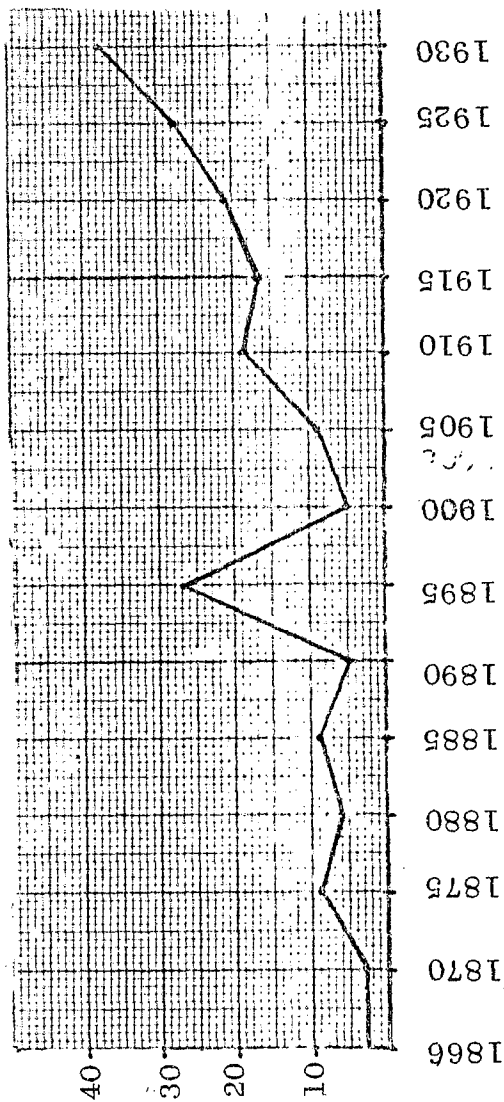
3.4. Migrantes de Outros Estados Brasileiros

Entre os noivos de origem de outros Estados brasileiros, registraram-se 268 homens e 26 mulheres, 3,9% do total de noivos e 10,9% do total de noivos migrantes. (gráfico 4)

Santa Catarina nunca foi um Estado considerado grande receptor de fluxos migratórios internos que se vêm registrando, no Brasil, desde os primórdios de sua história. No Brasil-Colônia, o deslocamento populacional deu-se do Nordeste para a região das minas, no Centro-Sul; no século XIX, foram as regiões cafeeiras, Rio de Janei-

GRÁFICO 4

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
NOIVOS PROCEDENTES DE OUTROS ESTADOS BRASILEIROS
TOTAL DE NOIVOS E NOIVAS
Números reais
1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

ro, São Paulo e Minas Gerais, que atraíram grandes contingentes populacionais. Mais recentemente, as grandes correntes migratórias que se deslocaram, sobretudo do Nordeste, foram absorvidas, principalmente, por São Paulo e Paraná. Hoje assistimos a um grande interesse pela Amazônia e Mato Grosso.

No entanto, o aumento da população catarinense, também deve-se às migrações internas que sempre apresentaram saldo positivo, embora reduzido ultimamente. Existe um dito jocoso que, embora com muito exagero, procura conceituar o catarinense como sendo "um gaúcho corrido", já que o Oeste e o Meio Oeste têm recebido grande afluxo de populações dos Pampas.⁶

Neste contexto, Itajaí recebeu um bom número de pessoas vindas de outros Estados brasileiros. São diversos os pontos de origem, com destaque para os que vieram de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco e Sergipe.

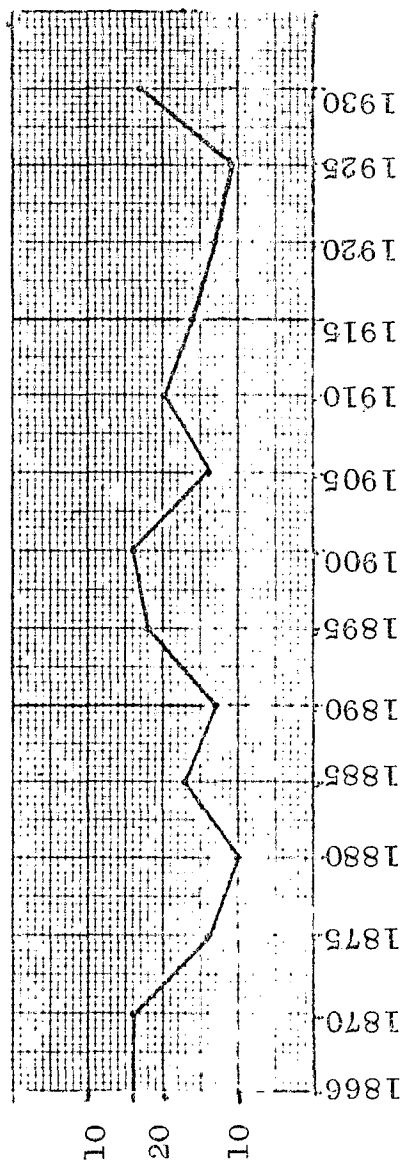
Sua linha evolutiva registra quase que as mesmas curvas das migrações analisadas anteriormente. A um período de oscilações baixas (1870-1890), sucede um de alta (1890-1895), para novamente cair entre 1895 e 1905. A partir de 1910, mantém-se elevada com tendência acentuada ao crescimento.

3.5. Migrantes de Outros Países

Se Itajaí, ao longo de sua evolução histórica, atraiu toda sorte de gente, fazendo com que sua população se caracterizasse pela variabilidade de sua origem e de seu povo, uma sociedade aberta, a parcela de imigrantes de outros países é bastante pequena. Do total de noivos, no período 1866-1930, 52,7% não haviam nascido em Itajaí. Destes, 41,9% vieram de paróquias vizinhas, 4,4% eram migrantes intermunicipais, 3,8% migrantes interestaduais e, a menor parcela, 2,9% eram migrantes internacionais. (gráfico 5)

Sabe-se que a história da imigração brasileira data de 1808, embora só a partir de 1850 ela toma verdadeiro impulso, favorecido pela Revolução Industrial e pelo aumento populacional, na Europa. No Brasil, "o café representava, já em 1854, 54% do valor total das exportações; 65% em 1885". A necessidade de intensificar a cultura cafeeira e a supressão do tráfico de escravos pela lei Eusébio de

GRÁFICO 5
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 NOIVOS PROCEDENTES DE OUTROS PAISES
 Números reais
 1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

Queiros, de 4 de dezembro de 1850, exigia uma nova mão de obra.

A partir daí, portugueses, italianos, espanhóis, alemães, em grandes levadas, chegam ao Brasil, ininterruptamente, pelo menos até a Primeira Guerra Mundial.

Em Santa Catarina, a colonização de imigrantes estendeu-se por uma faixa mais ou menos entre o litoral e o planalto. Os vales do Itajaí-Mirim e do Itajaí-Açu foram sendo ocupados desde 1835.⁸ A Colônia Blumenau foi fundada em 1850.

Itajaí constituiu um porto receptor de imigrantes que ao chegarem, permaneciam num armazém próprio para pouso provisório dos colonos, na Barra do Rio, aguardando condução para seguirem seus destinos. (figuras 4 e 5)

Alguns destes colonos imigrantes, talvez, ao invés de adentrarem o vale, ficaram em Itajaí. Ou, quem sabe, tenham voltado depois. O certo é que, entre os noivos que vieram do estrangeiro, foram encontrados com boa frequência, no início do período, os alemães (19,2%) e a partir de 1896, os italianos (14%).

Os portugueses apareceram durante todo o período, é o grupo que mais se destaca, 30,8% do total de noivos estrangeiros.

Contudo, conforme já foi assinalado, o número de imigrantes estrangeiros que se radicaram em Itajaí, é bastante reduzido. No total, contam-se para o período 1866-1930, 205 noivos e 45 noivas, sendo muito variados os países de origem e não se pode dizer que algum destes grupos tenham marcado a cultura itajaiense.

O período de 1895-1900 foi o de maior registro de noivos que vieram de outros países. Durante a Primeira Guerra Mundial e os anos subsequentes, o número caiu e só aumentou após 1925.

Constatou-se, assim, que a população itajaiense constitui uma mescla de etnias. Em Itajaí se fundiram povos das mais diversas origens para dar forma harmoniosa ao povo que hoje se encontra.

Viu-se que, como em todo mundo, as migrações são consideradas não acidentais, mas sim, fenômenos regulares e contínuo, também em Itajaí elas não fugiram a esta regra. Examinando as linhas evolutivas, principalmente dos gráficos n.ºs. 2, 3 e 4, verificou-se que elas desenham as mesmas curvas que, provavelmente, não se deram por

acaso, mas que obedeceram a fatores de ordem econômica, social e política, inerentes à região.

RODAPÉ

- 1 - KONDER, Marcos, O Município de Itajaí, Monografia apresentada no Congresso da Municipalidade em 29 de setembro de 1927, p. 10
- 2 - Ibid. p.17
- 3 - Ibid. p.16
- 4 - O NOVIDADES. Itajahy, 14 de janeiro de 1917, nº 656, p.2
- 5 - SILVA, Zédar Perfeito, O Vale do Itajaí, p.24
- 6 - LAGO, Paulo Fernando, Geografia de Santa Catarina - Instrução Programada, p.76
- 7 - HUGON, Paul, Demografia Brasileira, p.50
- 8 - LAGO, Paulo Fernando. Op. cit. p.62

CAPÍTULO IV

NUPCIALIDADE

4.1. Introdução

No estudo da nupcialidade, serão abordados alguns aspectos, tais, como: o impacto da migração sobre os casamentos, a frequência de matrimônios na comunidade, os amasiados, a idade dos noivos, a sexualidade antes do casamento. Por outro lado, a viuvez, os recasamentos, o celibatário, aspectos interessantes a serem analisados numa sociedade, não serão estudados por falta de dados precisos. Entre os registros de óbitos, constatou-se índices elevados de sub-registros, o que vem prejudicar, sobremaneira, conclusões sobre a frequência da viuvez ou o que ainda se torna mais difícil, a existência do celibatário, pois não se pode saber das quantas pessoas nascidas em determinado ano, quais as que chegaram com vida à idade do casamento. Para isto, seria necessário, também, saber-se da emigração, estudo não realizado no presente capítulo, por fugir aos objetivos propostos.

A consanguinidade é característica das comunidades isoladas. Também os fluxos migratórios, nem sempre quebram a estrutura endogâmica de uma sociedade isolada, porque o migrante incorpora-se com maior facilidade ao seu próprio grupo de origem. Um levantamento realizado por estudantes universitários, em Curitiba, há alguns anos, revelou que, entre 44 casamentos de estrangeiros com brasileiros, o nubente brasileiro pertencia a uma família que tinha a mesma origem do nubente estrangeiro em 28 casos (64%). Esse número elevou-se a 32 (73%) quando se somaram alemães com austríacos, alemães com suíços e sírios com libaneses.¹

Isto não se aplica a Itajaí, porque as correntes migratórias, como já foram analisadas em capítulo anterior, não obedeciam à esquemas rígidos. Os migrantes entraram na sociedade, em levadas contínuas, movidos por interesses individuais, não constituindo grandes grupos. Desde os primórdios do povoamento, vieram oriundos das mais diversas partes, favorecendo a formação de uma comunidade bastante aberta, onde não se distinguem grupos étnicos ou raciais. Portanto os casamentos consanguíneos, em Itajaí, apresentam números tão ínfimos, que é impossível, dar-lhes uma classificação e por isso não

TABELA IV.1.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
IMPACTO DA MIGRAÇÃO SOBRE OS CASAMENTOS

1866-1930

PERÍODOS	Mulher e marido, nascidos em Itajaí	Marido nascido em Itajaí, mulher em outra localidade	Mulher nascida em Itajaí, homem em outra localidade	Mulher e marido do nascidos em localidade diferentes, fora de Itajaí	Mulher e marido, nascidos na mesma localidade, fora de Itajaí
1866 - 1870	43,9%	12,1%	24,2%	13,4%	6,4%
1876 - 1880	70,0%	6,1%	14,1%	9,1%	0,7%
1886 - 1890	68,6%	8,8%	15,1%	4,6%	2,9%
1896 - 1900	71,5%	4,4%	16,0%	5,2%	2,9%
1906 - 1910	51,9%	8,8%	21,8%	11,8%	5,7%
1916 - 1920	43,8%	13,5%	29,8%	8,8%	4,1%
1926 - 1930	33,0%	14,3%	29,0%	13,0%	10,7%
TOTAIS	54,7%	9,7%	21,5%	9,4%	4,7%

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

merecem maiores atenções, por não marcarem, nem de longe, a composição populacional itajaiense.

4.2. O Impacto dos Migrantes Sobre os Casamentos

Os resultados obtidos, no levantamento das origens dos noivos e com quem eles estavam se casando, mostram a facilidade de entrosamento, que o imigrante encontrou dentro da sociedade itajaiense. (tabela IV.1.)

Entre os 2.244 casais analisados, 54,7%, ambos os nubentes haviam nascido em Itajaí. Além desta percentagem não representar a grande maioria, não se deve esquecer, ainda, de que suas origens eram as mais diversas.

Entre os casamentos, cujos noivos, haviam nascido em Itajaí e as noivas em outra localidade, a parcela representa 9,7%, número relativamente pequeno, comparado ao inverso: mulher nascida em Itajaí e o marido em outra localidade (21,9%). Isto se deve, simplesmente ao fato de ser maior o número de homens entre os imigrantes. Impossível, seria dizer que as mulheres expunham-se com maior facilidade ao convívio com o homem estranho, quando se sabe que a sociedade sobre a qual se trata, era caracterizada pela ausência de qualquer tipo de preconceito contra o elemento vindo de fora, dada a sua diversidade de origem.

Também é destituída de qualquer fundamento a hipótese de que, talvez, os noivos viessem apenas casar, em Itajaí, com as ditas moças e voltassem para seus lugares de origem, pois nos registros de casamentos consta, sempre, o lugar de origem dos noivos e o lugar de residência. Os noivos moravam em Itajaí.

Este fenômeno de reciprocidade não é conhecido pelas comunidades cujos ancestrais tiveram, quase que exclusivamente, uma única origem, bastante comuns no Sul do Brasil, onde se constata grupos de descendentes de imigrantes que, por diversas razões, dificultaram a assimilação e permaneceram fechados por longo tempo, favorecendo a endogamia.

Os judeus, por exemplo, são bem conhecidos por sua tendência endogâmica. Um estudo, realizado em Nova York, onde se encontra uma das mais numerosas comunidades judaicas do mundo, revelou uma taxa de internupcialidade de apenas 2%. No isolado israelita de Curitiba, observou-se um índice mais elevado. Entre 150 casais estudados, havia 7, correspondendo a 5%, formados por um membro da comunidade israelita e por um não judeu.²

Continuando a análise da tabela IV.1., entre os casamentos cujos nubentes, marido e mulher haviam nascidos em localidades diferentes, fora de Itajaí, constatou-se 9,4%. É possível que se trate mais de puras coincidências do que, propriamente, de casos de desajustados dentro da sociedade, alheios ao entrosamento, por tudo o que já ficou demonstrado quanto a completa miscigenação constatada dentro da comunidade itajaiense.

Quanto ao grupo, cujos maridos e mulheres, nasceram na mesma localidade, fora de Itajaí, representa a menor parcela, (4,74%), e talvez estes constituíssem pequenos grupos isolados dentro da sociedade, que não chegaram a se sobressair. Acredita-se que talvez possam representar pequenos grupos isolados, devida a sua origem. Constatou-se casamentos entre nubentes nascidos na mesma localidade, tais, como: Camboriú, Brusque, Gaspar, Ilhota e Nova Trento. Os de Camboriú, talvez não passem, mais uma vez, de meras coincidências, já que o número de imigrantes daquela localidade foi bastante considerável e de natureza étnica diversa. Quanto aos casamentos entre pessoas vindas da mesma localidade, como Brusque, Gaspar, Ilhota e Nova Trento, acredita-se que talvez tenham sido mais pelo fato de suas origens serem as mesmas. Descendentes de alemães e italianos de Brusque e de Gaspar, belgas de Ilhota e poloneses de Nova Trento, vieram para contrair casamentos com pessoas das mesmas raízes. Estes, naturalmente constituíram pequenos grupos isolados, que não chegaram a caracterizar e desapareceram, por serem a minoria e sofrerem a pressão da grande massa formada por um povo culturalmente miscigenado.

TABELA IV.2.

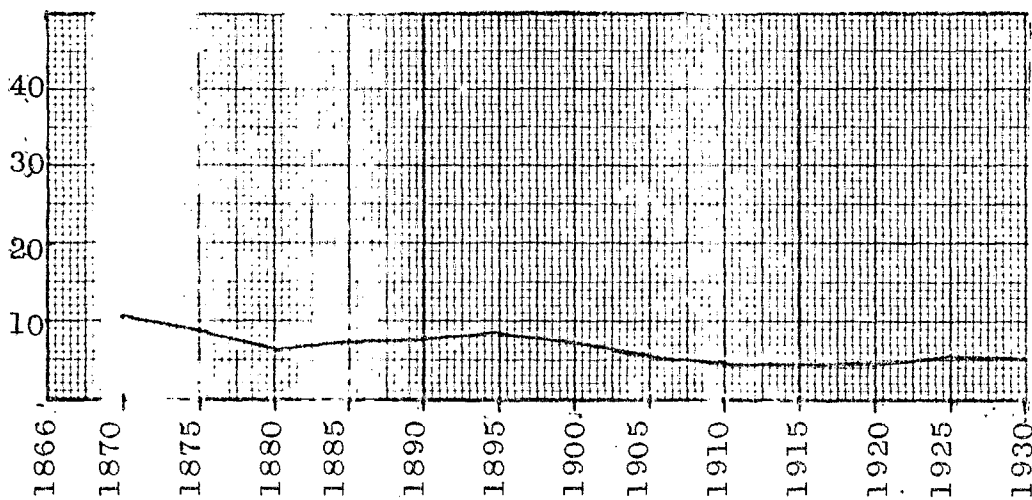
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 TAXAS DE CASAMENTO POR MIL HABITANTES
 (Períodos quinquenais)
 1866 - 1870

1866 - 1870	10,2	1901 - 1905	5,7
1871 - 1875	8,9	1906 - 1910	4,8
1876 - 1880	6,9	1911 - 1915	4,7
1881 - 1885	7,5	1916 - 1920	4,6
1886 - 1890	7,7	1921 - 1925	5,7
1891 - 1895	8,4	1926 - 1930	5,6
1896 - 1900	7,5		

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

Gráfico 6

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 TAXAS DE CASAMENTOS POR MIL HABITANTES
 (Períodos quinquenais)
 1866 - 1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

TABELA IV.3.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
CASAS QUE POSSUÍAM FILHOS ANTES DO CASAMENTO
1876 - 1930

COORTE B	COORTE C	COORTE D	COORTE E.	COORTE F.	COORTE G.
1876 - 1880 6,7%	1886 - 1890 1,9%	1896 - 1900 11,3%	1906 - 1910 14,8%	1916 - 1920 17,2%	1926 - 1930 29,4%

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

Quanto à evolução, esta está relacionada, apenas, com o tamanho dos fluxos migratórios (ver capítulo III). Nos períodos em que a força migratória foi maior, menor foi a percentagem de Casamentos em que ambos os nubentes haviam nascido em Itajaí. Esta foi a linha seguida desde o início até o fim do período, não demonstrando nenhuma mudança de comportamento, por exemplo, do tipo em que, no início, a sociedade se apresentasse mais fechada e partisse para uma tendência à abertura. A abertura existiu desde os primórdios de seu povoamento e é uma característica constante através de sua evolução histórica.

4.3. Frequência de Casamentos

Entre 1866 e 1900, foram realizados na Paróquia do Santíssimo Sacramento, 4.143 casamentos, apresentando uma progressão inversa correspondente ao total da população. Nos períodos mais antigos, era maior o número de casamentos por mil habitantes do que nos períodos mais recentes (tabela IV.2.).

Note-se que a linha da progressão nupcial apresenta algumas oscilações que, aliás, muito bímidas, mas a tendência é a baixa nupcialidade (gráfico 6).

Uma causa desta baixa na nupcialidade é a idade no casamento. Do início do período para o fim, as mulheres, principalmente, passaram a se casar cada vez mais tarde. Em média, a idade nupcial das noivas transformou-se de 19 anos para 22 anos.

Em parte, deve-se, também ao costume que vai aparecendo e se intensificando, do amasiamento (tabela IV.3.). Na Coorte B (1876-1880) 6,7% do total dos casamentos era de casais que coabitavam, pois já possuíam 1 ou mais filhos; na Coorte C (1896-1890), 1,9%; na Coorte D (1896-1900), 11,3%; na Coorte E (1906-1910), 14,8%; na Coorte F (1916-1920), 17,2% e na Coorte G (1926-1930), 29,4%.

Parece que houve uma certa tolerância da parte da Igreja em relação aos filhos ilegítimos, batizando-os na maioria das vezes, sem fazer qualquer discriminação, desde que nascessem de um casal constituído e que tinha por finalidade o casamento. Apenas não

haviem sacramentado o matrimônio. O mesmo não aconteceu com os filhos naturais, de moças solteiras, cuja paternidade não fora reconhecida. Estes sempre trouxeram, nos registros de seus batizados, a marca de "filhos naturais".

Se o número de registros de casamentos de casais amasiados, elevou-se de 6,7% para 29,4%, em 54 anos pode-se imaginar um bom número deles que continuaram a viver nestas condições e, talvez, nunca sacramentassem a sua união conjugal ou o fizeram ao aproximar-se à morte, em data posterior a 1930, fora do alcance deste trabalho.

Mas a explicação mais exata, para o desnível entre o tamanho da população e o número de casamentos, encontra-se no fator migratório. O crescimento da população itajaiense, deve-se, não apenas aos excedentes demográficos, mas, principalmente, à contribuição da imigração. Esta imigração cresce e avoluma-se cada vez mais até o final do período, como já foi salientado no capítulo anterior. Entre os migrantes, muitos já eram casados, pois ao reconstituir-se as famílias, verificou-se que 58,5% delas, os pais haviam casado em outra localidade. Deixaram suas presenças marcadas na Paróquia através do nascimento de seus filhos.

Portanto, a inversão entre o crescimento populacional e a nupcialidade, não significa que o número de pessoas casadas tenha diminuído dentro da sociedade. Para se avaliar a proporção de pessoas casadas dentro de uma população, são necessários estudos mais aprofundados.

4.4. A Idade no Casamento

Na conclusão do trabalho de Pierre CHAUNU, História como Ciência Social, assim como a proibição do incesto, constitui um ponto de referência da passagem do homem animal para o humano, a modificação ocorrida no casamento, do pubertário para as idades mais avançadas, foi a mais importante das modificações no sistema social.³

A antiguidade praticou o casamento feminino pubertário e

até pré-pubertário. Na bacia do Mediterrâneo grego-latino, a idade mínima legal, para o casamento era de 12 anos. No século VI, a idade mínima legal foi fixada em 14 anos.

O casamento modal com 12 anos foi conservado nas Índias do século XIX.

O cristianismo, de início, não alterou esta estrutura. A Igreja aceitou o casamento pubertário. Limitou-se a rejeitar os casamentos pré-pubertários contrários à lei natural e à finalidade procriadora, fundamental do casamento. A redescoberta do "Crescei e Multiplicai-vos" deu-se a partir do século V da era contemporânea, num mundo em que já só havia oficialmente cristãos. Era necessário povoar a terra para a maior glória de Deus e encher o vazio criado pelas guerras civis e ciclos de pestes dos séculos anteriores.⁴

O ideal do cristianismo fora prejudicado, no entanto, pelos gnósticos que consideravam a matéria a origem de todo o mal e cultivaram a castidade pelo medo da procriação e receio do prazer, seguido pela elite.

Nos séculos XII e XIII, ainda vamos encontrar na Europa, praticamente a mesma estrutura formada por uma massa povoadora e uma elite que pratica a ascese sexual, só que os casamentos, já não são inteiramente pubertários.

E, o atraso da idade no casamento, não tarda a chegar (entre 1250 e 1350) como resposta às dificuldades encontradas pelo homem para alimentar uma numerosa população.

Nos séculos XVII e XVIII a idade modal das mulheres no casamento se situa em todos os lugares, na Inglaterra, na França, nos Países Baixos, na Itália do Norte e na Alemanha, entre 25 e 28 anos.⁵

Que a miséria derive do crescimento excessivamente rápido da população, era assunto que ninguém discordava e os remédios eram propostos desde os tempos de Platão e Aristóteles.

No século XVIII muitos eram os que escreviam sobre o assunto, MONTESQUIEU, FRANKLIN, Sir James STUART, Arthur YOUNG, TOWNSEND e todos admitiam que a população é sempre reduzida ao nível dos meios

de subsistência. Este princípio ou lei da população foi tratada e examinada por MALTHUS, que lhe adicionara as diversas modalidades de equação, as conseqüências e as aplicações práticas.

Thomas Roberto MALTHUS nasceu em 1766, na Inglaterra e morreu em 1834. Teve 11 filhas mulheres. Desde o ano 1789, exerceu as funções de cura anglicano; entre 1798 e 1802 empreendeu diversas viagens nos países escandinavos e na Rússia, bem como na França e na Suíça, observando "in loco" os fatos relativos à população.

Data de 1789 o seu primeiro "Ensaio sobre a Lei da População", como influi ela sobre o melhoramento futuro da sociedade. Em síntese, escreveu que "os homens conhecem a miséria porque um instinto fortíssimo os leva a multiplicarem o próprio número além dos meios de subsistência.⁶

Para evitar o ritmo diferencial, MALTHUS propôs o freio ("check") preventivo e voluntário da população. Este freio seria o retardamento na idade nupcial - a restrição moral (moral restraint). O cidadão deveria adiar o casamento e só contrai-lo quando pudesse manter uma família média. (Na época era de 5 a 6 filhos).

Depois de todas estas considerações, passa-se a analisar a idade no casamento em Itajaí, entre 1876 e 1930, e ver-se-á até que ponto aproximou-se do modelo europeu ou se ocorreu uma preocupação em limitar a prole através do casamento tardio proposto por MALTHUS.

Na tabela IV.4., estão sumariados, por mil, as idades das noivas que contraíram matrimônio pela primeira vez e não coabitavam com o sexo oposto.

O casamento pré-pubertário esteve sempre ausente. É a partir dos 14 anos que as mulheres começaram a se casar, mas é quase nulo o índice de casamentos nesta faixa de idade. Para todo o período analisado, contou-se 7,3 em mil. Constituem exceções. A idade modal varia entre 19 e 22 anos. Dezenove anos para a Coorte B (1876-1880); 20 para a Coorte C (1886-1890); para a Coorte D (1896-1880) e para a Coorte E (1906-1910). Durante três décadas não houve modi-

PAROQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 IDADE DAS NOIVAS - PRIMEIRAS NUPCIAS
 (Em cada grupo de mil)
 1876-1930

COORTES	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30 e mais
B (1876-1880)	-	51	141	115	218	51	141	38	90	38	38	13	13	13	-	13	26
C (1886-1890)	6	75	69	115	75	94	126	63	132	69	50	50	19	32	13	6	6
D (1896-1900)	34	60	60	86	78	86	138	86	52	104	78	43	17	17	26	9	26
E (1906-1910)	-	5	37	132	142	95	95	89	74	105	42	47	47	11	42	5	32
F (1916-1920)	-	19	39	66	104	90	123	128	132	71	95	57	24	9	14	5	24
G (1926-1930)	4	-	20	45	95	87	108	116	112	87	91	50	41	33	37	12	62

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e de Batizados

ficação na idade modal do casamento feminino. A modificação ressurgiu na segunda década do século XX. Para a Coorte F (1916-1920), a idade modal no casamento das mulheres esteve por volta dos 21 anos e na Coorte G (1926-1930), 22 anos.

Na Coorte B, 53% das mulheres casaram-se com 19 anos ou menos; na Coorte C, 43,4%; na Coorte D, 40,4% na Coorte E, 41,1%; na Coorte F, 31,8% e na Coorte G, apenas 25%. De 53 para 25% de casamentos antes dos 20 anos de idade, é uma diferença que acentua de maneira nítida a transformação ocorrida na idade nupcial, o que constitui uma mudança comportamental na sociedade. No início do período, a metade das mulheres casaram-se antes de completar 20 anos; no final do período, meio século depois, apenas um quinto delas casaram-se antes dos 20 anos de idade.

Da mesma forma, para o inverso, a tendência é o adiamento do casamento. Na Coorte B (1876-1880), 5,2% das noivas tinham 27 anos ou mais; na Coorte C (1886-1890), 5,7; na Coorte D (1896-1900), 6,8; na Coorte E (1906-1910), 9,0%; na Coorte F (1916-1920), 5,2% e na Coorte G (1926-1930) 14,4%. Apenas o contingente da Coorte F se desencontrou. É que houve uma forte nupcialidade entre 20 e 22 anos. A idade modal passou de 20 na Coorte E, para 21, na Coorte F.. Foi pouca a percentagem das mulheres em idade de casar que não o fizeram até os 22 anos, o que vem repercutir na baixa percentagem aos 27 anos ou mais. Por outro lado, convém notar que foi um período de baixa nupcialidade. O quinquênio 1916-1920 correspondem aos últimos anos da Primeira Guerra Mundial e os subsequentes. Fatores de ordem, principalmente econômicos, estavam atuando.

A idade média no casamento feminino, sofreu uma transformação de 19,54 para 22,20 anos. (tabela IV.5.) Na Coorte B (1876-1880) a média da idade no casamento era 19,5 anos; na Coorte C (1886-1890), 20,3; na Coorte D (1896-1900), 20,6; na Coorte E (1906-1910), 21,1; na Coorte F (1916-1920), 21,1; e na Coorte G (1926-1930), 22,2 anos. Totalizando, para um período de 54 anos, a média da idade no casamento das mulheres foi de 20,8 anos.

Se não se pode equiparar a idade média, no casamento das

TABELA IV.5
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 IDADE MÉDIA DO CASAMENTO
 1876-1930

	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920	COORTE G 1926-1930
HOMENS	25,2	26,4	26,2	25,9	25,4	26,3
MULHERES	19,5	20,3	20,6	21,1	21,1	22,2

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

mulheres itajaienses, que esteve por volta dos 20 anos, na segunda metade do século XIX e 21,5 anos no início do século XX, ao da Europa, o que seria muito ambicioso, que no século XVIII, a média esteve entre 25 e 28 anos, também não se pode dizer, que se cometeram as aberrações dos casamentos pré-pubertários e inteiramente pubertários, como na América Índia ou nas Índias.⁷ O modelo europeu não é encontrado em outro lugar fora da Europa, a não ser por imitação, como na China, por exemplo, desde 1960, sob os efeitos das pressões exercidas pelo Governo e partido comunista.⁸ O Japão alcançou, na segunda metade do século XIX uma média de 21,7 anos, a média mais elevada fora da Europa. No entanto é inferior a 5 anos às médias européias.⁹ A Europa oriental conservou até cerca de 1930, uma média no casamento feminino de 18-19 anos.¹⁰ As modificações ocorridas no Terceiro Mundo datam de 1950-55, sob a ação de pressões exteriores, sob o efeito, principalmente, dos meios de comunicação.

Enquanto houve uma transformação no costume itajaiense, na idade das noivas que passaram a retardar o casamento, o mesmo não se verificou entre os homens. (tabela IV.5.).

Os homens sempre se casaram mais tarde que as mulheres, em média, 5 anos, e não houve quase alteração nas idades no casamento, durante o período analisado. A idade modal oscilou entre 24 e 26 anos. (tabela IV.6.). Na Coorte B (1876-1880), a idade modal da idade dos noivos esteve por volta de 24 anos; na Coorte C (1886-1890), 25; na Coorte D (1896-1900), 26 anos. De 1876 a 1900 houve uma transformação que demonstrou tendência ao atraso no casamento também para os homens, assim como existiu para as mulheres. Mas a partir de 1900, a idade modal volta aos 25 anos e permanece até o final do período, 1930. Igualmente, a média da idade no casamento esteve sempre por volta dos 25 e 26 anos. (tabela IV.5.). Na Coorte B, 25,2 anos; na Coorte C, 26,4; na Coorte D, 26,2; na Coorte E, 25,9; na Coorte F, 25,4 e na Coorte G, 26,3 anos. Não ocorreu, como no caso das mulheres, uma definição de tendência. Houve uma mudança da primeira para a última Coorte, entre 1876 e 1930, de 25,2 para 26,3 anos. Uma transformação, que, além de muito tímida, sofreu ao longo de sua evolução, altas e baixas constantes que não permitiram caracterizar a sua tendência.

A idade mínima constatada, nos casamentos masculinos, foi de 19 anos, 22,5 em cada mil noivos. Nesta faixa de idade observou-se uma nítida tendência ao adiamento do casamento. Assim é que, na Coorte B, 44 noivos em mil tinham 19 anos; na Coorte C, 32; na D, 22; na E, 12; na F, 15 e na G apenas 10.

Já, quanto às idades mais avançadas, não houve uma definição de tendência. Na Coorte B, 177 homens em mil, casaram-se com 32 anos ou mais; na Coorte C, 204; na Coorte D, 221; na Coorte E, 186; na Coorte F, 137 e na Coorte G, 158.

Cogita-se, às vezes, de que os homens brasileiros quando casam, em idade mais avançada, preferem fazê-lo com mulheres bem mais jovens que eles. Partindo-se desta premissa, procurou-se avaliar o comportamento do homem itajaiense, fazendo-se um levantamento das diferenças das idades de cada casal, ambos em primeiras núpcias, e estabelecer-se uma média que nos desse uma indicação para se verificar qual a atitude em Itajaí diante desta hipótese. (tabela IV.7.). Concluiu-se que, realmente, nos períodos mais antigos, houve uma maior diferença entre as idades dos noivos, mas este costume mostrou-se com tendência a desaparecer. Na Coorte B, a diferença média esteve por volta de 6,8 anos; na C, 7,2; na D, 6,8, na E, 6,0; na F, 5,2 e na G, 4,9.

E o inverso, também, aconteceu. Mulheres casando-se com homens mais jovens que elas. (tabela IV.8.) Na Coorte B, 10,5 dos casamentos cujas idades foram encontradas, de ambos os nubentes, as noivas tinham uma idade maior que a dos noivos; na Coorte C, 5,1% e na Coorte D, 3,6%. Enquanto a idade média no casamento dos homens se alargava, menor era o número de mulheres que precisavam casar-se com homens mais jovens que elas. Porém, o número elevou-se quando a idade dos homens permaneceu a mesma, enquanto que a das mulheres tendia a aumentar. E, na Coorte E, 10,4% das noivas eram mais velhas que seus noivos; na F, 11,1% e na G, 10,3%. A distorção da Coorte B, 10,5%, quando em média, os homens casaram-se com 25,2 anos e as mulheres com 19,5 anos, deve-se ao grande número de homens, que casaram-se com 22 anos ou menos (323 em mil) (tabela 1a IV.6.)

TABELA IV.6
 PAROQUIA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 IDADE DOS NOIVOS - PRIMEIRAS NUPCIAS
 (Em mil)
 1876-1930

COORTES	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36 e mais
B (1876-1880)	44	74	88	117	103	74	162	74	44	29	15	44	29	15	-	15	-	74
C (1886-1890)	32	13	51	64	116	90	160	90	90	51	39	51	6	-	19	-	32	96
D (1896-1900)	22	33	56	78	78	111	78	122	89	45	67	78	33	45	-	32	11	22
E (1906-1910)	12	24	66	54	115	127	127	115	72	42	60	84	24	30	12	6	12	18
F (1916-1920)	15	26	35	96	132	137	132	137	66	71	15	26	15	26	5	10	5	50
G (1926-1930)	10	10	24	97	92	116	174	97	101	63	58	24	14	24	19	-	5	72

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

TABELA IV.7.

PAROQUIA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 DIFERENÇA ENTRE AS IDADES DOS NOIVOS
 (Em anos)
 1876-1930

COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920	COORTE G 1926-1930
6,8	7,2	6,8	6,0	5,2	4,9

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

TABELA IV;8

PAROQUIA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 CASAMENTOS, NOS QUAIS AS NOIVAS ERAM MAIS IDOSAS QUE OS NOIVOS
 1876-1930

COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920	COORTE G 1926-1930
10,5%	5,1%	3,8%	10,4%	11,1%	10,3%

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

TABELA IV.9.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 CONCEPÇÕES PRÉ-NUPCIAIS
 1876-1930

COORTE A	COORTE B	COORTE C	COORTE D	COORTE E	COORTE F	COORTE G
1866-1876	1876-1880	1886-1890	1896-1900	1906-1910	1916-1920	1926-1930
5,8%	7,8%	13,6%	9,7%	8,1%	12,3%	13,8%

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

O ônus da diminuição da natalidade, através do retardamento do casamento, caiu sobre as mulheres. Sim, porque não deve ter sido sem dificuldades a realização do controle dos impulsos sexuais, no momento da vida em que eles são mais fortes.

Na tabela IV.9. estão demonstradas as concepções pré-nupciais, representando a atividade sexual durante o tempo de noivado, contrariando, naturalmente, aos princípios morais da igreja, que repudiavam a sexualidade fora do casamento. Os impulsos sexuais, re-freados por um longo tempo, foram mais fortes que o medo do pecado.

Na Coorte A, 5,8% das mulheres já haviam concebido antes do casamento; na Coorte B, 7,8; na C, 13,6; na D, 9,7; na E, 8,1; na F, 12,3 e na G, 13,8%. Note-se que a grande incidência de concepções pré-nupciais da Coorte C, corresponde ao período em que os homens, em média, casaram-se mais tarde. (tabela IV.5.).

A abstinência sexual, através do retardamento do casamento, embora exigisse, talvez, um grande esforço, além de contribuir para a desaceleração da natalidade, sinônimo de evolução, pode, ainda, ter concorrido de outras formas para o incremento do desenvolvimento. Estudos realizados nas Ciências Sociais, na Psicologia e na Biologia, provam que a abstinência sexual tem mais vantagens do que inconvenientes. Ela suscita agressividade e cerebralização. Provoca tensões criadoras. Existe uma espécie de ligação entre a sujeição dos impulsos sexuais e a aptidão para a inovação criativa.¹¹

RODAPÉ

- 1 - SALZANO, F. M. e N. FREIRE-MAIA. População Brasileira-Aspectos Demográficos e Antropológicos, p.89
- 2 - Ibid. p.89
- 3 - CHAUNU, Pierre. A História Como Ciência Social, p.410
- 4 - Ibid. p.410
- 5 - Ibid. p.418
- 6 - BELTRÃO, Pedro Calderan. Demografia-Ciência da População Análise e Teoria, p.219
- 7 - CHAUNU, Pierre. Op. cit. p.412
- 8 - Ibid. p.411
- 9 - Ibid. p.411
- 10 - Ibid. p.412
- 11 - Ibid. p.427

CAPÍTULO V

NATALIDADE E FERTILIDADE

5.1. Introdução

Embora o crescimento demográfico de Itajaí, deva muito à imigração, é imprescindível que se trate do crescimento natural provocado pelos excedentes demográficos que resultam da diferença entre nascimentos e óbitos.

Neste capítulo, tratar-se-á da natalidade e da fertilidade, fatores preponderantes no crescimento natural de uma população e que darão boas indicações para se avaliar o momento da passagem de população tradicional-agrícola para uma população moderna-malthusiana.

Natalidade é a frequência de nascimentos numa população em determinado ano, enquanto que fertilidade é o termo usado para designar a capacidade natural ou fisiológica de procriação. A capacidade efetiva de procriação é comumente referida, também, como fecundidade.

A influência que a natalidade exerce sobre o crescimento demográfico está sempre condicionada à mortalidade. Altas taxas de natalidade e altas taxas de mortalidade também, resultam num equilíbrio de crescimento populacional. Uma devasagem entre mortalidade e natalidade, fatalmente, resultaria num desequilíbrio, o que provocaria uma explosão demográfica de tamanho relativo ou uma retração no tamanho da população.

As taxas de natalidade estão sempre condicionadas, também, aos estágios sócio-econômicos da sociedade.

Assim é que, nas sociedades primitivas, as taxas de natalidade eram, por certo, muito altas, pois "indícios indiretos apóiam a teoria que afirma que as populações paleolíticas tinham índice de mortalidade muito altos. Já que a espécie humana sobreviveu, devemos admitir que o homem primitivo também possuía um grau elevado de fertilidade"¹.

Igualmente, as sociedades agrícolas, são caracterizadas por altas taxas de natalidade e de mortalidade. "Qualquer sociedade agrícola - na Itália do século XVI, na França do século XVIII ou na Índia do século XIX - as taxas brutas de natalidade são sempre

muito altas, variando entre 35 a 55 por mil!² E o número médio de filhos de uma mulher casada é de pelo menos, cinco.³

Já, em qualquer sociedade industrial, a taxa de natalidade tende a situar-se abaixo de 20 por mil e a fertilidade total é de duas a três crianças por mulher casada ao fim de seu período fértil.⁴

Nas zonas rurais, a fertilidade é sempre muito mais alta que nas zonas urbanas.

No Brasil, a avaliação da natalidade é feita há pouco mais de um século, a partir do recenseamento de 1872, e as taxas são, frequentemente, estáveis e muito elevadas. Entre, 1872 e 1890, as taxas anuais por mil habitantes estavam por volta de 46,5; entre 1890 e 1900, 46,0; entre 1900 e 1920, 45,0; entre 1920 e 1940, 44,0; entre 1940 e 1950, 43,5; entre 1950 e 1960, 41,5 e entre 1960 e 1970, 37,7. Estas taxas são elevadíssimas se comparadas às da Europa atual, que variam entre 14 e 25% e à da América do Norte, 23,7% em 1960. Equipara-se às da América Latina, em média 40%, e as da África e da Ásia, 40 e 45%.⁵

No entanto, a taxa de natalidade no Brasil, varia, fortemente, conforme o Estado. As mais fortes são da ordem de 44 a 48 por mil, encontradas nos Estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Amazonas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Mato Grosso. As mais fracas são da ordem de 25 a 38 por mil: Guanabara, São Paulo e Rio Grande do Sul.⁶

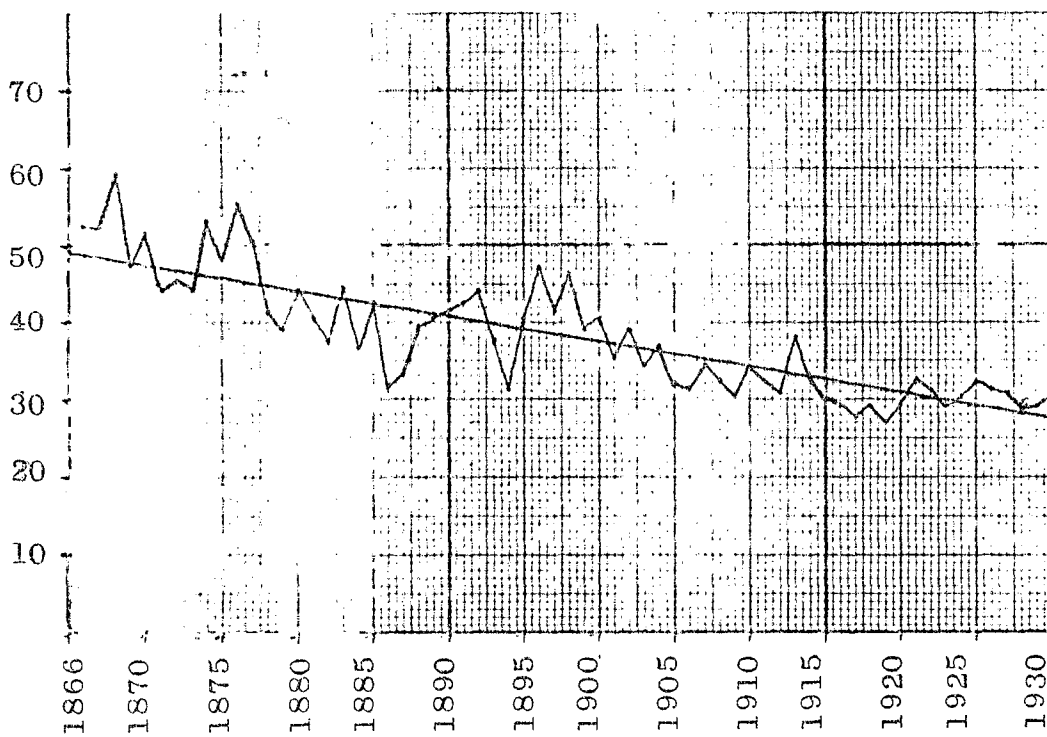
As taxas de crescimento demográfico, em Santa Catarina, têm sido sempre superiores à média nacional, devido aos expressivos fluxos migratórios e também porque as taxas de mortalidade são inferiores à média nacional.⁷ Por outro lado as taxas de natalidade têm sido bastante altas: (1872-1890) 46,8%; (1890-1900) 46,0%; (1900-1920) 45%; (1920-1940) 44%; (1940-1950) 43,5%; (1950-1960) 41,5%.⁸

Vê-se que o processo de diminuição da natalidade, em Santa Catarina, dá-se num ritmo bastante lento.

5.2. Natalidade em Itajaí

Enquanto isso, em Itajaí, a natalidade sofreu uma queda

GRÁFICO 7
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
TAXAS BRUTAS DE NATALIDADES ANUAIS
1866-1930



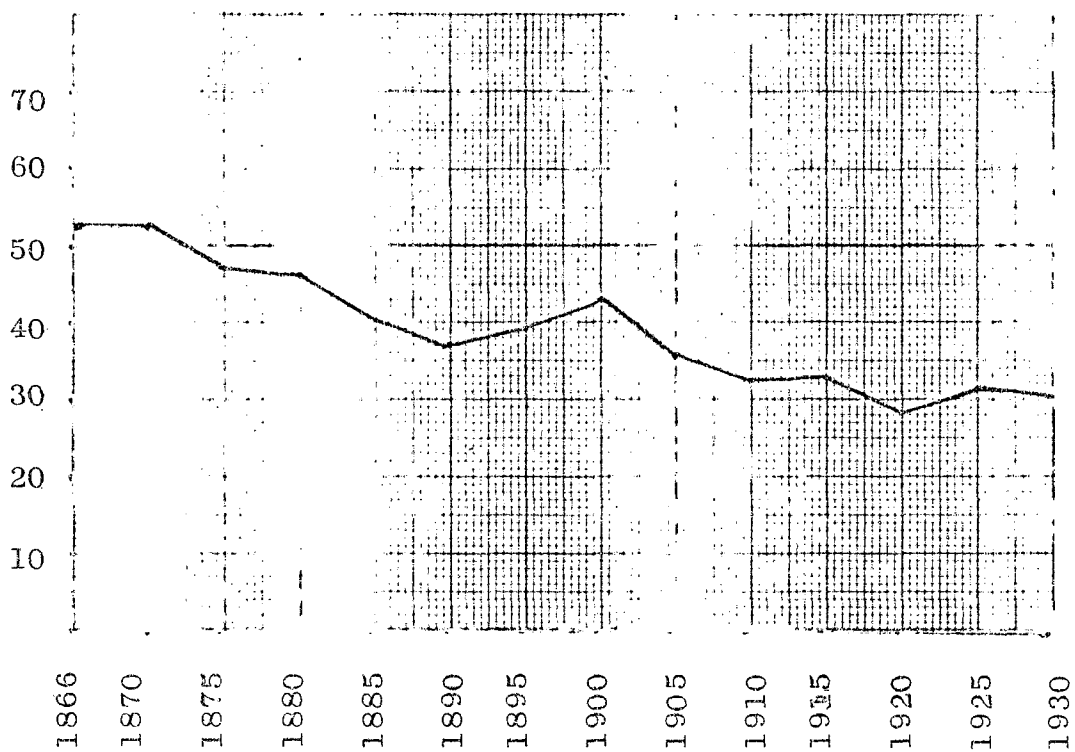
Fontes: Registros Paroquiais de Batizados.

TABELA V.1.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
TAXAS BRUTAS DE NATALIDADE ANUAIS
1866-1930

1866 - 52,7	1879 - 39,2	1892 - 44,1	1905 - 32,2	1918 - 29,0
1867 - 52,4	1880 - 44,4	1893 - 37,7	1906 - 31,6	1919 - 27,0
1868 - 59,3	1881 - 40,9	1894 - 31,2	1907 - 34,9	1920 - 29,4
1869 - 47,6	1882 - 37,8	1895 - 40,5	1908 - 32,4	1921 - 32,9
1870 - 51,9	1883 - 44,7	1896 - 47,2	1909 - 30,3	1922 - 31,2
1871 - 44,3	1884 - 36,8	1897 - 41,5	1910 - 34,3	1923 - 29,3
1872 - 45,5	1885 - 42,6	1898 - 46,5	1911 - 32,2	1924 - 30,4
1873 - 44,2	1886 - 31,5	1899 - 39,1	1912 - 30,8	1925 - 32,3
1874 - 53,3	1887 - 33,1	1900 - 40,7	1913 - 38,2	1926 - 31,3
1875 - 48,5	1888 - 39,8	1901 - 35,5	1914 - 32,8	1927 - 31,0
1876 - 55,4	1889 - 40,5	1902 - 39,0	1915 - 31,0	1928 - 28,9
1877 - 50,3	1890 - 41,8	1903 - 34,4	1916 - 29,1	1929 - 29,1
1878 - 41,10	1891 - 42,8	1904 - 37,0	1917 - 27,7	1930 - 30,5

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

GRÁFICO 8
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
TAXA BRUTA DE NATALIDADE QUINQUENAIS
1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

TABELA V.2.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 TAXAS BRUTAS DE NATALIDADES QUINQUENAIS
 (Por mil habitantes)
 1866-1930

1866-1870 - 52,8	1866-1890 - 37,1	1906-1910 - 32,7
1871-1875 - 47,2	1891-1895 - 39,3	1911-1915 - 33,0
1876-1880 - 46,1	1896-1900 - 43,0	1816-1920 - 28,6
1881-1885 - 40,6	1901-1905 - 35,6	1921-1925 - 31,2
		1926-1930 - 30,2

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

considerável, entre 1866 e 1930, com várias oscilações, mas com tendência acentuada à diminuição. (gráfico 7). O ajustamento da curva à linha reta demonstra a tendência descendente, num índice de 0,9%. No início do período, a natalidade apresentou-se com taxas elevadíssimas, por volta de 52,8 por mil, no primeiro quinquênio 1866-70. (tabela V.1. e V.2.). No quinquênio seguinte, 1871-75, a taxa bruta de natalidade cai para 47,2% entre 1876 e 1880, 46,1; entre 1881 e 1885, 40,6 entre 1886 e 1890, 37,1 por mil. Na década de 1890, a natalidade apresentou uma alta bastante considerável: entre 1891 e 1895, 39,3 e entre 1896 e 1900, 43,0 nascimentos por mil habitantes. (gráfico 8). Mas a tendência secular é o declínio, e, a volta à descida dá-se a partir de 1901 até o término da Primeira Guerra Mundial, com uma leve protuberância entre os anos imediatamente anteriores à Guerra: para o período 1901-1905 a taxa é de 35,6; entre 1906 e 1910, 32,7; entre 1911 e 1915, 33,0; entre 1916 e 1920, 28,6 nascimentos por mil habitantes. Os anos pós-guerra mostram uma leve tendência à ascensão o que não constitui, em Itajaí, um fato isolado e nem permanece, pois este fenômeno verificou-se em outras partes do mundo, mas não passou de uma simples "variação" mais ou menos "episódica".⁹ Passado esse momento, a natalidade em Itajaí volta ao seu curso, rumo à descida. Entre 1926 e 1930, 30,2 nascimentos por mil habitantes.

Em 65 anos, de 1866 a 1930, a população itajaiense percorreu um longo caminho, na transição demográfica, num ritmo bastante acelerado. Por certo, fatores de ordem econômica e social estavam atuando. É realmente considerável a transformação que se deu num período relativamente curto. A natalidade sofreu uma baixa de 52,8 para 30,2 por mil. São números bastante significativos, se comparados aos do Brasil que no decurso de 98 anos, de 1872 a 1970, sofreu uma baixa na natalidade de 46,5 para 37,7 por mil.¹⁰ A baixa da natalidade, geral, no Brasil, dá-se num ritmo bastante lento. A população itajaiense, pode, portanto, sem sombra de dúvida, ser enquadrada entre as sociedades progressistas, onde a evolução rumo ao estágio de sociedade moderna ou "industrial", dá-se num ritmo

acelerado.

5.3. A Fertilidade da Mulher Itajaiense

Coincidindo com a baixa secular da natalidade, o que, aliás, não é mera coincidência, faz parte do processo de desaceleração do crescimento demográfico, está a situação da fertilidade.

As mulheres, desde o início do período, apresentaram uma fertilidade com tendência à diminuição. (tabela V.3.)

Para analisar-se a fertilidade das mulheres itajaienses, partiu-se da Coorte B (1876-80), pois a Coorte A (1866-70), foi prejudicada pela falta de indicação das idades das mulheres, porque o período anterior a 1866 apresenta uma série de vazios nos registros paroquiais, fonte que nos daria a data do nascimento das mulheres que estavam se casando a partir de 1866. O mesmo não acontece com as mulheres que se casaram a partir de 1876, pois nas Coortes seguintes, além de ter sido encontrado um bom número de batizados registrados das respectivas noivas, o pároco teve o cuidado, na maioria das vezes, de registrar a idade dos contraentes nos registros de casamentos.

Na tabela V.3. estão sumariados os coeficientes ou as taxas de fertilidade por idade específica das mulheres casadas.

Via geral, a fertilidade da mulher itajaiense não foge aos modelos tradicionais. Começa na puberdade, aumenta entre 20 e 29 anos e decai a partir dos 30, para desaparecer completamente por volta de 45-49 anos. (gráfico 9) Entre 15 e 50 anos a fertilidade descreve uma curva em forma de sino para todas as épocas e para todas as regiões. As variantes relacionam-se com os diferentes tamanhos e as diversas formas que o sino pode tomar, de uma região para outra ou de uma época para outra, dependendo de fatores, tais como, a proporção de mulheres casadas na população ou o recurso à limitação de nascimentos. Fatores fisiológicos também podem interferir. Estudos recentes, realizados sobre populações não europeias do terceiro mundo, indicaram que a fertilidade de casais não-malthusianos pode

TABELA V.3
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
COEFICIENTE MÉDIO DE FERTILIDADE ANUAL
1876-1930

IDADE	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920
15-19	113	115	86	52	39
20-24	293	273	271	246	228
25-29	283	298	286	293	265
30-34	210	227	226	225	159
35-40	140	131	121	22	44
40-44	58	30	29	25	8
45-49	10	4	4	1	-

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

NOTA: Para se calcular o coeficiente de fertilidade, utilizou-se os números reais indicados em anexo VI, dividindo-se o número de mulheres, multiplicado por cinco, pelo número de nascimentos para cada faixa de idade.

variar sensivelmente de uma e outra etnia.¹¹

Note-se no referido gráfico, que a curva de fertilidade itajaiense está inserida entre outras, sendo que duas são de países de baixa natalidade, França e Estados Unidos, e outras duas de países com altas taxas de natalidade, Brasil e México. Mas todas as curvas, dos 15 aos 49 anos descrevem um perfil em forma de "um sino mais ou menos assimétrico", no dizer de Etienne Vande WALLE.¹²

O cimo da curva de fertilidade da mulher itajaiense, ultrapassa o do Brasil e quase alcança o do México, mas num período que antecede de quase meio século. E, note-se que, ainda num período anterior de quase meio século, a fertilidade da mulher itajaiense, nas faixas etárias 15-20 e 45-50 anos é menor que as do México e do Brasil. A mulher itajaiense apresenta, portanto, uma fertilidade menor que a do Brasil, em geral, e a do México.

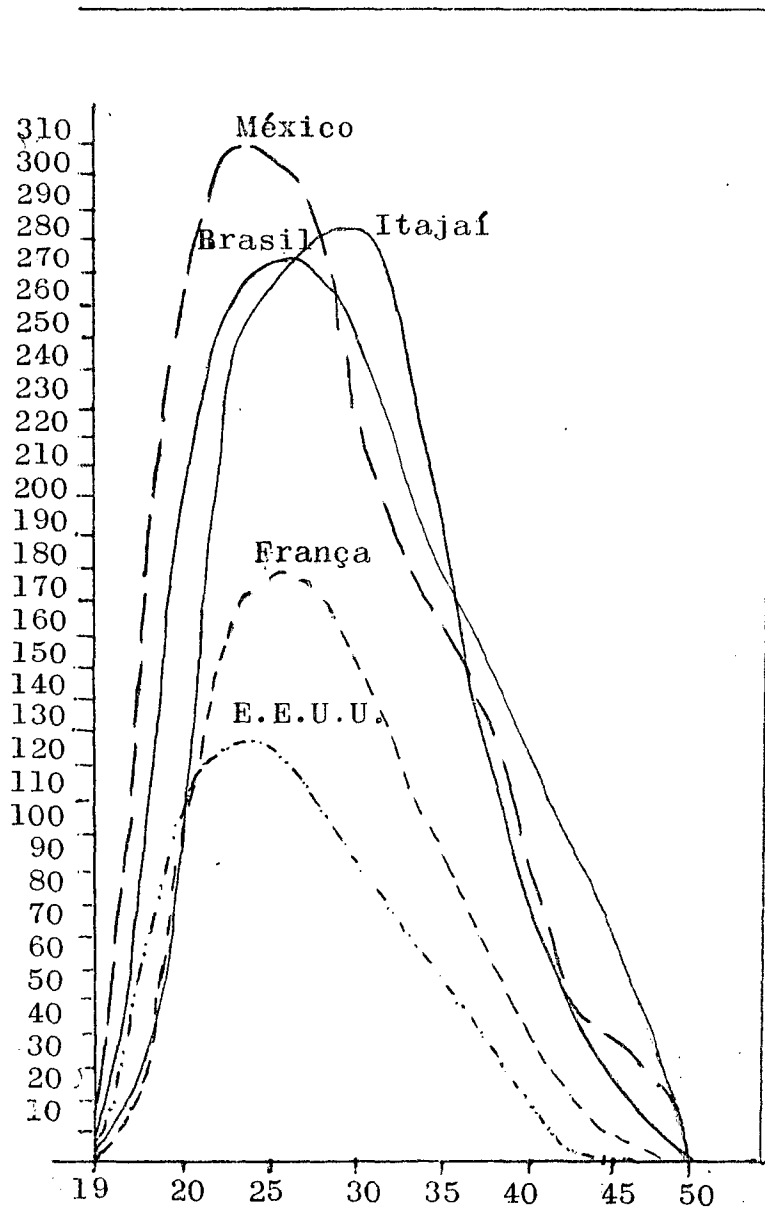
Analisando-se a tabela V.3. percebe-se, claramente, uma transformação que fornece indicação suficiente para valiar-se as mudanças de ordem econômica, social e comportamental, ocorridas na sociedade itajaiense no decurso de 54 anos, pouco mais de meio século, portanto. Na Coorte B (1876-80) o coeficiente de fertilidade média anual de nascimentos da faixa etária entre 15-19 anos, foi 113. Este número cai para 39 na última Coorte (1916-20). Isto nos diz que era maior o número de mulheres, nas épocas antigas, que começavam a ter filhos no início de seu período fértil. Gradativamente, elas passaram a casar-se mais tarde - os casamentos retardados são freios à natalidade - e, conseqüentemente, no final do período analisado, é menor o número de fecundidade na faixa etária entre 15-19 anos.

O mesmo pode-se observar sobre a fertilidade entre as mulheres com mais de 40 anos. Na Coorte B (1876-80), o coeficiente para 40-44 anos foi de 55 e para 45-49 foi de 10. Enquanto que na Coorte F (1916-20), estes números caem para 8 e zero respectivamente.

Logo, na sociedade mais antiga, a fecundidade começava mais cedo e terminava mais tarde, o que resultava numa prole mais numerosa do que aquela verificada nos períodos mais recentes, quan

GRÁFICO 9

TAXAS DE FERTILIDADE
Idade específica



Fontes: Brasil: Recenseamentos de 1940 e 1950
Outros Países : Anuário Demográfico das Nações Unidas¹³
Itajaí: Registros Paroquiais de Casamentos e de Batizados. 1876-1930

do a fecundidade começa mais tarde, e termina mais cedo, não possibilitando tempo suficiente para a constituição de uma família extensa.

No gráfico 10 pode-se perceber como as curvas, em forma de sino, tem a base mais larga na Coorte B (1876-80) e as outras vão estreitando-se constantemente, até o final do período, quando a Coorte F (1916-20) apresenta uma base mais estreita.

Uma alta taxa de fecundidade entre 15 e 19 anos e após os 40, é uma característica dos países de alta natalidade. Na Inglaterra, em 1970, a fecundidade do grupo entre 45 e 49 anos era só 0,37%, enquanto que no Brasil era de 3,1%.¹⁴

Voltando ao gráfico 10, na faixa etária entre 20 e 24 e entre 25 e 29 anos, as linhas das curvas de fertilidade se inter-cruzam, pois é entre os 20 e 29 anos que se verifica a maior fecundidade. E, com o sensível decréscimo da fertilidade dos grupos entre 15 e 19 anos e após os 40, ela tende a acentuar-se entre os 20 e 29 anos. Na Coorte B (1876-1880), 52% dos nascimentos, as mães tinham entre 20 e 29 anos; na Coorte C (1886-1890), 53%; na Coorte D (1896-1900), 54,9%; na Coorte E (1906-1910), 62,4% e na Coorte F (1916-1920), 66,4%. (tabela V.4.)

Ainda resta analisar a tabela V.5. o que vem reforçar a confirmação da hipótese de que Itajaí, teria atravessado, em pouco mais de meio século, uma fase na transição demográfica, digna de consideração. Na Coorte B (1876-80), o número médio de filhos por mulher casada, na faixa etária entre 15 e 19 anos, era 0,56. Este número cai para 0,20 na Coorte F (1916-20). Para as faixas de idade entre 40-44 e 45-49 anos, o número médio de filhos por mulher era, respectivamente, 0,29 e 0,5 na Coorte B. Igualmente, estes números caem para 0,04 e Zero na Coorte F. Totalizando, o número médio de filhos por mulher casada era: na Coorte B (1876-80), 5,52; na Coorte C (1866-90), 5,38; na Coorte D (1896-1900), 5,11; na Coorte E (1806-10), 4,30 e na Coorte F (1916-20), 3,75, sendo que o maior número de filhos concentram-se nas faixas etárias entre 20 e

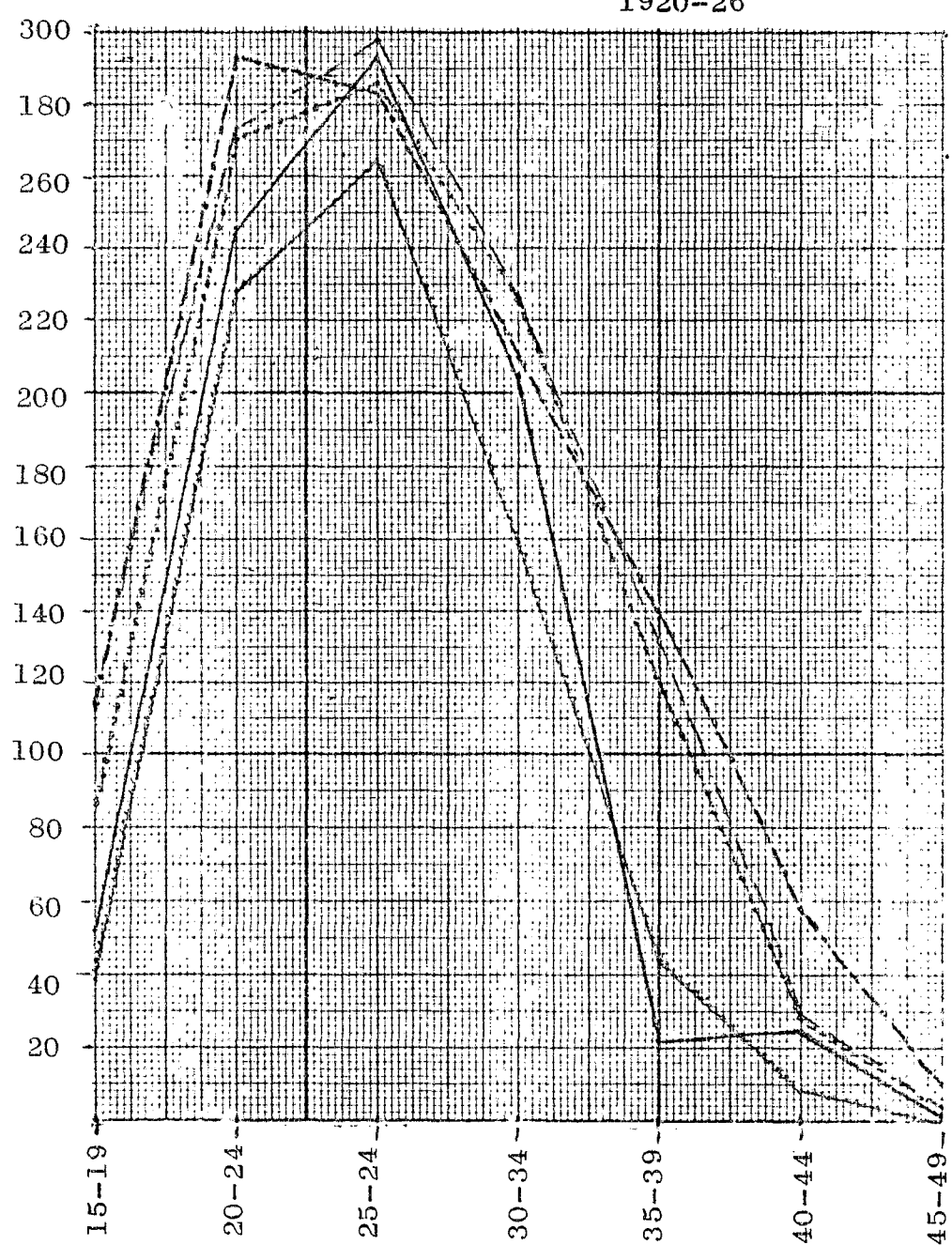
TABELA V.4.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 FERTILIDADE POR FAIXA ETARIA
 Percentagem de natalidade para cada grupo de idade
 1876-1920

IDADES	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920
15-19	10,2	10,7	8,4	6,0	5,2
20-29	52,0	53,0	54,5	62,4	66,4
30-49	37,8	36,3	37,1	31,6	28,4

Fontes: Registros de Casamentos e Batizados

GRÁFICO 10
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
COEFICIENTE DE FERTILIDADE.
Idade específica
1876-1930

- LEGENDA**
- 1876-80
 - 1886-90
 - 1896-00
 - 1910-16
 - 1920-26



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

TABELA V.5.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR FAIXA ETÁRIA
 (Mulher casada)
 1876-1918

IDADE	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920
15-19	0,56	0,57	0,43	0,26	0,20
20-24	1,46	1,37	1,35	1,23	1,14
25-29	1,41	1,49	1,43	1,46	1,32
30-34	1,05	1,13	1,13	1,11	0,80
35-39	0,70	0,65	0,60	0,11	0,22
40-44	0,29	0,15	0,15	0,12	0,04
45-49	0,05	0,02	0,02	0,01	- - -
TOTAIS	5,52	5,38	5,11	4,30	3,72

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados e de Casamentos

29 anos, continuando bastante acentuado, embora com uma nítida diminuição, entre os 30 e 34 anos, caindo, consideravelmente, a partir dos 40, principalmente nos períodos mais recentes, quando o número de filhos, praticamente desaparece.

5.4. Intervalo Médio Entre os Nascimentos

Interessante é observar que, enquanto o número médio de filhos diminuía, sensivelmente, de 5,52 para 3,75 no decurso de meio século, a mesma transformação não se verificou quanto aos intervalos médios entre os nascimentos. (tabela V.6.)

A média manteve-se por volta de 26,9 meses, para todo o período, oscilando entre 25,7 e 29,7 meses. (tabela V.7. e gráfico 11).

O período em que se verificou maior espaçamento entre os nascimentos (29,7) deu-se na Coorte B (1876-80), período, que, constata-se as mais altas taxas de mortalidade. Epidemias como câmaras de sangue (diarréias) e febre amarela grassavam na região. Os surtos epidêmicos influíam nas concepções, impedindo-as, ou por outro lado, provocando a frequência de abortos.

Igualmente, a segunda dilatação verificada no espaço médio entre os nascimentos (27,4 meses), coincidiu, mais uma vez, com altas taxas de mortalidade, embora com menor intensidade. Deu-se no período 1906-10, na Coorte E, quando as febres, nem sempre caracterizadas nos registros de óbitos, a influenza, o sarampo, a varíola, a coqueluche, a pneumonia e até o crupe se fizeram presentes entre as "causae mortis".

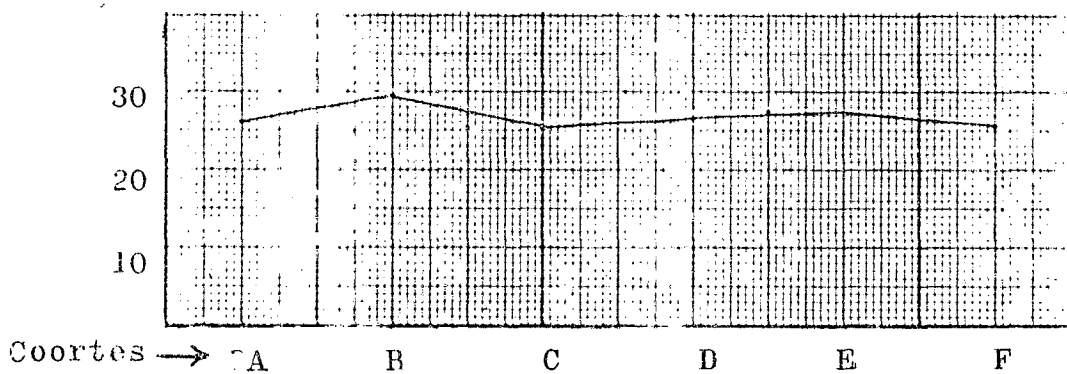
Pode-se concluir, portanto, que o espaçamento entre os nascimentos, obedeciam mais a fatores de ordem fisiológica do que a práticas malthusianas. Intervalos médios entre os nascimentos, por volta de 26,9 meses, verificados nas comunidades itajaienses entre 1866 e 1920, então dentro do modelo proposto por WRIGLEY¹⁵ aceito por outros demógrafos, no qual os nascimentos são separados por intervalos que variam de 25 a 31,5 meses, nas sociedades em que deixam de lado, por completo, as práticas anticonceptivas, a abstenção de coitos e a provocação de abortos. Segundo ele, os intervalos

TABELA V.6.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAJÁ
 INTERVALOS ENTRE OS NASCIMENTOS (por mil)
 (em meses) (Famílias com três filhos ou mais)
 1866-1920

PERÍODOS	COORTES	9-11	12-14	15-17	18-20	21-23	24-26	27-29	30-32	33-35	36-38	39-41	42-44	45-47	48-50	mais que 50
1866-1870	A	-	31	92	139	169	139	139	92	61	77	46	-	-	-	15
1876-1880	B	-	16	62	156	125	125	125	62	62	62	16	31	16	16	125
1886-1890	C	-	51	42	161	220	178	135	51	26	34	42	17	17	-	26
1896-1900	D	11	38	108	162	146	141	87	60	70	43	11	-	-	21	76
1906-1910	E	-	29	104	145	121	156	139	81	46	52	6	17	17	41	46
1916-1920	F	6	29	118	135	182	165	106	53	53	47	41	18	18	6	29

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

GRÁFICO 11
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
INTERVALO ENTRE OS NASCIMENTOS
1866-1920



Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

TABELA V.7.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 INTERVALO MEDIO ENTRE OS NASCIMENTOS
 (Em meses)
 1866-1920

COORTE A 1866-1870;	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-1900	COORTE E 1906-1910	COORTE F 1916-1920
26,1	29,7	25,7	26,6	27,4	25,9

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

entre os nascimentos estão condicionados a diversos fatores e não só aos nove meses que separam uma concepção de uma criança ao seu nascimento. E, estabelece as seguintes cifras que se referem a uma mulher de 20 a 30 anos, para os elementos que concorrem no espaçamento entre os nascimentos. a) "Amenorréia" período posterior ao último nascimento, durante o qual não se processa a ovulação, que varia de 4 a 16 meses, cujas explicações para esta variação não foram ainda plenamente explicadas; mas é provável que o período se alargue, consideravelmente, se a mãe amamentar o filho; b) "Intervalo entre a amenorréia e uma nova concepção", que varia de 2 a 4 meses, e que pode estar condicionada à frequência de coitos; c) "tempo perdido por morte de um feto", varia de 1,5 a 2,5 meses, (Aproximadamente, um terço de todas as concepções terminam em morte fetal); d) e finalmente os nove meses, "desde a concepção até o nascimento".

Já, para BURGUIÈRE, "se excetuarmos o intervalo protogenésico (entre o casamento e o primeiro filho), que é sempre mais curto, e os três últimos intervalos (nas famílias completas), que são em princípio, sensivelmente mais longos, os intervalos estatísticos médios situam-se, na maior parte dos grupos estudados, entre 20 e 28 meses. Além de 28 meses, pode-se supor a presença de um certo malthusianismo".¹⁶

Como explicar, então, a baixa fertilidade em Itajaí, quando o número médio de filhos, por mulher casada, desce de 5,52 para 3,75, se os intervalos entre os nascimentos não demonstram a introdução na sociedade, de práticas malthusianas? A explicação é encontrada na idade das mulheres ao se casarem, que se altera de 19,54 para 22,20 anos. O casamento tardio é uma prática malthusiana. O retardamento no casamento foi a forma encontrada para o controle da prole. Por outro lado, houve um declínio na fertilidade das mulheres, a partir dos 40 anos. Possivelmente, quando as famílias atingiam o número ideal de filhos, passaram a evitá-los, terminantemente, através do celibatário definitivo, ou talvez, através de coitus interruptus.

RODAPÉ

- 1 - CIPOLLA, Carlos M. História Econômica da População Mundial, p.76
- 2 - CIPOLLA, Carlos M. Op. cit. p.78
- 3 - Ibid. p.79
- 4 - Ibid. p.81
- 5 - HUGON, Paul. Demografia Brasileira, p.133
- 6 - Ibid. p.134
- 7 - MATTOS, Fernando Marcondes de. Santa Catarina - Nova Dimensão, p.200
- 8 - Ibid. p.203
- 9 - BELTRÃO, Pedro Calderan. Demografia - Ciência da População - Análise e Teoria
- 10 - HUGON, Paul. Op. cit. p.133
- 11 - BURQUIÉRE, André, A Demografia, in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Histórias: Novas Abordagens, p.64
- 12 - WALLE, Etienne Van de. "Demografia Histórica e Modelos", in MARCÍLIO, Maria Luiza. Demografia Histórica, p.132
- 13 - HUGON, Paul, Op. cit. p.141
- 14 - Ibid. p.142
- 15 - WRIGLEY, E. A. História y Población, p.92
- 16 - BURQUIÉRE, André. A Demografia, in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, Op. cit. p.65

CAPÍTULO VI

MORTALIDADE

6.1. Introdução

O estudo da mortalidade em Itajaí, sofre severo empecilho: o sub-registro de óbitos, na ordem de 30 a 45%. Ao indexar-se os óbitos, desconfiou-se do sub-registro, pois a mortalidade apresentava índices muito baixos para a época e para a região. Ao reconstituir-se as famílias, obteve-se a certeza de que realmente houve sub-registro. A pessoa que casou na paróquia, aí batizou e casou seus filhos, provavelmente não migrou para morrer em outra localidade. Fazendo-se um levantamento destas famílias, chegou-se a constatação da cifra de 10% de sub-registro de óbitos entre os adultos. Por outro lado, famílias numerosas foram reconstituídas sem que a morte aparecesse entre seus filhos, o que não era normal para a época. E, calculou-se para as crianças um sub-registro de óbitos na ordem de 20%. Para toda a população, o total de sub-registro foi de 30%. Isto, enquanto a Igreja cuidou dos óbitos, até 1890. O sub-registro sobe a 45%, quando a tarefa passou para o cartório civil. Em 1906, O PHAROL, fazia um comentário, "quanto ao desprezível cumprimento do registro civil n'esta Comarca". Dizia que havia pais que só iam registrar os seus filhos, quando estes morriam e isto o faziam quando o encarregado do cemitério exigisse certidão de óbito, quando não eram apresentados simples bilhetes de "sepulte-se".¹

Além desta falta de cuidado com o registro do fim da vida terrena, consta-nos que os enterramentos realizados nos cemitérios das capelas, eram anotadas pelos encarregados dos cemitérios e tudo indica que por lá ficavam estes assentamentos. Tanto nos livros eclesiásticos, como nos civis, todos os registros assinalavam que o sepultamento deu-se no "cemitério público de Itajaí, desta Villa, desta matriz ou desta cidade!" Enquanto que os casamentos e os batizados realizados nas capelas como, de Limoeiro, de Brilhante, do Arzaial dos Cunhas, de São Roque, de Machados, de Escalvados e de outras, o pároco trazia os assentamentos e os registrava no livro da paróquia.

É possível, que um dia venha-se a encontrar estes documentos de óbitos, realizados nas capelas e se possa melhorar a análise da mortalidade em Itajaí.

No momento, com base nos cálculos, feitos sobre as fichas de famílias, corrigiu-se, pelo menos aproximadamente, os índices de mortalidade, multiplicando-se o número de óbitos registrados até 1890 pelo fator 1,3 e a partir de 1891, por 1,45. Desta forma, chegou-se às taxas de mortalidade indicadas na tabela VI.1.

6.2. As Taxas de Mortalidade

Passando-se à análise a tabela VI.1., percebe-se que, com a modernização da população itajaiense, as taxas "agrícolas" de mortalidade tendem a desaparecer. No início do período, no primeiro decênio, entre 1866 e 1875, a taxa bruta de mortalidade esteve por volta de 35,4 óbitos por mil habitantes. No final do período, ela se apresenta por volta de 11,9, entre 1921 e 1930.

Uma diminuição tão acentuada na mortalidade é uma característica própria das regiões afetadas pelos benefícios da revolução industrial.

Antes de 1750, aproximadamente, a mortalidade geral era caracterizada, em todas as populações do mundo, por altos níveis, que oscilavam entre 30 e 35 por mil.² Fora isso, ainda, as sociedades agrícolas eram caracterizadas pelos altos picos que as taxas de mortalidade tendiam apresentar a níveis muito elevados, como 150, 300 e até 500 por mil,³ em decorrência do controle inadequado sobre o meio.

A densidade demográfica das sociedades agrícolas tendia a crescer em flagrante desproporção à sua capacidade técnica de controlar as flutuações das colheitas e as epidemias. Sempre que determinada população agrícola crescia além de um certo "teto", aumentavam as possibilidades de que alguma catástrofe repentina viesse reduzir drasticamente seu número.⁴

Com a industrialização e suas conseqüências, como: melhor nutrição e níveis de vida mais altos, melhorias nos transportes, progressos médicos e sanitários, descoberta de novos conhecimentos científicos sobre plantas e animais, o homem pode melhor enfrentar a fome e as epidemias, e reduzir a taxa de mortalidade que tende a se situar abaixo de 15 por mil.⁵

TABELA VI.1.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

TAXAS BRUTAS DE MORTALIDADE ANUAIS

(Por mil habitantes)
1866-1930

1866 - 34,2	1879 - 24,3	1892 - 23,0	1905 - 12,7	1918 - 19,5
1867 - 17,2	1880 - 24,2	1893 - 22,0	1906 - 15,9	1919 - 11,5
1868 - 42,2	1881 - 26,9	1894 - 18,9	1907 - 14,3	1920 - 11,2
1869 - 42,2	1882 - 32,9	1895 - 16,6	1908 - 22,4	1921 - 9,6
1870 - 31,9	1883 - 21,7	1896 - 15,0	1909 - 17,5	1922 - 11,4
1871 - 25,6	1884 - 23,5	1897 - 19,4	1910 - 18,5	1923 - 12,5
1872 - 49,8	1885 - 28,5	1898 - 22,1	1911 - 13,5	1924 - 13,2
1873 - 34,4	1886 - 30,0	1899 - 10,1	1912 - 13,9	1925 - 8,7
1874 - 45,0	1887 - 23,0	1900 - 12,4	1913 - 11,5	1926 - 11,7
1875 - 31,2	1888 - 26,2	1901 - 8,2	1914 - 14,9	1927 - 13,8
1876 - 44,2	1889 - 26,8	1902 - 9,0	1915 - 13,9	1928 - 13,2
1877 - 39,5	1890 - 30,1	1903 - 17,1	1916 - 13,9	1929 - 13,3
1878 - 37,6	1891 - 20,5	1904 - 14,1	1917 - 11,1	1930 - 11,4

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)

Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

A partir daí, os índices de mortalidade são indicadores dos estágios de desenvolvimento de um país.

Costuma-se classificar as populações em três grupos diferentes, de acordo com as suas taxas de mortalidade. Esta classificação não é definitiva. Muda sob a influência de fatores, que concorrem para a diminuição dos óbitos. Antes da Segunda Guerra Mundial considerava-se país de baixa mortalidade aquele cuja taxa era inferior a 13%, país de média mortalidade quando a taxa variava entre 13 e 16% e país de forte mortalidade o que apresentava taxa superior a 16%. Assim é que, em 1950, encontravam-se na dianteira, a Holanda com 7,5 por mil; a Noruega com 8,9; a Dinamarca, 9,2; o Canadá, 9,0; os Estados Unidos, 9,6; a Nova Zelândia, 9,3; a Argentina, 9,1; a Austrália, 9,6; a Suíça, 10,1; a Suécia, 10; a Itália, 9,8. Em segundo lugar estavam o Japão com 11,1; a Inglaterra com 11,6; a França com 12,6; Portugal com 12,1; a Bélgica com 12,4, etc. Entre os países de mortalidade elevada estavam o Brasil (1945-50); o Chile, 18; as Índias, 18,5; o México, 19, a Guatemala com 23 e o Egito com 23 (1940-49).⁶

Dez anos depois, em 1960, os progressos realizados permitiam maior exigência. São considerados países de baixa mortalidade, aqueles que apresentam uma taxa inferior a 11 por mil; mortalidade média, com taxa entre 11 e 14 e forte mortalidade, quando a taxa é superior a 14 por mil. Os países que estavam incluídos no primeiro grupo apresentavam grande diminuição em suas taxas de mortalidade: Canadá, 7,6; Nova Zelândia, 8,8; Austrália, 9,0; Suíça, 9,3; Suécia, 9,6 e Israel, 5,9. Passaram, também, para a primeira classificação, Japão com uma taxa de 6,9; França, 10,7; Espanha, 8,7; URSS, 7,2. Entram no segundo grupo, o Brasil, com 11,5; a Bélgica, 12,1; Luxemburgo, 11,8 e Reino Unido, 11,3.⁷

O Brasil entre 1965 e 1970, com uma taxa de mortalidade de 9,5 por mil,⁸ colocava-se entre os países de baixa mortalidade, no entanto, há muita desigualdade entre suas regiões. Maceió com 19,2; Natal com 18,9 e Fortaleza com 19,4 colocam-se entre as regiões mais desfavorecidas do grupo de forte mortalidade, enquanto São Paulo

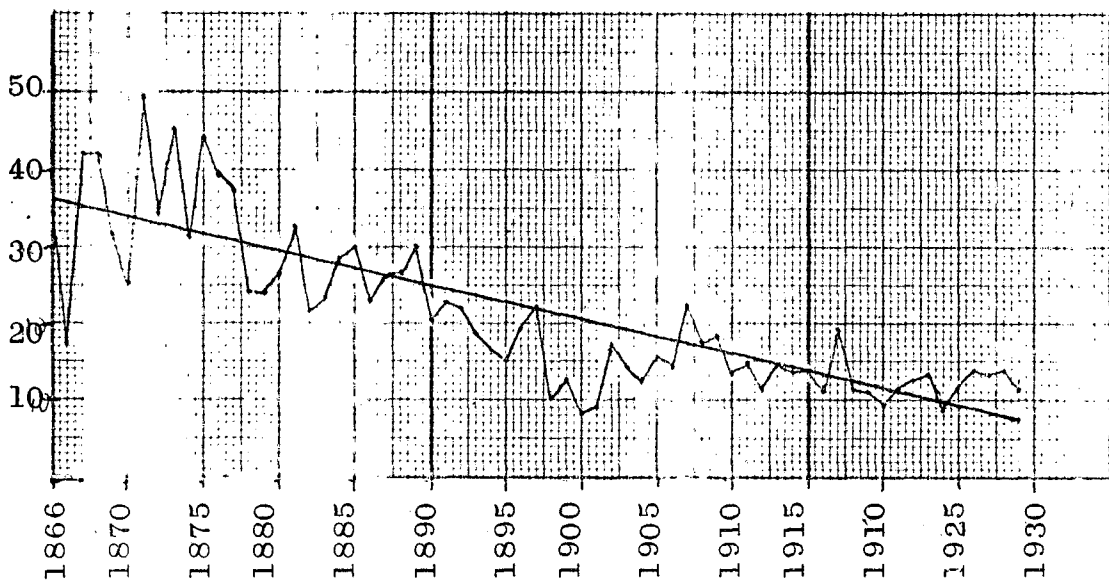
(capital) com 8,3 figura no grupo de fraca mortalidade.⁹

Itajaí, já em época remota, antes de 1930, apresentava um declínio nas taxas de mortalidade, que indica um avanço considerável no progresso da conquista humana.

No gráfico 12, está traçada a curva da taxa anual de mortalidade. Note-se que, entre as oscilações, o curso é a descida, rumo às taxas equivalentes às regiões desenvolvidas. O ajustamento à linha reta demonstra uma tendência descendente à razão de 1,2%.

Para maior visibilidade, traçou-se a curva da taxa de mortalidade por períodos quinquenais. (gráfico 13). Entre 1866 e 1870, a taxa bruta de mortalidade era de 33,5. Entre 1871 e 1875, a taxa sobe a 37,2. Esta alta foi provocada pelas epidemias, como varíola e sarampo que grassavam na região, fazendo grande número de vítimas. No período seguinte (1876-1880), a taxa de mortalidade apresenta-se ainda bastante alta, por volta de 34 por mil. Câmaras de sangue entre os colonos imigrantes, na casa de recepção de colonos na Barra do Rio, engrossaram o número de óbitos. Além da Câmara de sangue outras epidemias alastravam-se na região: sarampo, escarlatina, coqueluche e febre amarela. Depois deste período, a morte foi se abrando e as taxas começaram a cair. Para o período 1881-1885, a taxa bruta de mortalidade esteve por volta de 26,7; entre 1886 e 1890, houve uma leve subida - 27,2 óbitos por mil habitantes. Voltaram a fazer suas vítimas as epidemias, como: varíola, sarampo, coqueluche e influenza. Nos próximos 15 anos, a mortalidade vai caindo sistematicamente: 20,2 óbitos por mil habitantes entre 1890 e 1895; 15,8, entre 1896 e 1900 e 12,4 entre 1901 e 1905. No quinquênio seguinte, entre 1906 e 1910, a mortalidade experimenta um novo período de altas taxas - 17,7 por mil. Novamente, as epidemias que apareciam, quase que periodicamente, engrossavam o número de óbitos. Mas, o decréscimo volta no quinquênio seguinte - entre 1911 e 1915 (13,5 por mil). Esta taxa persiste no período seguinte, entre 1916 e 1920 (13,4 por mil). A influenza espanhola de 1918, não permitiu que houvesse uma melhora na taxa bruta de mortalidade para este quinquênio. A diminuição ressurgiu entre 1921 e 1925 (11,8 por mil) e torna a sofrer

GRÁFICO 12
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
TAXAS BRUTAS DE MORTALIDADE
1866-1930



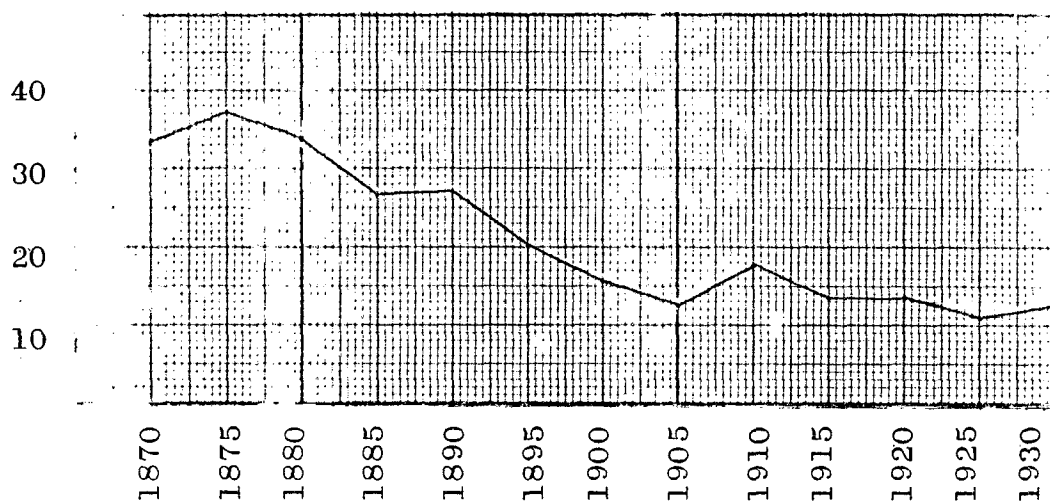
Fontes: Registros Paroquiais de ÓBITOS (1866-1890)
Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

TABELA VI.2.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 TAXAS BRUTAS DE MORTALIDADE
 (Períodos quinquenais)

1866-1870 - 33,5	1891-1895 - 20,2	1911-1915 - 13,5
1871-1875 - 37,2	1896-1900 - 15,8	1916-1920 - 13,4
1876-1880 - 34,0	1901-1905 - 12,4	1921-1925 - 11,0
1881-1885 - 26,7	1906-1910 - 17,7	1926-1930 - 12,7
1886-1890 - 27,2		

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)
 Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

GRÁFICO 13
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 TAXAS BRUTAS DE MORTALIDADE
 (Períodos quinquenais)



Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-189)
 Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

um leve aumento entre 1926 e 1930 (12,7 por mil). De qualquer forma, em 1930, as taxas brutas de mortalidade, em Itajaí, alcançavam índices próprios das regiões de fraca mortalidade.

Sabe-se que mortalidade e natalidade estão relacionadas e uma está condicionada a outra.

Altas taxas de mortalidade provocam altas taxas de natalidade. As famílias para obterem o número ideal de filhos, precisam fazer nascer mais crianças sabendo que, destas, poucas chegarão à idade adulta.

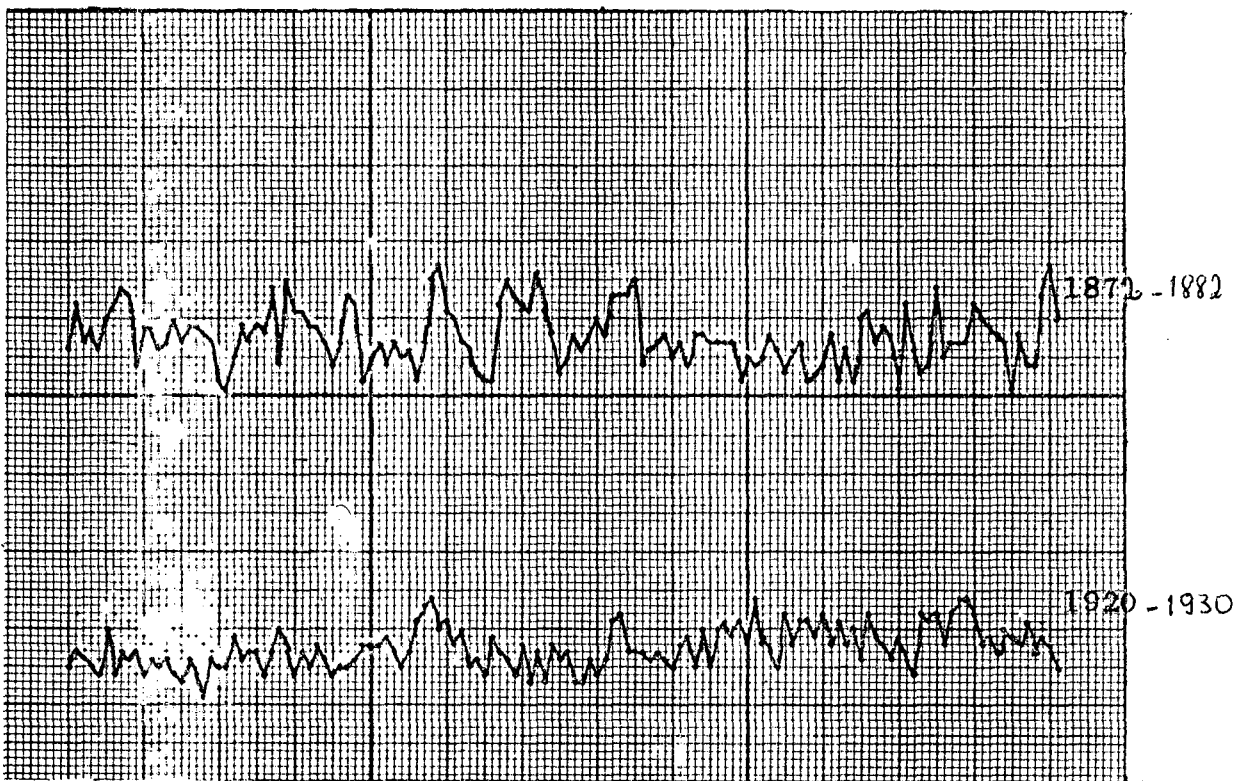
Por outro lado, baixas taxas de natalidade, concorrem para a diminuição da mortalidade, pois geralmente são as crianças que engravidam, nas sociedades tradicionais agrícolas o número de óbitos. "Se nos multiplicamos, como coelhos temos que morrer como coelhos".¹⁰

É possível que a diminuição da mortalidade em Itajaí, tenha sido favorecida, até certo ponto, pelo fato de ter havido uma mudança comportamental na sociedade em relação ao controle da natalidade, analisada anteriormente no Capítulo V.. As taxas de natalidade sofreram baixas de ordem de 52,8 em 1866 para 30,2 por mil habitantes em 1930, e as famílias baixaram o número médio de filhos de 5,81 para 3,75.

A diminuição da natalidade associada às melhorias sanitárias, ao melhor nível de vida e outros fatores que contribuem para a diminuição da mortalidade, propiciaram, em Itajaí, quedas nas taxas brutas de mortalidade, alcançando níveis, que, o Brasil na sua totalidade, alcançou três décadas depois, quando a baixa na mortalidade dava-se num ritmo muito mais acelerado em todas as partes do mundo.

Faz parte dos recursos técnicos para diminuir a mortalidade geral ou normal, eliminar também os grandes picos decorrentes das epidemias. Para mostrar que, em Itajaí, houve uma melhoria nas condições de saúde, traçou-se no gráfico 14 duas curvas de movimento mensal de mortalidade, em números convertidos ao universo 1200. Note-se que os picos do período mais antigo (1872-82) são muito mais violentos que os apresentados entre 1920 e 1930. E, se a eliminação dos pi

GRÁFICO 14
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
MOVIMENTO MENSAL DE ÓBITOS
(Propor.p/1200)



Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1872-1882)
Registros Cíveis de Óbitos (1920-1930)

ções-não se deu de forma radical, no entanto, quase todas as epidemias verificadas no primeiro período, varíola, febre amarela, escarlatina, câmaras de sangue, febre malina (malária) foram exterminadas. As doenças que persistiam, no final do período, eram mais as do aparelho respiratório e do aparelho circulatório, as classificadas como sendo do tipo endógeno resultantes do envelhecimento ou degenerência do organismo. As diarreias, as verminoses, o impaludismo continuavam fazendo vítimas, mas não do modo tão alarmante como nos períodos mais antigos.

6.3. Principais "Causas Mortis"

Apesar de ter havido pouco cuidado entre a população ao registrar a causa da morte nos documentos de óbitos, ainda podemos lançar mão deste material, pois as poucas indicações que nos fornecem, são valiosas para se ter uma idéia das doenças que estavam ocorrendo no passado. Mesmo que o pároco ou o escrevente tenha registrado as "causae mortis" algumas vezes e de forma que indicasse mais os sintomas da doença do que propriamente o agente causador, tornando difícil identificá-las em termos modernos, ainda é possível saber-se, nos seus aspectos gerais do que sofriam e do que morriam as populações no passado. Por exemplo, a varíola, em 1872, fez cinquenta vítimas declaradas em Itajaí. Oswaldo Rodrigues CABRAL¹¹, na sua obra Medicina, Médicos e Charlatões do Passado, relata que: "surto variolico de 1872, foi um dos mais violentos que registra a história sanitária de Santa Catarina". Pode não ter sido o maior, mas houve um grande surto, e foi identificado, em Itajaí, através dos registros de óbitos.

A influenza espanhola, epidemia que percorreu todo o mundo, fazendo grandes devastações, mesmo nos grandes centros, como Paris, Buenos Aires, Rio de Janeiro, não foram registradas no obituário em Itajaí e sabe-se que fez 112 vítimas no mês de novembro de 1918. As declarações dos óbitos eram feitas pelos encarregados da prefeitura que passavam de carroça pelas ruas da cidade, recolhendo os corpos que eram depositados em frente às casas pelos seus parentes, que também encontravam-se acometidos pelo mal e não podiam fa-

zer o sepultamento. O funcionário público, batia à porta da casa em que encontrasse um cadáver a sua espera e se inteirava dos dados da vítima. Mais tarde, dirigia-se ao cartório para registrar os óbitos ocorridos naquele dia. Abaixo segue um exemplo dos ditos registros.

Aos onse dias do mes de Novembro de mil novecentos e dezoito, nesta cidade de Itajahy, em meu cartório compareceu Germano Dallago, empregado Municipal, viúvo, residente nesta cidade, disse que attesta ao fallecimento, hoje das seguintes pessoas: Carolino, branco, com nove meses, filho de Miguel Albino; Gecy Mascarenhas, com sete anos e quatro meses, de cor branca, filho de Cyriaco Travasso; Ildefonso com três anos, branco, filho de Abdias Pereira da Silva; Waldemar, com sete anos, branco, filho de Leocádio Medeiros; Denatilha, com cinco anos, branca, filha de Leocádio Medeiros; Raul com quatro anos, branco, filho de Bernadino de Jesus; Maria Joaquina, casada, branca, com trinta e nove anos; Paulina, com dez anos, branca, filha de Manoel José Pierre; Sophia Pereira, branca, solteira, com vinte e quatro anos, filha de Faustino Pereira. Tendo sido os sepultamentos feitos no cemitério público desta cidade. Para constar fiz este termo. Eu, Edmundo Heusi, Official do Registro Civil, o escrevi.

12
(Assinaturas) Edmundo Heusi
Germano Dallago

Sabe-se que se tratavam das vítimas da gripe espanhola pelas notícias dos jornais da época e por um registro de óbito feito com atraso, um mês depois da morte, em dezembro de 1918 que declarava "morreu durante a epidemia da influenza espanhola".

A 10 de abril de 1908, o PHAROL, avisava:

Tendo recebido de Florianópolis uma lympha vaccínica, o Sr. Dr. Pedro Ferreira vacinará amanhã no paço municipal, das 10 ás 11 h da manhã.

Convém que a população se acautele contra a variola, pois este porto é bastante frequentado por embarcações procedentes do Rio de Janeiro, onde está grassando com intensidade tão terrível moléstia. 13

E, noticiava, a 28 de agosto de 1908, que a cidade fora "vitimada da entrada da horripilante moléstia". 14

De fato, neste ano, foram detectados 5 casos de varíola como "causae mortis" entre os registros de óbitos e mais 2 no ano seguinte.

Levando-se em consideração, as "causas mortis" anotadas nos registros de óbitos, as maiores causadoras de vítimas foram as verminoses, as febres e as diarreias, fora as epidemias que apareciam periodicamente, como a varíola, o sarampo, a escarlatina, a coqueluche, a influenza ou gripe. Os recém-nascidos foram cruelmente atacados pelo tétano, ou "mal dos sete dias" ou "dos recém-nascidos" como era denominado.

As verminoses apareciam diagnosticadas como ataque, ataque de bichas, convulsões, lombrigas, dentição, vermes, ou outras perturbações gástricas.

As diarreias eram designadas, na maioria das vezes por câmbas ou câmaras de sangue, ou ainda por fluxos ou "dysenterias".

As febres mataram muita gente, e nem sempre foram caracterizadas no registros de óbitos. Algumas vezes eram acompanhadas pelo determinativo: febre malina, febre palustre, febre intermitente, febre de mau caráter. Provavelmente a maioria das "febres" tratavam-se da malária.

Marcos KONDER¹⁵ relatava em 1927 que:

No litoral campeiam a verminose e o impaludismo, mas estas endemias reinam em quase toda a orla marítima catarinense e somente terão fim quando a população rural mudar seus hábitos, adotando fossas higiênicas, e quando fizer o saneamento dos pântanos e dos brejos, fontes geradoras de febre palustre.

Ou, talvez fosse em alguns casos, a febre amarela, o pânico da população. O correspondente de O CONCILIADOR, a 4 de abril de 1873, descrevia as ocorrências do mês de março.

! ...principiou elle (mês de março) incutindo terror na população com a notícia dada pelo pratico, que o patacho Alice, procedente do Rio de Janeiro, trazia um doente atacado de febre; elle fez ir a bordo imediatamente o Dr. Jebe, que se acha entre nós, e na volta deste, declarou que não tinha caráter da epidemia que grassa na côr

te; todavia ficarão muito sobressaltados e alguns tratarão de tomar suas medidas higiênicas; poucos dias depois entrou também o patacho Tupã, que trouxe dois atacados; e as providências foram tomadas(...) consistiram ellas no estabelecimento de quarentenas, desinfecção dos navios, montar um lazarento e contratar o Dr. Jebe com o pessoal necessário para elle(...) é certo que a febre amarela não tem invadido a população, só dois casos se derão com syntomas reaes, fallecendo um(...) que não quiz ir para o lazarento...¹⁶

Tudo indica que as autoridades tomavam providências quando ocorria uma destas epidemias que arrastavam ao tûmulo inúmeras almas, ao ponto de muitas delas serem controladas.

As verminoses as diarréias ainda continuavam fazendo vítimas entre as crianças, no final do período analisado. Itajaí por certo, não era um exemplo de limpeza. A 26 de junho de 1904, O NOVIDADES, fazia um apelo às autoridades para que olhassem para a hygiene da cidade.

Já uma vez nos dirigimos à municipalidade pedindo em nome da decência, da limpeza, do aceio de nossas ruas, e dos créditos de civilizados que gozamos, para que levasse em consideração o estado de immundície, em que jaz esta cidade nas suas vias de comunicação mais públicas, mais centrais e mais concorridas(...) uma cidade invadida de ma to e capinzal(...) com o leito de suas ruas coberto de escremento de animais, exhalando um cheiro nauseabundo, com as proximidades dos passeios cheios de cascas de laranja e banana e quanto de trito há?...¹⁷

O mesmo jornal, no dia 17 de julho de 1904, noticiava que "começou no dia 15 do corrente o varrimento das ruas da cidade"¹⁸ E, a 31 de julho fazia uma crítica aos maus costumes entre a população.

Há nesta cidade certos usos que é preciso, a bem de nossos créditos, quanto antes corrigir(...) Ainda(...) apesar das posturas municipais rigorosa a esse respeito, de fazer das praças e ruas de nossa cidade lugares para criação de cabritos, galinhas e outros animais miúdos.¹⁹

Por isso afirmou-se, acima que, é possível que, em parte, o decréscimo na mortalidade, tenha sido favorecido pela queda na natalidade, pois as melhorias sanitárias e outros fatores técnicos que

contribuíam para o melhor nível de saúde, por si só, devem ter sido insuficientes para provocar uma diminuição tão acentuada na mortalidade, de 35,4 para 11,9 por mil em pouco mais de meio século. Por outro lado, o nível de vida deve ter sofrido uma melhora com o progresso econômico ocorrido em Itajaí, no final do século passado. E, ainda há a salientar que, como a taxa bruta da mortalidade é calculada através da divisão do número de óbitos pelo total da população e este resultado multiplicado por mil, não nos esqueçamos de que a população itajaiense cresceu assustadoramente, em parte, provocada pela força migratória. É certo que muitos destes migrantes eram constituídos por famílias que traziam consigo seus filhos menores. Mas é certo também, que muitos eram os adultos jovens mais resistentes às moléstias da época.

Não resta dúvida, no entanto, que houve uma baixa considerável na mortalidade itajaiense, verificada entre o período analisado e fica destituída de qualquer fundamento a hipótese de que, talvez, o índice de sub-registros fosse maior do que aquele constatado. A mortalidade em Itajaí continuou caindo posteriormente e em 1970, quando todos os registros civis são fidedignos, a taxa bruta de mortalidade alcança o nível de 7,5 por mil. São Paulo (capital) apresentava, na mesma época, 8,3.

RODAPE

- 1 - O PHAROL, Itajahy, 13 de julho de 1906
- 2 - BELTRÃO, Pedro Calderan. Demografia Ciência da População Análise e Teoria, p.99
- 3 - CIPOLLA, Carlo M. História Econômica da População Mundial, p.79
- 4 - Ibid. pp.79-80
- 5 - Ibid. p.81
- 6 - HUGON, Paul, Demografia Brasileira, pp.109
- 7 - Ibid. p.110
- 8 - ALBARNOZ-SÁNCHEZ, Nicolas. La Población de América Latina, p.219
- 9 - HUGON, Paul. Op. cit. p.111
- 10 - CARLSON, 1955, pp.1434-1441, in CIPOLLA, Carlo M. Op. cit. p.90
- 11 - CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Medicina, Médicos e Charlatões do Passado
- 12 - Arquivo do Registro Civil de Óbitos, livro 23, f.113
- 13 - O PHAROL, Itajahy, 10 de abril de 1906, nº196, p.2
- 14 - Ibid. 28 de agosto de 1906, nº215, p.2

- 15 - KONDER, Marcos. O Município de Itajaí, p.9
- 16 - O CONCILIADOR. Desterro, 17 de abril de 1873, correspondên
cia de Itajaí, de 4 de abril de 1873
- 17 - O NOVIDADES, Itajahy, 26 de junho de 1904, nº 4, p.1
- 18 - Ibid. 17 de julho de 1904, nº 7, p.1
- 19 - Ibid. 31 de julho de 1904, nº 1

C A P Í T U L O V I I

SAZONALIDADE

7.1. Introdução

As implicações das estações do ano sobre a população, são muito mais profundas nos sistemas demográficos das sociedades tradicionais agrícolas do que nas sociedades industriais. Nas sociedades agrícolas, a população está muito condicionada a fatores culturais e econômicos que dificultam a mudança de comportamento da comunidade, e nelas vamos encontrar curvas de movimentos sazonais, com picos e declives contrastantes. Com a modernização, a curva tende a nivelar-se.

Para se estudar a sazonalidade dos eventos vitais na Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, converteu-se os números reais de casamentos, nascimentos e óbitos ao universo de 1.200 eventos e utilizou-se períodos de 10 anos

7.2. Movimento Sazonal de Casamentos

Os números reais de casamentos por períodos de dez anos, convertidos ao universo de 1.200 eventos, estão indicados na tabela VII.1.

Para que os resultados não fossem prejudicados, eliminou-se os casamentos feitos durante os anos, nos quais verificaram-se as Santas Missões, quando o número de casamento engrossava assustadoramente, em decorrência da sacramentação do matrimônio dos amasiados.

Para dar uma visão geral do movimento sazonal de casamentos, achou-se a média entre os seis períodos de dez anos, de 1871 a 1930, para cada mês, com base nos números relativos da tabela VII.1. e traçou-se a curva de sazonalidade do gráfico 15a. Abaixo do gráfico 15a., para efeito de comparação, traçou-se as curvas de sazonalidade de casamentos da aldeia de Crulai - França¹ (gráfico 15b) e de Santa Ana de Abranches de Curitiba.² (15c.) Comparando-se as três curvas, percebe-se certas semelhanças entre as três comunidades: o condicionamento às liturgias da Igreja e à crença supersticiosa ao mês de agosto, que nos países latinos é considerado o mês de desgraças, infelicidade e mau agouro para casamentos, mudança de residência ou qualquer outro empreendimento de vulto. Estes fatores culturais somados a fatores econômicos, propiciam às curvas, bruscas que-

TABELA VII.1.

PAROQUIA DE SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI

EVENTOS VITAIS DE CASAMENTOS

1871-1930

PERÍODOS	NÚMEROS REAIS											
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
1871-1880	19	15	9	9	16	23	18	14	18	13	11	15
1881-1890	29	51	17	50	35	34	34	28	40	39	40	41
1891-1900	33	46	24	40	26	45	43	11	40	35	39	58
1901-1910	49	58	21	42	57	47	49	37	95	47	41	67
1911-1920	38	41	32	40	40	64	57	13	47	32	34	32
1921-1930	64	56	53	55	67	72	95	33	106	81	85	90
TOTAL	232	267	156	236	241	285	296	136	346	247	250	303
MEDIA	28,6	44,5	26,0	39,3	40,2	47,5	49,3	22,7	57,7	41,2	41,7	50,5
NÚMEROS RELATIVOS (propor. p/1200)												
PERÍODOS	j	f	m	a	m	j	j	a	s	o	n	d
1871-1880	127	100	60	60	107	153	120	93	120	87	73	100
1881-1890	79	140	47	137	96	93	93	76	110	107	110	112
1891-1900	90	126	65	109	71	123	117	30	109	96	106	158
1901-1910	96	114	41	83	112	93	96	73	187	92	81	132
1911-1920	97	105	82	102	102	163	145	33	120	82	87	82
1921-1930	90	78	74	77	94	101	133	46	149	113	119	126
TOTALS	579	663	369	568	582	726	704	351	795	577	576	710
MEDIAS	96,5	110,5	61,5	94,7	97,0	121,0	117,3	58,5	132,5	96,2	96	118,3

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

das e picos elevadíssimos. No entanto, a curva de Itajaí, não apresenta o vazio do mês de dezembro, verificado em Crulai e em Abranches, correspondente ao período litúrgico do Advento, quando a Igreja católica não recomendava a celebração de casamentos.

Até o mês de junho, a curva itajaiense aproxima-se bastante de Crulai. Aumenta em fevereiro (Abranches sofre uma leve depressão), cai em março, cresce gradativamente em abril, maio e junho, atingindo em Itajaí o segundo ponto máximo. Em julho, o número de casamentos em Itajaí cai levemente, enquanto que, em Crulai, continua subindo. Neste ponto, Itajaí assemelha-se a Abranches. Junho e julho constituem meses de alta nupcialidade nas três comunidades. Em agosto, as três curvas apresentam um enorme vazio. A partir daí, há divergência entre as curvas. O ponto máximo de casamentos, em Itajaí, é atingido em setembro; em Crulai, em novembro e em Abranches, em maio. E, enquanto em Itajaí, dezembro corresponde ao terceiro ponto máximo de casamentos, Crulai apresenta o menor índice e Abranches, o segundo menor mês de casamentos.

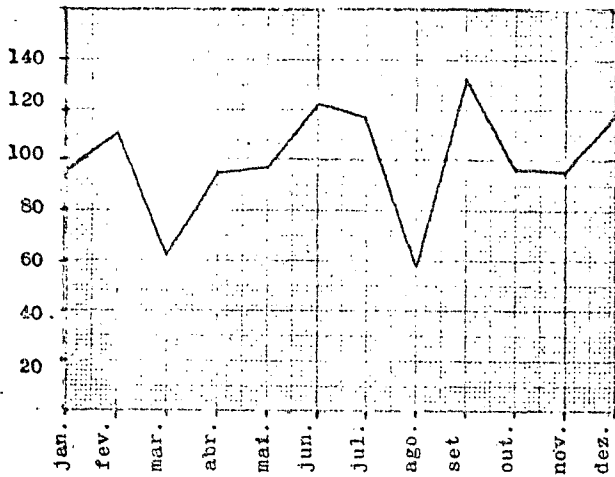
Mas o estudo da sazonalidade matrimonial, em Itajaí, pretende ir mais longe. No gráfico 16, traçou-se a curva sazonal por períodos de vinte anos, para mostrar-se a evolução comportamental da sociedade diante dos fatores condicionantes. Para o período 1871-1890, em números relativos, em média, ao ano, houve 10,3 casamentos em janeiro; 12, em fevereiro; 5,4, em março; 9,9, em abril; 10,2 em maio; 12,3, em junho; 10,7, em julho; 8,5, em agosto; 11,5, em setembro; 9,7 em outubro; 9,2, em novembro e 10,6, em dezembro. O mês que apresentou maior número de casamentos foi junho e o mais baixo, março. (tabela VII.2.)

Entre 1891 e 1910, houve 9,3 casamentos, em números relativos, em janeiro; 12, em fevereiro; 5,3, em março; 9,6, em abril; 9,2, em maio; 10,8, em junho; 10,7, em julho; 5,2, em agosto; 14,8, em setembro; 9,4, em outubro; 9,4, em novembro; 14,5, em dezembro. Setembro alcançou o ponto mais alto de casamentos e agosto, o mais baixo.

Para o período 1911-1930, a média relativa anual foi de 9,4 casamentos em janeiro; 9,2, em fevereiro; 7,8, em março; 9 em

GRÁFICO 15
 MOVIMENTO SAZONAL DE CASAMENTOS (propor. p/l.200)
 1871-1930

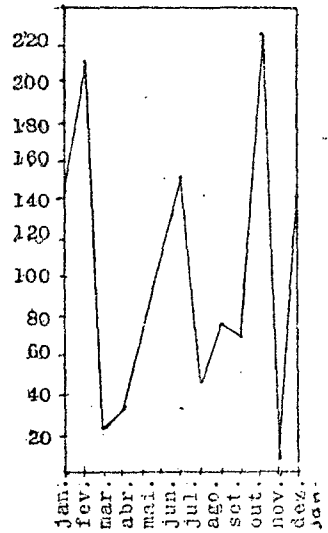
PAROQUIA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

15 (a)

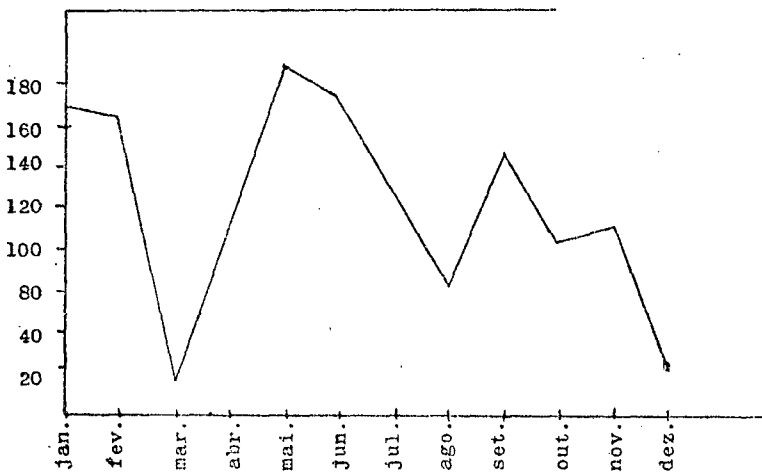
CRULAI FANCESA¹



(15b)

Fonte: GAUTIER, E. e HENAI, L.
 in CHAUNU, Pierre. A História como Ciência Social, p. 438

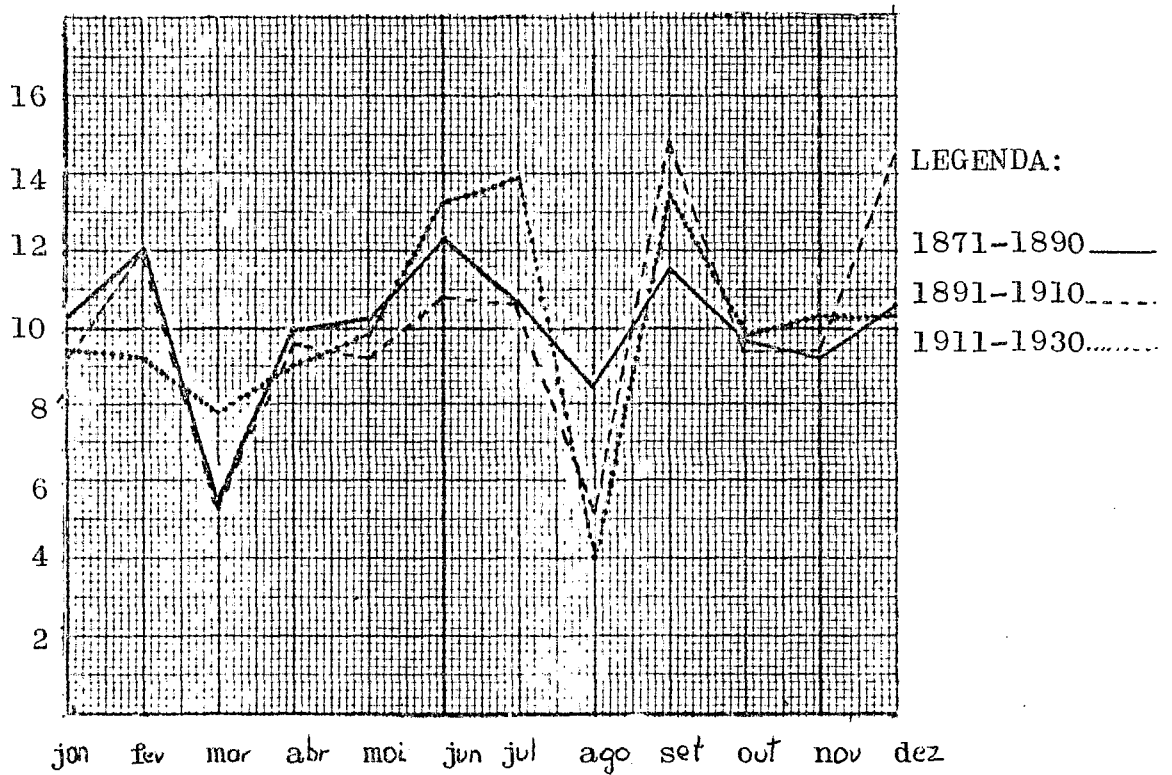
ABRANCHES²



(15c)

Fonte: WACHOWICZ, Ruy Christovam. Abranches: Um estudo de História Demográfica, p. 58

GRÁFICO 16
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 MOVIMENTOS SAZONAIS DE CASAMENTOS
 Médias mensais (propor.p/1200)



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

TABELA 7.2.
PAROQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
MÉDIAS MENSIS DE CASAMENTOS
(propor.p/1200)

PERÍODOS	jan	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
1871-1890	10,3	12,0	5,4	9,9	10,3	12,3	10,7	8,5	11,5	9,7	9,7	10,6.
1891-1910	9,3	12,0	5,3	9,6	9,2	10,8	10,7	5,2	14,8	9,4	9,4	14,5
1911-1930	9,4	9,2	7,8	9,0	9,8	13,2	13,9	4,0	13,5	9,8	10,3	10,3

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos

abril; 9,8, em maio; 13,2, em junho; 13,9, em julho; 4 em agosto; 13,5, em setembro; 9,8, em outubro; 10,3 em novembro; 10,3 em dezembro. Julho e setembro foram os meses mais concorridos para casamentos e agosto continua sendo o menor.

As transformações mais acentuadas deram-se nos meses de março e agosto. Enquanto a sujeição litúrgica ao mês de março, que corresponde à Quaresma, tende a desaparecer, acentua-se o desprezo pelo mês de agosto para casamento. Acredita-se que isto não significa atraso intelectual na comunidade. Por herança, gradativamente, passou-se a casar cada vez menos em agosto. Provavelmente, a superstição foi esquecida, mas por costume, não é moda, casar-se em agosto. Hoje se registram o mínimo de casamentos em agosto. Muito menos que outrora. São ocasionais. Um, dois ou três, no máximo.

Da mesma forma, hoje, casam-se poucos em março. Numa época em que os fiéis, até já esqueceram que, uma vez, a Igreja nem abençoava os noivos que casassem durante o tempo proibido. A tradição cultural permanece, embora as razões tenham sido esquecidas.

Tudo indica que, em Itajaí, os fatores culturais, possivelmente, tenham sido mais fortes que os econômicos, na direção das variações periódicas de casamentos. Houve sempre uma grande diversidade de atividades econômicas, pesca, comércio, agricultura, construção naval, e é quase certo que nenhuma delas tenha preponderado ao ponto de prender a totalidade ou quase a totalidade da comunidade, a um único padrão de comportamento. É possível que o alto índice de casamentos verificado nos meses de junho e julho tenha sido favorecido pelos lucros da safra da tainha começada em maio, somado à dispensa do homem do trabalho do solo devido ao inverno.

Setembro é o mês mais concorrido para o casamento. Não o era quando se casavam mais em agosto. (gráfico 16) Muitos dos noivos que estavam preparados para o casamento, esperavam passar o mês de agosto, o mês de agouro, e o fizeram no mês de setembro, que além de tudo, é o início da primavera.

7.3. Movimentos Sazonais de Concepções

Para analisar-se a periodicidade estacionária de concep-

TABELA VII.3.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
EVENTOS VITAIS DE CONCEPÇÕES

1871-1930

PERÍODOS	NÚMEROS REAIS											
	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
1871-1880	130	156	141	153	161	149	155	171	181	143	138	160
1881-1890	189	185	180	201	185	187	196	169	194	180	169	196
1891-1900	288	289	241	290	263	272	303	284	310	279	285	316
1901-1910	313	327	291	339	322	350	364	334	348	340	299	349
1911-1920	438	446	346	386	431	381	379	420	426	417	378	400
1921-1930	652	577	571	557	529	456	607	597	619	637	595	659
TOTAIS	2010	1980	1770	1936	1887	1795	1994	1975	2078	1996	1864	2080
MÉDIAS	335	330	295	322,7	314,5	299,2	332,3	329,6	346,3	332,7	310,7	346,7
PERÍODOS	NÚMEROS RELATIVOS - proporc. p/1.200											
	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
1871-1880	85	102	92	100	105	97	101	112	118	93	90	105
1881-1890	102	99	97	108	100	101	105	91	104	97	91	105
1891-1900	101	101	84	102	92	95	106	100	109	99	100	111
1901-1910	94	99	90	102	97	105	110	101	105	102	90	105
1911-1920	108	110	86	98	106	94	94	104	105	103	93	99
1921-1930	111	98	97	95	90	78	103	102	105	108	101	112
TOTAIS	601	609	546	605	590	570	619	610	646	602	565	637
MÉDIAS	100,2	101,5	91	100,8	98,3	95	103,2	101,7	107,7	100,3	94,2	106,2

Fontes: Registros Paroquiais de Nascimentos

ções, transformou-se os números de nascimentos, pela ordem regressiva, em números de concepções. Os resultados estão indicados na tabela 7.3..

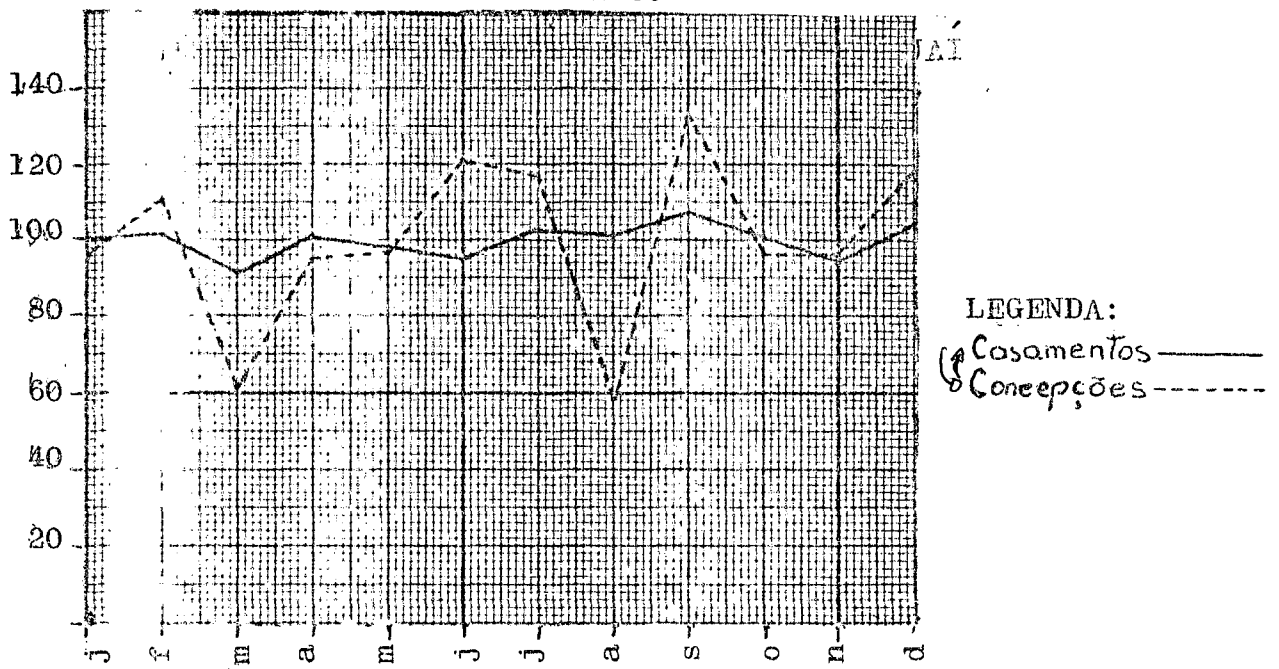
No Gráfico 17, a curva dos movimentos sazonários de concepções, está interposta à curva de casamentos. Percebe-se, logo, que a curva de concepções é bem mais nivelada que a de casamentos. Aliás, a curva sazonal de concepções é bastante nivelada. Os casais itajaienses fizeram o amor em qualquer estação do ano. Houve uma semi-abstinência sexual no mês de Quaresma (março), mas não se pode afirmar categoricamente que este comportamento tenha sido tomado em submissão à prescrição da Igreja.

Tudo indica que fatores fisiológicos estavam atuando.

Para confirmar esta hipótese, traçou-se o gráfico 18, onde estão interpostas, a curva sazonal de concepções e a de óbitos entre 21 e 30 anos, a massa populacional procriadora. Geralmente os meses mais altos de concepção correspondem aos meses de baixa mortalidade. Assim é que, em janeiro, os pontos quase que empatam, 103 óbitos e 100 concepções, em números convertidos ao universo 1.200; fevereiro, a mortalidade baixa ao ponto 90 e a concepção aumenta para 101,5; abril, a mortalidade baixa a 95, e a concepção aumenta, 100,8; maio a mortalidade aumenta, 99 e a concepção baixa, 98,3. Em junho e julho, quando o inverno é mais intenso, há uma exceção a esta regra. Em junho, mortalidade e natalidade baixam ao mesmo tempo, embora, não na mesma intensidade, 72 e 95 respectivamente. No mês de julho, a mortalidade sofre uma leve subida, 85, e igualmente a concepção, 103,2. A partir daí, os movimentos sazonais, voltam aquele equilíbrio anterior. Enquanto em agosto, a mortalidade aumenta ao ponto 104, a concepção baixa ao ponto 101,7. No mês seguinte, setembro, a mortalidade baixa, 99 e a concepção aumenta, 107,7; outubro, mortalidade aumentará, 106, concepção diminui, 100,3; novembro, mortalidade aumenta 139, concepção diminui, 94,2; dezembro, mortalidade diminui, 94 e concepção aumenta, 106,2.

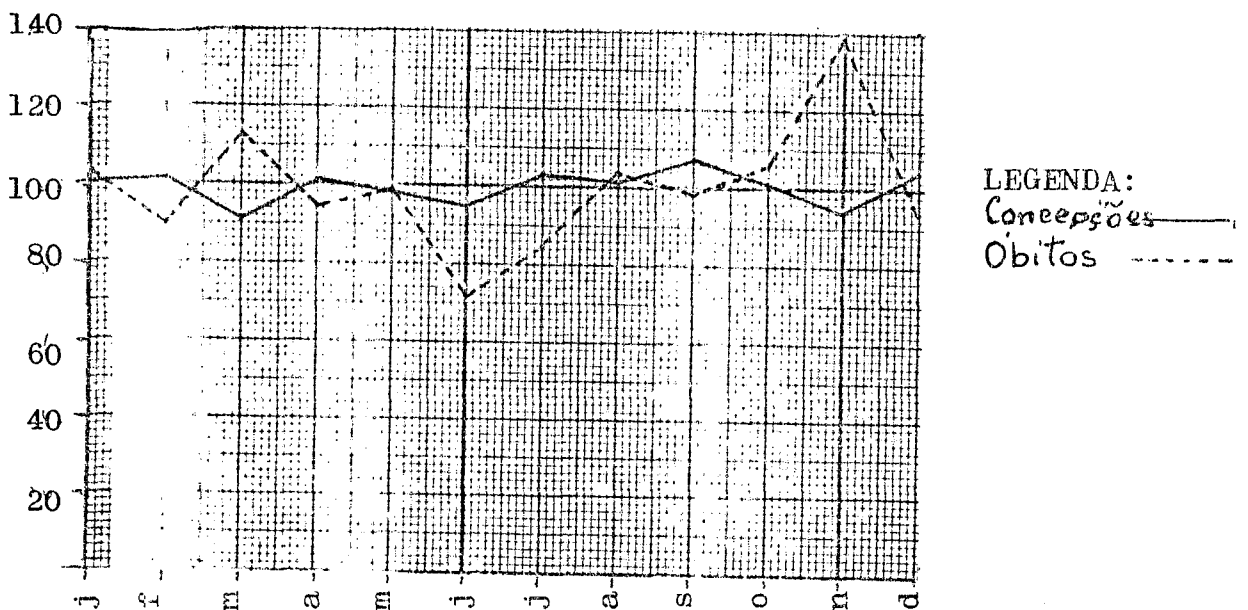
Parece válido afirmar-se que as concepções estão muito mais condicionadas a fatores fisiológicos do que culturais ou econômicos.

GRÁFICO 17
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 MOVIMENTOS MENSUAIS DE ÓBITOS ? }
 1871-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos
 Registros Paroquiais de batizados

GRÁFICO 18
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 MOVIMENTOS SAZONAIS
 1871-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Batizados
 Registros Paroquiais de Óbitos- 1871-1890
 Registros Cíveis de Óbitos - 1890-1930

Uma epidemia na região, atingindo a massa procriadora, a população entre 21 e 30 anos, retrai o volume de concepções. Apenas os meses de inverno (junho e julho) contrariam este princípio. Por um lado, são os meses que apresentam menor mortalidade nesta faixa de idade, por outro, as concepções que deveriam aumentar em decorrência da calmaria da morte, diminuem, embora levemente. Provavelmente, isto se dá, como reflexo da própria "recessão da natureza".³

Uma análise geral da totalidade do período nos dá uma boa visão de conjunto. No entanto, num trabalho de demografia, onde se deseja captar o comportamento da população para que este nos dê algum vestígio de transição demográfica, é imprescindível que se acompanhe a evolução através de períodos, para que se possa sentir a transformação.

No gráfico 19, traçou-se a sazonalidade concepcional por períodos de vinte anos: 1871-1890; 1891-1910 e 1911-1930.

Entre 1871 e 1890, a média mensal de concepção, em números relativos era de 9,4 em janeiro; 10 em fevereiro; 10,4 em abril; 10,2 em maio; 9,9 em junho; 10,3 em julho; 10,2 em agosto; 11,1 em setembro; 9,5 em outubro; 9,1 em novembro e 10,5 em dezembro.

Para o período 1891-1910, em média, dentro do universo de 1200 eventos, 9,8 concepções em janeiro; 10 em fevereiro; 9,7 em março; 10,2 em abril; 9,4 em maio; 10 em junho; 10,8 em julho; 10 em agosto; 10,7 em setembro; 10,1 em outubro; 9,5 em novembro e 10,8 em dezembro. (tabela VII.4.)

Entre 1911 e 1930, 10,9 em janeiro; 10,4 em fevereiro; 9,2 em março; 9,7 em abril; 9,8 em maio; 8,6 em junho; 9,9 em julho; 10,3 em agosto; 10,5 em setembro; 10,5 em outubro; 9,7 em novembro e 10,5 em dezembro.

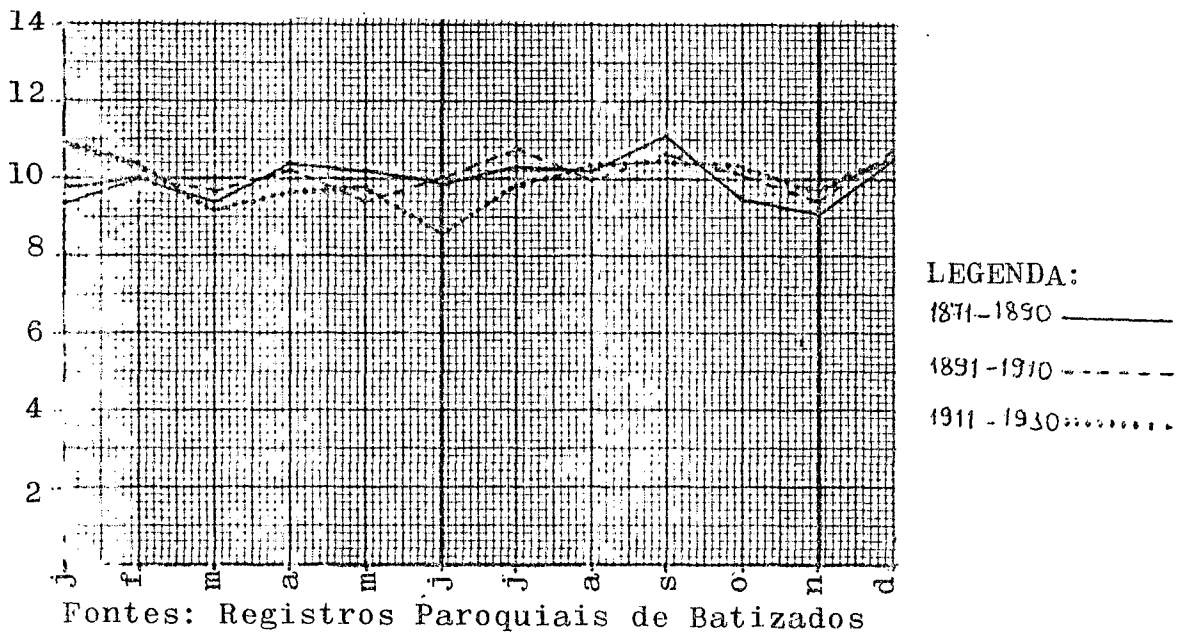
Foram poucas as transformações. A curva sazonal de concepções em Itajaí, foi, desde o início do período analisado, bastante nivelada. Em média, os desníveis da primeira curva (1871-1890), marcaram diferenças de 0,7 pontos; o segundo (1891-1910), 0,6 e o terceiro (1911-1930), 0,6 pontos. Uma transformação de 0,7 para 0,6 em sessenta anos é de veras insignificante. No entanto, esta transforma-

TABELA VII.4.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 MÉDIAS MENSIAIS DE CONCEPÇÕES (Propor.p/1200)
 1871-1930

PERÍODOS	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
1871-1890	9,4	10,6	9,4	10,4	10,2	9,9	10,3	10,2	11,1	9,5	9,1	10,5
1891-1910	9,8	10,0	9,7	9,7	9,4	10,0	10,8	10,0	10,7	10,1	9,5	10,8
1911-1930	10,9	10,4	9,2	9,2	9,8	8,6	9,9	10,3	10,5	10,5	9,7	10,5

Fontes: Registros Paroquiais de Batizados

GRÁFICO 19
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 MOVIMENTO SAZONAIS DE CONCEPÇÕES
 (propor.p/1200)
 1871-1930



ção não poderia ser maior. A sociedade itajaiense foi caracterizada, através de todo o período analisado, pela ausência de condicionantes do comportamento sexual conjugal: Dezembro foi o maior mês de concepção (10,6) e março, o menor (9,4). Uma diferença entre o maior e o menor, da ordem de 1,2, não constitui um índice que indique a sujeição da comunidade a fatores econômicos, culturais ou quaisquer que sejam.

7.4. Movimentos Sazonais de Óbitos

Para o melhor discernimento da sazonalidade de óbitos, dividiram-se a mortalidade em cinco faixas de idade: de zero a 11 meses, de 1 a 15 anos, de 16 a 30 anos, de 31 a 50 anos e maiores de 50 anos.

A primeira faixa etária é constituída pela população que está, até certo ponto, resguardada das epidemias. Está mais sujeita às debilidades congênitas, traumas de parto, tétano umbilical e às doenças de verão (as diarreias). Uma melhoria no nível de mortalidade nesta faixa etária nos daria indicações para verificarmos o progresso médico-sanitário na região.

A segunda faixa etária, de 1 a 15 anos, é a que está mais predisposta às doenças epidêmicas. Um possível melhoramento neste grupo comprovaria a existência da capacidade controladora, entre a população, dos surtos epidêmicos.

O terceiro grupo é compreendido pela população que vai dos 16 aos 30 anos. É o que está mais sujeito à morte ocasional: acidentes, crimes, parto. É a população ativa.

A quarta faixa etária, que vai de 31 a 50 anos de idade, é a que morre mais em decorrência das doenças endógenas: câncer, diabetes, distúrbios cardíacos ou respiratórios. Morre em qualquer estação do ano.

A faixa dos anciãos, os maiores de 50 anos, geralmente apresentam a debilidade física que os faz perecer ao rigor do inverno.

Os números reais e convertidos ao universo de 1.200 eventos de cada grupo de idade, estão indicados, conforme a ordem expos-

TABELA VII.5.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

EVENTOS VITAIS DE ÓBITOS

(Até 11 meses de idade)

1866-1930

	1866-1890		1891-1910		1911-1930	
	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200
jan.	69	127	49	137	99	131
fev.	56	103	41	115	96	129
mar.	64	118	44	123	87	117
abr.	53	98	55	154	70	94
mai.	47	86	38	106	66	88
jun.	55	101	23	64	86	115
jul.	43	79	27	76	57	76
agos.	47	87	36	101	71	95
set.	54	99	27	76	43	58
out.	37	68	28	78	56	75
nov.	58	107	24	67	86	115
dez.	69	127	37	103	80	107

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-189)
Registros Cíveis de Óbitos (1890-1930)

TABELA VII.6.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ

EVENTOS VITAIS DE ÓBITOS

(Entre 1 e 15 anos)

1866-1930

Mês	1866 - 1890		1891 - 1910		1911 - 1930	
	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200
jan.	61	107	41	102	76	115
fev.	63	110	50	124	70	106
mar.	66	116	56	139	67	101
abr.	56	98	40	100	70	106
mai.	52	91	32	80	64	97
jun.	47	82	41	102	52	79
jul.	52	91	36	90	52	79
ago.	63	111	33	82	50	75
set.	45	79	40	99	46	69
out.	64	112	32	80	68	103
nov.	53	93	36	90	110	166
dez.	63	110	45	112	69	104

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1930)
Registros Cíveis de Óbitos (1890-1930)

TABELA VII.7.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 EVENTOS VITAIS DE ÓBITOS
 (ENTRE 16 e 30 anos)
 1866-1930

Mês	1866-1890		1891-1910		1911-1930	
	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200
jan.	30	111	22	111	27	121
fev.	26	37	21	106	9	105
mar.	23	94	27	136	13	93
abr.	33	70	20	100	17	133
mai.	21	86	21	106	21	85
jun.	20	90	14	70	22	81
jul.	16	66	21	106	16	65
ago.	24	127	17	86	31	97
set.	19	106	22	111	26	77
out.	23	123	17	86	30	93
nov.	33	188	18	91	46	133
dez.	29	102	18	91	25	117

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)
 Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 EVENTOS VITAIS DE ÓBITOS
 (entre 31 e 50 anos),
 1866-1930

Mês	1866 - 1890		1891-1910		1911-1930	
	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200
jan.	27	103	36	134	30	79
fev.	27	103	18	67	31	82
mar.	34	130	31	115	39	103
abr.	31	118	23	86	36	95
mai.	26	99	20	74	30	79
jun.	18	69	29	108	34	90
jul.	19	73	27	100	39	103
ago.	29	111	27	100	51	135
set.	21	80	28	104	37	98
out.	27	103	26	97	42	111
nov.	35	133	24	89	48	127
dez.	21	78	34	126	37	98

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)
 Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

TABELA VII.9.

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 EVENTOS VITAIS DE ÓBITOS
 (Maiores de 50 anos)
 1866-1930

Mês	1866-1890		1891-1910		1911-1930	
	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200	Nº reais	Nº propor. p/1.200
Jan.	28	104	33	96	43	74
fev.	30	112	23	67	54	93
mar.	26	97	44	128	48	83
abr.	35	130	37	107	54	93
mai.	22	82	35	101	64	111
jun.	33	123	39	113	69	119
jul.	27	101	41	119	62	107
ago.	32	119	47	136	71	123
set.	26	97	25	72	46	79
out.	21	78	40	116	70	121
nov.	23	86	22	64	67	116
dez.	19	71	28	81	47	81

Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)
 Registros Cíveis de Óbitos (1891-1930)

GRÁFICO 20

MOVIMENTOS SAZONAIS DE ÓBITOS
(até 11 meses de idade)
1866-1930

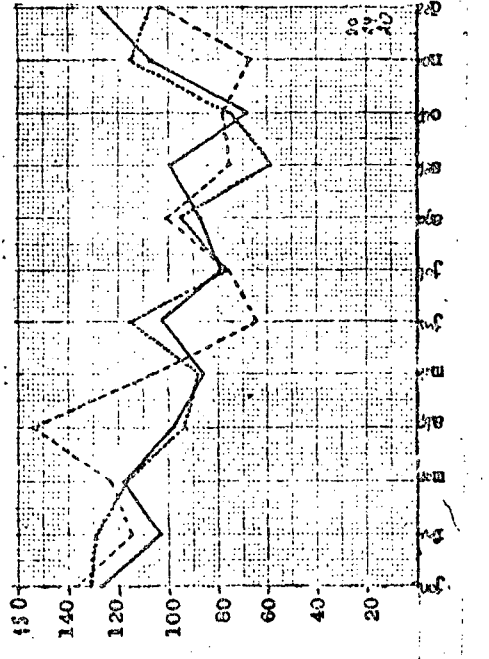
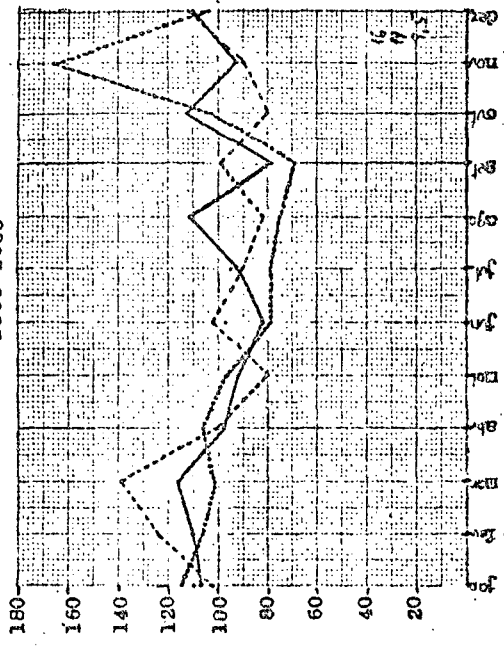


GRÁFICO 21

MOVIMENTOS SAZONAIS DE ÓBITOS
(entre 1 e 15 anos de idade)
1866-1930



LEGENDA:
1866-1890 —
1891-1910 - - -
1911-1930 ·····

GRÁFICO 22

MOVIMENTOS SAZONAIS DE ÓBITOS
(Entre 16 e 30 anos de idade)
1866-1930

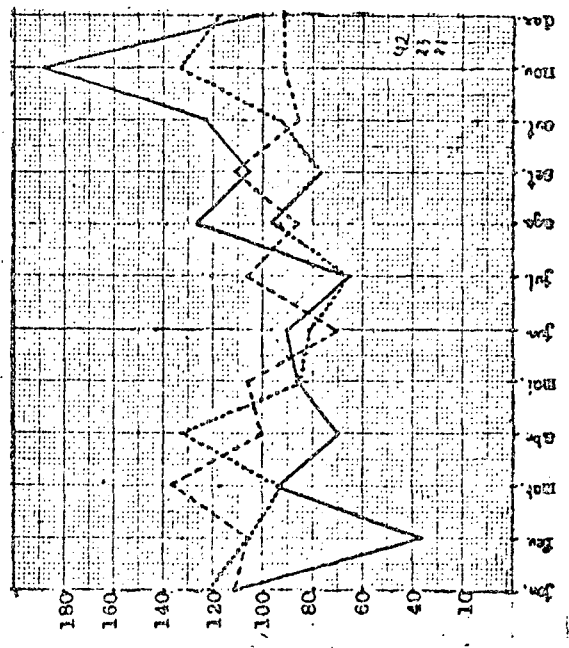


GRÁFICO 23

MOVIMENTOS SAZONAIS DE ÓBITOS
(Entre 31 e 50 anos de idade)
1866-1930

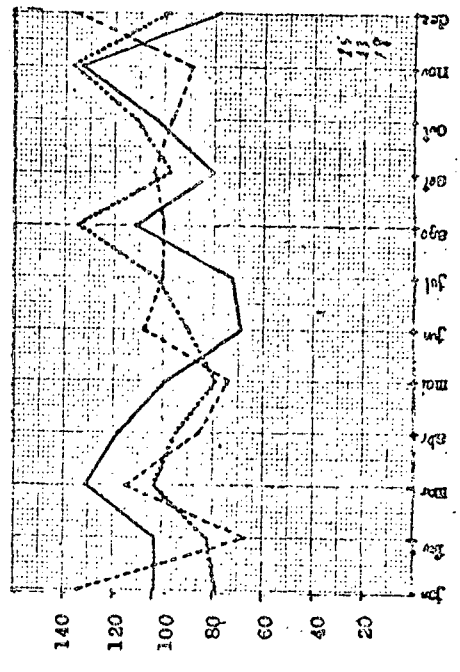
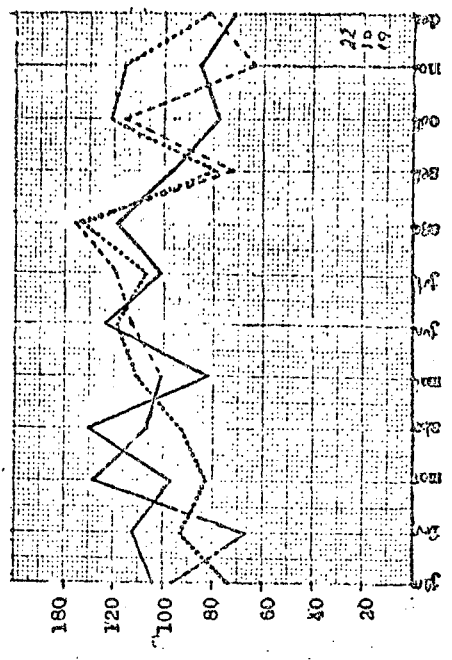


GRÁFICO 24

MOVIMENTOS SAZONAIS DE ÓBITOS
(Maiores de 50 anos)
1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais de Óbitos (1866-1890)
Registros Civis de Óbitos (1891-1930)

ta acima, respectivamente, nas tabelas VII.5. VII.6, VII.7., VII.8. e VII.9..

Para cada faixa etária, traçou-se um gráfico, por períodos de 1866 a 1890, em traço contínuo; de 1891 a 1910 em traço seccionado e de 1911 a 1930 em linha pontilhada. O Gráfico 20, para a população mais jovem, de zero a 11 meses de idade; Gráfico 21, de 1 a 15 anos; Gráfico 22, de 16 a 30 anos; Gráfico 23, de 31 a 50 anos e Gráfico 24 para os maiores de 50 anos.

Observando-se os cinco gráficos, numa visão geral, concluiu-se de imediato, que as crianças morrem, com maior intensidade, no verão; a população economicamente ativa, o grupo entre 16 e 30 anos de idade mostra ainda uma certa resistência no inverno, que, provavelmente, neste período, ela está menos sujeita aos acidentes de trabalho, ou mais protegida contra as epidemias; a faixa entre 31 e 50 anos de idade morre em qualquer estação do ano; e, os velhos perecem no inverno. Os primeiros gráficos, até os 30 anos de idade, desenhavam um barco mais ou menos assimétrico; o barco desaparece no Gráfico 23 (31-50 anos de idade) e reaparece no Gráfico 24 (maiores de 50 anos), com o casco virado para o alto.

Ainda, de relance, observa-se que todas as faixas etárias foram atingidas pela "espanhola" de 1818. Todas as curvas pontilhadas, as que correspondem ao período 1911-1930, sobem no mês de novembro, com exceção da curva dos anciãos, que diminui, suavemente, de outubro para novembro. Os mais castigados pela gripe espanhola, foram os jovens de 1 a 15 anos de idade. (Ver Gráfico 22). ^{FOLHA 21}

Para se avaliar a evolução e se constatar as melhorias de saúde, fixou-se a observação sobre o processo de nivelamento das curvas sazonárias de mortalidade. É necessário que se elimine, no último período, o pico de novembro. A gripe espanhola matou, só no mundo ocidental, 25 milhões de pessoas. Atacou até mesmo os países mais desenvolvidos da Europa. É óbvio que fugisse à capacidade itajaiense de impedi-la.

Para se constatar o possível nivelamento das curvas, calculou-se a média entre os desníveis. Encontrou-se para o Gráfico 20

(de zero a 11 meses de idade), no período 1866-1890, desníveis que marcavam, em média, 20 pontos; no período 1891-1910, 24 pontos e no período 1911-1930, 20 pontos, eliminando-se o pico de novembro. Para o Gráfico 21 (de 1 a 15 anos de idade), no período 1866-1890, os desníveis marcaram 16 pontos; no período 1891-1910, 19 pontos e no período 1911-1930, 9,5 pontos. Para o Gráfico 22 (de 16 a 30 anos de idade), os desníveis foram da ordem de 42,23 e 21 respectivamente; no Gráfico 23 (de 31 a 50 anos), 25, 23, e 18; no Gráfico 24 (maiores de 50 anos), 22, 30 e 19.

As conclusões coincidem com o que já ficou assinalado no capítulo sobre a mortalidade. A preocupação das autoridades com os problemas de saúde, dava-se quase que, exclusivamente, em relação às epidemias. O grupo mais atingido pelo zelo das autoridades foi o dos jovens de 1 a 15 anos. A curva sazonal de mortalidade do último período não apresentou, praticamente, picos elevados.

Por outro lado, com o melhor nível de vida em decorrência do progresso econômico, os outros grupos (maiores de 15 anos) também apresentaram melhora sensível nas suas curvas sazonais, com tendência ao nivelamento. No entanto, não podemos dizer o mesmo sobre as condições de higiene. O grupo mais desfavorecido e que não apresentou nenhuma melhora de saúde, foi o grupo constituído pelas crianças de 0 a 11 meses de idade. Estes, provavelmente, continuaram sendo as presas do tétano umbilical, dos partos sem assistência médica, dos distúrbios gástricos.

RODAPÉ

- 1 - GAUTIER, E. e HENAY, L. in CHAUNU, Pierre. A História como Ciência Social, p.438
- 2 - WACHOWICZ, Ruy Christovam. Abranches: Um Estudo de História Demográfica, p.53
- 3 - Esta expressão foi empregada por Ruy Christovam Wachowicz, in Um Estudo de História Demográfica, p.58

CAPÍTULO VIII

TAMANHO DAS FAMÍLIAS

8.1. Introdução

Já se falou o suficiente, ao longo deste trabalho, sobre as altas taxas de mortalidade e de natalidade nos tempos pré-industriais. A mortalidade infantil era aparatosamente alta e as famílias numerosas. Altas taxas de mortalidade levavam as famílias a conceber maior número de filhos do que o almejado. Com a baixa secular da mortalidade, as famílias, diante deste novo fato, se vêem obrigadas a diminuir sua prole.

WRIGLEY propôs um modelo de população, na qual haveria equilíbrio entre mortalidade e natalidade.¹ Segundo ele, numa população em que não haja morte entre seus elementos, até os cinquenta anos de idade, de modo que, de cada 100 crianças nascidas em um determinado ano, os cem continuassem vivos, 50 anos depois, e que todos contraíssem matrimônio, e tivessem em média dois filhos cada casal, uma geração garantiria o mesmo número de pessoas para a geração seguinte.

No entanto, isto é irreal, segundo WRIGLEY. Sempre haverá algumas mortes em decorrência de defeitos congênitos, enfermidades ou acidentes, e sempre haverá alguns homens e algumas mulheres que não se casam por falta de inclinação ou de oportunidade. Mesmo, se numa população ninguém morresse até os cinquenta anos de idade, alguns homens teriam que permanecer solteiros, sendo que nascem, para cada 100 meninas, 105 meninos.

Este modelo é puramente imaginário, mas alguns países mais desenvolvidos, aproximam-se bastante dele. Por exemplo, na Suécia, as taxas de mortalidade em 1959, 943 de cada 1000 meninas nascidas vivas e 913 de cada 1000 meninos nascidos vivos alcançaram a idade de 50 anos.² E na atualidade a grande maioria dos homens e das mulheres contraem matrimônio.³

Sendo assim, um tamanho médio de família de um pouco mais de dois filhos, é suficiente para manter a população dos países desenvolvidos. Na Inglaterra um tamanho médio de 2,25 filhos, aproximadamente, é o suficiente para garantir o tamanho de sua população.⁴

Ter somente dois filhos, ao longo do período fértil, significa fazer uso de um quinto do potencial reprodutor da maioria das

mulheres. No entanto, não é comum, encontrar-se comunidades em que cada mulher casada tenha, em média, de 8 a 10 filhos.⁵ Às vezes pode ocorrer, por exemplo, as comunidades Hutterites, nos Estados Unidos, o número médio de filhos por mulher casada, quando atingiam os 45 ou 54 anos, em 1950, era de 10,6. As que casaram com 18 anos, constituíram, em média, famílias, em torno de 12,3 filhos.⁶ Isto é uma exceção. Cinco, seis ou sete filhos é, sem dúvida, o tamanho médio comum, das famílias completas das sociedades tradicionais agrícolas.⁷

8.2. O Tamanho da Família Itajaíense

Partindo-se da hipótese, de que com a modernização da população de Itajaí, o tamanho da família baixaria até o ponto em que mais de 50% das famílias tivessem 4 filhos ou menos. O estudo foi feito sobre 971 famílias distribuídas pelas seguintes coortes: Coorte A, entre 1866-1870, com um total de 104; Coorte B (1876-1880), com 90; Coorte C (1886-1890), com 162; Coorte D (1896-1900), com 248; Coorte E (1906-1910), 236 e Coorte F (1916-1918), com 131. A Coorte F ficou reduzida de dois anos, para evitar que se pensasse que, talvez, as famílias cujos pais casaram-se em 1919 e 1920, não tivessem tido tempo suficiente, até 1930, para a constituição de sua prole. Isto não aconteceria porque, com intervalos médios entre os nascimentos da ordem de 26,9 meses, como já ficou analisado no Capítulo V, 10 anos seriam suficientes para 4,6 filhos.

Na tabela VIII.1. estão sumariados os números de famílias, em cada grupo de cem com um ou mais filhos. Com base nos resultados expostos nesta tabela, calculou-se que, na Coorte A (1866-1870) 46,1% das famílias tiveram 4 filhos ou menos; na Coorte B (1876-1880), 46,8%, na Coorte C (1886-1890), 43,7%; na Coorte D (1896-1900), 46,4%; na Coorte E (1906-1910), 49,5 e na Coorte F (1916-1918), 62,6%. (tabela VIII.2.) Isto confirma a hipótese levantada acima, pois de verdade o número de filhos baixou.

Avaliar os fatores que contribuíram para provocar esta mudança estrutural nas famílias, não é difícil, quando se sabe que Itajaí, como cidade portuária, urbanizou-se rapidamente, com todas as implicações de ordem econômica e social próprias dos centros urbanos.

Os peritos da Divisão da População das Nações Unidas, assim

concluem sua resenha de estudos sobre a causalidade do declínio secular da natalidade:

...A maioria dos estudiosos contemporâneos têm sublinhado que a redução do tamanho das famílias teria sua origem na prática da restrição dos nascimentos. Esta mudança de comportamento diante da limitação da prole está ligada a um conjunto de fatores econômicos-sociais interdependentes, como seja, a passagem da população do campo para a cidade, o desejo individual de melhorar a própria situação social e econômica, ou da própria descendência, as mudanças ocorridas na condição da mulher e no seu papel social, a elevação do teor de vida, o enfraquecimento do sentido religioso, bem como a própria diminuição da mortalidade!"⁸

Um costume que vai aparecendo na sociedade itajaiense e que é, até certo ponto responsável pela diminuição do tamanho da família, é o adiamento do casamento. A idade média no casamento feminino altera-se de 19,5 anos, em 1876 para 22,2 anos em 1930.

Interessante é observar que a preocupação em limitar a prole sobrevém a de espaçá-lo. O intervalo médio entre os nascimentos manteve-se por todo o período analisado, por volta de 26,9 meses. Com o alargamento da expectativa de vida, a duração do período conjugal também se alargou, apesar do tardio casamento. Isto significa que, quando as famílias eram mais numerosas, as concepções se sucediam, intercaladas por perdas de filhos através da morte prematura e as mulheres concebiam até o final de seu período fértil, ou melhor dizendo, até o final do período conjugal, pois a expectativa de vida não ia além dos 35 anos e, portanto, as relações conjugais eram interrompidas com a morte de um dos cônjuges antes que a mulher atingisse a menopausa.

Com as melhorias de saúde o número de filhos era atingido com maior rapidez. Na tabela VIII.3. constatou-se que a idade das mulheres, quando o último filho nasceu, era em média, 35 anos para a Coorte A (1866-1870); 34 anos para a Coorte B (1876-1880); 33 anos para a Coorte C (1886-1890); 32 anos para a Coorte D (1896-1900); 33 anos para a Coorte E (1906-1910) e 32 anos para a Coorte F (1916-1918). Nos períodos mais recentes, quando o número ideal de filhos

TABELA VIII.1.
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAI
 FAMÍLIAS COM UM OU MAIS FILHOS EM CADA GRUPO DE CEM
 1866-1918

	NUMERO DE FILHOS															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
COORTE A(1866-70)	25,0	11,5	5,8	3,8	9,6	9,6	3,9	8,7	7,7	1,0	4,8	2,9	1,9	1,9	1,9	-
COORTE B(1876-80)	15,6	13,3	5,6	12,3	6,6	10,0	5,6	4,5	5,6	6,6	6,6	2,2	3,3	1,1	-	1,1
COORTE C(1886-90)	9,2	14,8	8,0	11,7	9,2	6,8	11,1	11,7	6,2	1,5	3,1	4,3	0,6	0,6	0,6	0,6
COORTE D(1896-00)	13,7	12,9	11,7	8,1	9,3	11,7	8,9	7,3	4,4	2,0	2,4	5,6	0,4	1,2	-	0,4
COORTE E(1906-10)	14,4	11,4	12,3	11,4	12,7	11,9	5,9	6,8	5,5	2,1	2,1	-	1,7	0,4	0,9	0,4
COORTE F(1916-18)	14,5	13,7	11,5	22,9	9,9	12,2	7,6	2,3	3,1	1,5	-	0,8	-	-	-	-

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e de Batizados

TABELA VIII.2.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
FAMÍLIAS COM QUATRO FILHOS OU MENOS
1866-1918

COORTE A 1866-1870	COORTE B 1876-1880	COORTE C 1886-1890	COORTE D 1896-00	COORTE E 1906-10	COORTE F 1916-18
46,1%	46,8%	43,7%	46,4%	49,5%	62,6%

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

TABELA VIII.3.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
IDADE DAS MULHERES AO DAR À LUZ SEU ÚLTIMO FILHO
1866-1918

COORTE A 1866-70	COORTE B 1876-80	COORTE C 1886-90	COORTE D 1896-00	COORTE E 1906-10	COORTE F 1916-18
35	34	33	32	33	32

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

TABELA VIII.4.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
ANOS DE CASAMENTO QUANDO O ÚLTIMO FILHO NASCEU
1866-1918

COORTE A 1866-70	COORTE B 1876-80	COORTE C 1886-90	COORTE D 1896-00	COORTE E 1906-10	COORTE F 1916-18
14	14	12,8	12,2	11,8	9,5

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

TABELA VIII.5.
PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
NUMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA
1866-1918

COORTE A 1866-70	COORTE B 1876-80	COORTE C 1886-90	COORTE D 1896-00	COORTE E 1906-10	COORTE F 1916-18
5,81	5,52	5,38	5,11	4,30	3,75

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

atingido, os casais interrompiam definitivamente o prolongamento de sua prole, pois cada criança concebida significaria, para eles um filho nascido que deveria ser sustentado até a idade adulta.

Na tabela VIII.4. fez-se o levantamento dos anos de casamentos, quando o último filho nasceu e concluiu-se que na Coorte A (1866-1870), a média era de 14 anos; na Coorte B (1876-1880), esta média permanece; na Coorte C (1886-1890), decaiu para 12,8 anos; na Coorte D (1896-1900), 12,2; na Coorte E (1906-1910), 11,8 e na Coorte F (1916-1918), 9,5 anos.

Considerando-se os intervalos médios entre os nascimentos por volta de 26,9 meses, para um período de 14 anos deveria ocorrer 6 nascimentos; para 12,8, 5 a 6 nascimentos; para 12,2, 5,5 nascimentos; para 11,8, 5 nascimentos e para 9,5, 4 nascimentos.

De fato, o número médio de filhos por família era na Coorte A, 5,81 na Coorte B, 5,52; na Coorte C, 5,38; na D, 5,11; na Coorte E, 4,30 e na Coorte F, 3,75. (tabela VIII.5.)

A sociedade itajaiense alcançava, deste modo, um estágio na evolução demográfica, colocando-se a frente de outras regiões brasileiras, pois em 1940, era, em média no Brasil, 5,3 crianças por família.⁹

RCDAPÉ

- 1 - WRIGLEY, E. A. História Y Poblacion, pp. 16,17
- 2 - Nações Unidas, Demographic Yearbook, 1961, in WRIGLEY, Op. Cit. p. 17
- 3 - Nações Unidas, Demographic Yearbook, 1963, in WRIGLEY, E.A. Op. Cit. p. 17
- 4 - WRIGLEY, E.A. Op. Cit. p. 17
- 5 - Ibid. p. 17
- 6 - EATON and Mayer, 1953, in WRIGLEY, E.A. Op. Cit. p. 18
- 7 - WRIGLEY, E.A. Op. Cit. p. 18
- 8 - ONU, Causes et conséquences de l'évolution démographique, 1953, in BELTRÃO, Pedro Calderan. Demografia-Ciência da População-Análise e Teoria, p. 163
- 9 - HUGON, Paul. Demografia Brasileira. p. 146

C O N C L U S . ã O

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar a história demográfica da população de Itajaí. Muitos aspectos importantes deixaram de ser tratados e analisados por falta de tempo e espaço. Por exemplo, o estudo da população escrava nos daria indicações valiosas para penetrarmos na estrutura econômica e social; ou, através da fixação sobre as assinaturas das testemunhas de casamentos ou dos declarantes de óbitos, poderíamos saber do grau de alfabetismo; ou ainda, um estudo sobre os padrinhos dos batizados nos mostraria diversos aspectos da sociedade. Enfim, são muitos os subsídios dos quais se pode lançar mão para perscrutar o âmago de toda a argamassa de uma sociedade.

Apenas o fundamento foi lançado. Aspectos mais gerais, como, composição étnica do povo, o crescimento populacional, o curso da nupcialidade, da natalidade e da mortalidade, o papel da Igreja diante da vida sexual conjugal, foram estruturados, constituindo uma boa base para que futuros estudos possam ter continuidade e adentrarem no complexo que envolve uma comunidade humana.

Viu-se que a população itajaiense é caracterizada pela heterogeneidade de etnias, que, provavelmente, facilitou a introdução na sociedade de práticas e costumes que acelerassem as transformações comportamentais, fazendo com que o quadro demográfico se modificasse, através da desaceleração da natalidade, da diminuição da morte, da ruptura de padrões religiosos quanto a introdução de práticas contraceptivas que fizeram com que as famílias baixassem o número de filhos, além do tardio casamento.

Demonstrou-se, assim, que a população itajaiense acompanhou a lógica das teorias demográficas, saindo das entranhas do antigo regime, quando natalidade e mortalidade eram altas, arrastando, consigo, traumas e pesadelos psicológicos e evoluiu à busca de um estágio, onde os homens assumem atitude racional diante da vida e da morte, controlando seus impulsos e os impulsos da natureza, controlando o número de nascimentos e de mortes também.

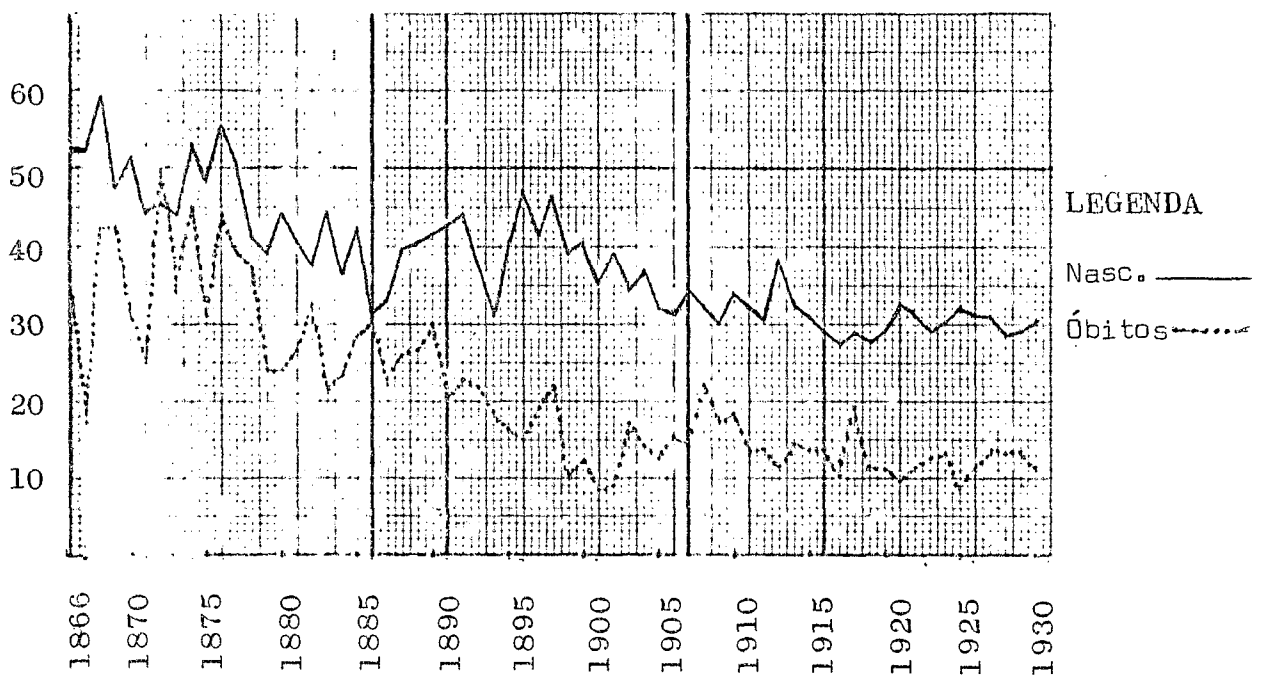
Nesta dinâmica demográfica, entre 1866 e 1930, distinguiu-se três fases: a) entre 1866 e 1886, natalidade e mortalidade eram al-

tas, 45,9 e 32,7 por mil, respectivamente; b) entre 1887 e 1907 surge a fase da explosão demográfica, quando a mortalidade apresenta uma baixa considerável, caindo de 32,7 para 18,0 por mil, enquanto que a natalidade apresenta apenas uma pequena queda, de 45,9 para 38,6 por mil (a queda da mortalidade marcou 14,7 pontos e a da natalidade, apenas 7,3 pontos); c) entre 1908 e 1930, a natalidade acentua a sua descida, de 38,6 para 30,9 por mil, 7,7 pontos de diferença; a mortalidade que já se encontrava relativamente controlada, desce de 18,0 para 13,6 por mil, 4,4 pontos de diferença. As taxas de natalidade vêm, gradativamente, ajustando-se às taxas de mortalidade. (gráfico 25)

A evolução, rumo ao equilíbrio demográfico, não se completara até o final do período analisado. A mortalidade alcançara um nível bastante baixo, enquanto que a natalidade, apresentava sua descida secular num ritmo mais lento, e suas taxas ainda não haviam chegado ao ponto das demografias modernas.

No entanto, o caminho estava aberto à quarta fase da transição demográfica, e estas transformações deram-se em tempo hábil, colocando a sociedade itajaiense entre as regiões progressistas do Brasil, e por outro lado, caracterizando a população pelo comportamento coletivo próprio do urbanismo.

GRÁFICO 25
 PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ
 EVOLUÇÃO SECULAR DA NATALIDADE E DA MORTALIDADE
 1866-1930



Fontes: Registros Paroquiais

A N E X O S

FICHAS PARA INDEXAÇÃO DE BATIZADOS

BATIZADOS LIVRES	BATIZADOS ESCRAVOS
data.....	data.....
lugar.....	lugar.....
nome.....	nome.....
nasceu.....	nasceu.....
pai.....	mãe.....
origem.....	pai.....
mãe.....	dono.....
origem.....
avós paternos.....	padrinho.....
.....liv-esc-forro
.....	madrinha.....
avós maternos.....liv-esc-forro
.....	comentário.....
.....
padrinho.....
madrinha.....
comentário.....	p/l_____
.....	
.....	

ANEXO II

FICHA PARA INDEXAÇÃO DE CASAMENTOS

data.....
lugar.....
noivo
nome.....
.....
origem.....
pai.....
origem.....
mãe.....
origem.....
comentário.....
noiva
nome.....
.....
origem.....
pai.....
origem.....
mãe.....
origem.....
comentário.....
TESTEMUNHAS
1 -
2 -
assinaram: 1 - sim _____ não _____
2 - sim _____ não _____

FICHAS PARA INDEXAÇÃO DE ÓBITOS

ÓBITOS LIVRES
data.....
lugar.....
nome.....
.....
idade.....
filho: legit. _____ nat. _____
pai.....
.....
mãe.....
.....
.....
conjugue.....
.....
causa.....
.....
sepultamento.....
.....
comentário.....
.....
.....

p/l _____

ÓBITOS ESCRAVOS
data.....
lugar.....
nome.....
.....
idade.....
pai.....
mãe.....
conjugue.....
dono.....
.....
causa.....
.....
sepultamento.....
.....
comentário.....
.....
.....

p/l _____

ANEXO VI

PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAJÁ
FERTILIDADE POR FAIXA DE IDADE

NÚMEROS REAIS DE NASCIMENTOS						
IDADES	COORTE B	COORTE C	COORTE D	COORTE E	COORTE F	
15-19	45	91	50	53	46	
20-24	117	217	157	252	268	
25-29	113	237	166	300	311	
30-34	84	180	131	227	187	
35-39	56	104	70	22	52	
40-44	23	24	17	24	10	
45-49	4	3	2	1	-	

NÚMERO DE MULHERES CASADAS CUJAS IDADES FORAM ENCONTRADAS

	90	159	116	205	235
--	----	-----	-----	-----	-----

Fontes: Registros Paroquiais de Casamentos e Batizados

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

I - FONTES MANUSCRITAS:

I.1.a LIVROS no Arquivo Metropolitano, em Florianópolis:

I.1.a de Batizados:

- nº 5 de 13.02.1869 a 02.03.1869
- nº 6 de 02.03.1869 a 03.11.1874
- nº 7 de 05.11.1874 a 17.02.1878
- nº 8 de 25.07.1878 a 24.09.1882
- nº 9 de 30.12.1882 a 08.08.1887
- nº 10 de 08.08.1887 a 16.07.1892
- nº 11 de 16.07.1892 a 23.10.1895

I.1.b de Casamentos:

- nº 3 de 20.03.1865 a 05.06.1876
- nº 4 de 01.07.1876 a 09.07.1887
- nº 5 de 16.07.1887 a 20.12.1896

I.1.c de Óbitos

- 1a de 16.04.1857 a 08.04.1868
- 1d de 07.08.1868 a 15.11.1880
- 2d de 16.11.1880 a 06.10.1891

I.2. LIVROS no Arquivo Eclesiástico da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí:

I.2.a de Batizados:

- nº 8 de 21.10.1895 a 10.01.1903
- nº 9 de 10.01.1903 a 19.03.1906
- nº 10 de 19.03.1906 a 19.06.1909
- nº 11 de 14.06.1909 a 24.12.1910
- nº 12 de 24.12.1910 a 07.05.1912
- nº 13 de 11.05.1912 a 08.01.1915
- nº 14 de 09.01.1915 a 10.03.1918
- nº 15 de 10.03.1918 a 31.08.1919
- nº 16 de 01.09.1919 a 25.07.1922
- nº 17 de 28.07.1922 a 13.06.1924
- nº 18 de 25.06.1924 a 14.08.1927
- nº 19 de 06.08.1927 a 18.05.1929
- nº 20 de 18.05.1929 a 30.04.1930

I.2.b de Casamentos:

- nº IV de 09.01.1897 a 01.02.1908
- nº 5 de 06.02.1908 a 18.06.1914
- nº 6 de 21.06.1914 a 05.01.1920
- nº 7 de 15.01.1920 a 20.12.1924
- nº 8 de 27.12.1924 a 28.06.1930
- nº 9 de 25.06.1930 a 27.03.1935

I.3. LIVROS de Óbitos no Arquivo do Registro Civil de Itajaí

- nº 2 de 03.01.1889 a 05.01.1891
- nº 3 de 07.01.1891 a 27.08.1892
- nº 4 de 27.05.1895 a 24.05.1896
- nº 5 de 29.05.1896 a 29.04.1897
- nº 6 de 29.05.1896 a 29.04.1897
- nº 7 de 06.05.1897 a 27.05.1896

- nº 8 de 28.05.1898 a 28.05.1900
- nº 9 de 08.07.1900 a 13.07.1903
- nº 10 de 14.07.1903 a 19.11.1905
- nº 11 de 23.11.1905 a 03.08.1906
- nº 12 de 05.08.1906 a 28.05.1907
- nº 13 de 29.05.1907 a 01.02.1908
- nº 14 de 03.02.1908 a 27.07.1908
- nº 15 de 28.07.1908 a 07.04.1909
- nº 16 de 07.04.1909 a 01.02.1910
- nº 17 de 06.02.1910 a 02.08.1910
- nº 18 de 04.07.1910 a 13.05.1911
- nº 19 de 14.05.1911 a 04.04.1912
- nº 20 de 05.04.1912 a 18.01.1914
- nº 21 de 25.01.1914 a 30.08.1914
- nº 22 de 03.09.1914 a 31.03.1916
- nº 23 de 01.04.1916 a 08.12.1919
- nº 24 de 09.12.1919 a 03.04.1923
- nº 25 de 03.04.1923 a 25.07.1925
- nº 26 de 26.08.1925 a 11.12.1927
- nº 27 de 11.12.1927 a 15.10.1929
- nº 28 de 18.10.1929 a 10.07.1932

I.4. DOCUMENTAÇÃO de Sesmaria de Santa Catarina, no Arquivo Histórico de Joinville. Pacotes: 1, 2, 3, 4, 5 e 6

II. TRABALHOS IMPRESSOS:

II.1. Mensagens, Relatórios e Falas:

FERREIRA DE BRITO, Antônio José. Falla, que o Presidente da Província de Santa Catarina, o Brigadeiro Antônio José Ferreira de Brito, dirigio á Assembléa Legislativa da Mesma Província na abertura de sua sessão ordinária em o 1º de março de 1841.

Desterro: Typ. Provincial, 1841.

ALBUQUERQUE LACERDA, Adolpho de Barros Cavalcanti de. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de Santa Catarina na sua sessão ordinária, pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, no ano de 1867. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1867.

SILVA CHAVES, Alexandre Rodrigues da. Relatório do Presidente da Província, o Doutor Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na sessão da 12a. Legislatura em o 1º de março de 1865, Typ. Catharinense de Ávila e Rodrigues, 1865.

KONDER, Marcos. O Município de Itajaí, monografia apresentada no Congresso das Municipalidades em 29 de setembro de 1927.

II.2. Jornais e Periódicos

BOITEX, Lucas A. Os Primeiros Povoadores de Itajaí, Blumenau em Cadernos, Tomo I.

SILVA, José Ferreira da. Itajaí - A Fundação e o Fundador, Blumenau em Cadernos, Tomo VIII

SILVA, José Ferreira da. Itajaí, Cem Anos de Município, Blumenau em Cadernos, Tomo III.

O ARGOS, Da Província de Santa Catarina, Desterro, 1860

O PROGRESSISTA, Jornal Político, Literário e Noticioso, Desterro, 1860.

A ÉPOCA, Florianópolis, 1918.

O CONCILIADOR, Organ do Partido Conservador, Da Província de Santa Catarina, Florianópolis, 1873.

O NOVIDADES, Organ Noticioso, Itajahy, 1904, 1905.

O PHAROL, Organ Commercial, Noticioso e Humorístico, Itajahy, 1906. 1907.

ACTUALIDADE, Joinville, 1918.

O INTRANSIGENTE, Orgão do Partido Republicano, Camboriú, 1918.

CORREIO DO NORTE, Joinville, 1918.

O ESTADO, Florianópolis, 1918.

ITAJAHY, Literário e Noticioso, Itajahy, 1903.

O ARÁUTO, Noticioso e Literário, Itajahy, 1903.

GREMIO TRES DE MAIO, Itajaí, 1902.

BOLETIM ESCOLAR, Collegio Itajahy, 1905.

GAZETA DO ITAJAHY, Aos Leitores de Itajahy, Blumenau, Brusque, 1892.

III. Livros Impressos:

HENRY, Louis. Técnicas de Análise em Demografia História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1977. Tradução de Altiva Pillatti Balhana e Jaime Antonio Cardoso.

CHAUNU, Pierre. História: uma ciência social, Cia. Ed. Nacional, S.P 1976.

MARCILIO, Maria Luiza, Demografia Histórica (org.) Col. Novos Umbrais, Livr. Pioneira Ed. S.P. 1977.

NIELSEN, Lawrence J. Uma Metodologia de Pesquisa para História demográfica, Florianópolis, 1977.

SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás. La Poblacion de America Latina, Madrid, Alianza Editorial, 1973.

SALZANO, F. M. e FREIRE-MAIA, N. Populações Brasileiras, S.P. Cia. Ed. Nacional/USP, 1967.

WRIGLEY, E. A. História y Poblacion, Madrid, Ed. Guadanama S.A. 1969.

WACHOWICZ, Ruy C. Abranches: Um Estudo de História Demográfica, Curitiba, Graf. Vicentina Ltda. 1976.

HUGON, Paul. Demografia Brasileira, S.P. Ed. Atlas S.A./USP, 1973.

CIPOLLA, Carlo M. História Econômica da População Mundial, Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1977.

BURGUÉRE, André. A Demografia, in: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, História: Novas Abordagens, pp. 58-82, Rio de Janeiro, Fco. Alves, 1976.

BELTRÃO, Pedro C. Demografia-Ciência da Pcpulação, Análise e Teoria, Porto Alegre, Livr. Sulina, Ed. 1972.

KULA, Witold; Problemas y Médodos de la. História Economica, 2a. Ed. Peninsula, Barcelona, 1974.

- PIAZZA, Walter F. A Colonização Italiana em Santa Catarina, IDESC, Florianópolis, SC. 1976
- PIAZZA, Walter F. Atlas Histórico do Estado de Santa Catarina, Ed. do Dep. de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, Florianópolis, 1970
- PIAZZA, Walter F. A Igreja em Santa Catarina - notas para sua história, Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1977
- BRITO, Paulo Joze Miguel de. Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina, escrita no Rio de Janeiro em 1816, Typ. da Academia de Lisboa, 1829. Impressa pela Sociedade Literária Biblioteca Catarinense, Livraria Central. Florianópolis, 1932
- CASAL, Aires de. Corografia Brasílica, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945, Fac-Simile da Edição de 1817
- LAGO, Paulo Fernando. Geografia de Santa Catarina - Instrução programada, Copertide, UFSC, Florianópolis, 1971
- SILVA, Zedar Perfeito. O Vale do Itajaí, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro, 1954
- CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina, Ed. Laudes, 2a. Ed. 1970
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina, Edição do autor, 2a. Ed. Florianópolis, 1977
- SILVEIRA JÚNIOR. Itajaí, Ed. Comemorativas Ltda. S.P. 1972
- MATTOS, Fernando Marcondes de. Santa Catarina - Nova Dimensão, UFSC 1973
- CABRAL, Oswaldo R. Medicina, Médicos e Charlatões do Passado, Imprensa Oficial do Estado, Florianópolis, 1942. Encicoplédia dos Municípios, Vol. 32
- CERVO, A.L. e BERVIAN, P.A. Metodologia Científica, Ed. Mowgraw-hill do Brasil Ltda. São Paulo, 1979
- SOUNIS, Emílio. Biostatística, Ed. Mowgraw-hill do Brasil Ltda. São Paulo, 1971
- Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicados sob direção do Bibliotecário Dr. João de Saldanha da Gama, 1885-1886, Vol. XIII, Rio de Janeiro, Typ. G. Leuzinger e Filhos, 1886
- Brasil: Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento da população do Império do Brasil a que se procedeu no dia 1º de agosto de 1872. Santa Catarina, Rio de Janeiro, 1873-1876
- Recenseamento do Brasil, Realizado em 1º de setembro de 1920, Typ. da Estatística, Rio de Janeiro, 1924, Volume IV - 1a. parte
- Censo Demográfico, 1º de setembro de 1940, Serviço Gráfico I.B.G.E. Rio de Janeiro, 1945 - Série Regional, parte XIX, Santa Catarina
- VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950, Serviço Gráfico I.B.G.E., Rio de Janeiro, dezembro de 1952, Volume XXVII, Tomo I, Santa Catarina

CURRICULUM VITAE

Maria Bernardete Ramos Flores nasceu em Ituporanga, Santa Catarina, a 20 de abril de 1946.

Títulos que Possui:

Licenciatura em História pela Fundação de Ensino do Polo Geo-Educacional do Vale do Itajaí - FEPEVI.

Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Titular em História Econômica-Geral e do Brasil pelo Parecer nº 244177 do Conselho Federal de Educação.

Atividades Profissionais:

Em 1962, ingressou no Magistério Público Estadual, como Professor de Escola Primária, função que exerceu até 1976.

A partir de 1972, passou a lecionar, ao lado da Escola Primária, História, como Professor Designado nas Escolas Básicas do Estado.

Em 1977, lecionou História Antiga e Medieval, como Professor Auxiliar, na FEPEVI.

Também, em 1977, acessou ao P.F.17 e passou a lecionar História no 2º Grau, no Colégio Estadual "Deputado Nilton Kucker", função que exerce atualmente.